REVISTA DA SEMANA

N.º 33 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL 13-8-49


BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL



COMPRE

"A CENA MUDA"

Agora em sua fase mais empolgante

MODERNA!
MOVIMENTADA!
VARIADA!

Uma revista de cinema para
os fans de cinema

ASSUNTOS PALPITANTES, AMPLAMENTE ILUSTRADOS COM BELÍSSIMAS FOTOGRAFIAS

Semanalmente

- ★ REPORTAGENS
- ★ ARTIGOS ASSINADOS COM EXCLUSIVIDADE
- ★ CRÔNICAS
- ★ HUMORISMO
- ★ CRÍTICAS
- ★ FLAGRANTES
- ★ CURIOSIDADES
- ★ MEXERICOS
- ★ "CLOSE-UPS" DE ASTROS E ESTRÊLAS
- ★ MAIÔS
- ★ LETRAS DE MÚSICA
- ★ CINE-ROMANCE
- ★ ENTREVISTAS
- ★ TESTES
- ★ MODAS
- ★ E MAIS: SEÇÕES DE RÁDIO, JAZZ, TEATRO E MÚSICA

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

CRÔNICA

Diante do mar um vulto passava...

TODOS os dias, ao romper da aurora, a preta velha vinha e se sentava a um banco que ficava bem defronte à janela do meu quarto.

Ainda muito cedo, tudo escuro, só se vendo carrinhos de padeiros entre as brumas que vinham lá do sul, a velhinha metida em seus andrajos, sentava-se no banco lá da praia, fitava o mar cinzento, indecifrável, e se ficava imóvel, pensativa, como quem reza sem mover os lábios.

Que história triste a preta velha tinha? Qual o segrêdo dessa dor secreta que lhe trazia a vida estraçalhada até àquele banco em frente ao mar, ainda madrugada, tão cedinho?

Aquela velha tinha a sua história. Talvez uma saudade infinda, imensa, a merguihar sua alma dolorida na triste escuridão daquela vida que só o verde mar compreendia e lhe falava docemente terno no sussurro das ondas que beijavam as areias da praia calmarenta, nesse idílio que o céu contempla ao longe, para não perturbar o doce enlêvo que Deus legou à grande Natureza.

Numa manhã, bem cedo, eu fui falar-lhe. Qual o mistério da velhinha preta? Talvez, quem sabe, o mar roubara, um dia, o coração de mãe tragando o filho, que partira p'ra longe e não voltara?

Apiedei-me dela, da velhinha, tão só, tão pensativa em frente ao mar, Penélope a esperar por seu Ulisses, naqueles vinte anos de tortura, a tecer, a fiar por dia e noite, com os olhos no mar, esperançosos.

Mas esta preta velha não fiava. Não tecia, talvez, porque não tinha alguns cruzeiros p'ra comprar a linha, agulhas e dedal ou mais petrechos necessários ao belo passatempo.

Quando cheguei bem perto àquele vulto, metido em roupas que denunciavam a mais triste pobreza dêste mundo, senti no fundo dalma a pena atroz que lanceola o coração humano em face da desgraça sem remédio dos infelizes sêres desta vida.

A preta velha, louca inofensiva, nem sequer pressentiu minha chegada. Não quis virar seu rosto para mim, indiferente à vida que a cercava, embebida na dor que a torturava, e somente do mar compreendida.

— Bom dia, vovozinha, disse eu, para puxar conversa com a velhinha. Mas ela conservou o seu silêncio, como se fosse o mar o seu sacrário, em frente ao qual, silenciosamente, ela rezasse em paz sua oração.

Eu não quis repetir a saudação. Envergonhei-me até dêsse meu gesto. Pra que despertar aquêle espírito, que rendia seu preito a alguém distante, que a espuma do mar representava a mensagem da dor ou da saudade, trazida àquele peito amargurado, que ninguém jamais compreenderia?

Já bem alto ia o sol naquele dia, era intenso o passar de muita gente, de carros, de pedestres, de banhistas, e de meninos a jogar peteca, ou de marmanjos em seu futebol.

E a velha preta, imóvel no seu banco, parecia estar bem longe do mundo. Não comia, não bebia, assim silente, era mais uma morta que uma viva, esquecida de todos e de tudo, no tumulto da grande capital.

Ao gari que passava no momento a levantar o pó daquela rua, perguntei que velhinha era aquela, que tôda a madrugada se sentava naquele mesmo banco lá da praia e ficava a fitar o mar imenso, num mutismo de santa nos altares, indiferentes às lutas dêste mundo?

O varredor de rua, num suspiro, tirando o seu chapéu já rôto, imundo, me respondeu que apenas conhecia uma parte da vida da velhinha, que viera de longe e aqui ficara, esperando o seu filho amado e único, que o mar levou e nunca devolveu.

Foi lutar em defesa do Brasil. Deixou no lar humilde a velha mãe, trespassada de dor por ver o filho separar-se de si para tôda a vida.

Meses e anos se passaram. Até... Até que um dia a pobre mãe aflita soube que o filho não voltava mais. Nos Apeninos frígidos, inóspitos, o filho amado para sempre jaz.

Daquele dia em diante a preta velha, tôda manhã antes de o sol nascer, vai ela à praia, vai pedir ao mar que lhe devolva o filho que, se foi, tesouro, amor de um coração de mãe.

Por isso não vê o mundo que a cerca. Procura ver no mar, nas suas ondas, o vulto do seu filho inesquecível.

Senti pela velhinha que não dorme, que só vive a velar naquele banco, a mais triste das penas dêste mundo. Sua imagem de "mater dolorosa", enche de sombra a luz das madrugadas, na imensa dor de um coração de mãe.

RENATO DE ALENCAR ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

Sumário

SEÇÕES PERMANENTES
Diante do mar um vulto passava (Renato de Alencar) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
Correio da REVISTA 58
REPORTAGEM
Êles invadiram a Inglaterra (Harold Green) 4/ 7
Brancos com pinta na testa (Carlos Galvão Krebs) 26/29
A bela e as feras (Hélio Fernandes) 32/37
Como nasce um assunto 54/58
LITERATURA
Livros novos 10
Vida literária 14
HUMORISMO
O mundo manca e a mula murcha 11
Os homens e os bichos (Théo) 16
ROMANCE
Viver com amor 12/13
RÁDIO
Broadcast 17
NOVELA
Despeito (Raul Mateos) 18
SUPLEMENTO FEMININO
Nos bastidores femininos 19
Novas blusas 20
Noites de sonho 21
O amor é assim 22
Detalhes e novidades 22
Detalhes de beleza 23
Mães e filhos 23
A saúde do bebê 24
"Pied de Poule" 24
Modelos de Hollywood 25
Os problemas da mulher 25
Para a nova estação 40
Sugestões para o inverno 41
Passo a passo 43
Week-end na cozinha 43
CONTOS
Um castigo original (Eugênio Morato) 30
A morte de Andrade Lefranc (Lausimar Laus) 42
CINEMA
Cine-Revista 38/39
MÚSICA 44
TEATRO 45
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu 46
TURISMO
Bilhetes do meio do mundo 47
FOLHETIM
Scarlet 51
ARTES PLÁSTICAS 58
ILUSTRADORES
Armando Pacheco
Renato de Sousa

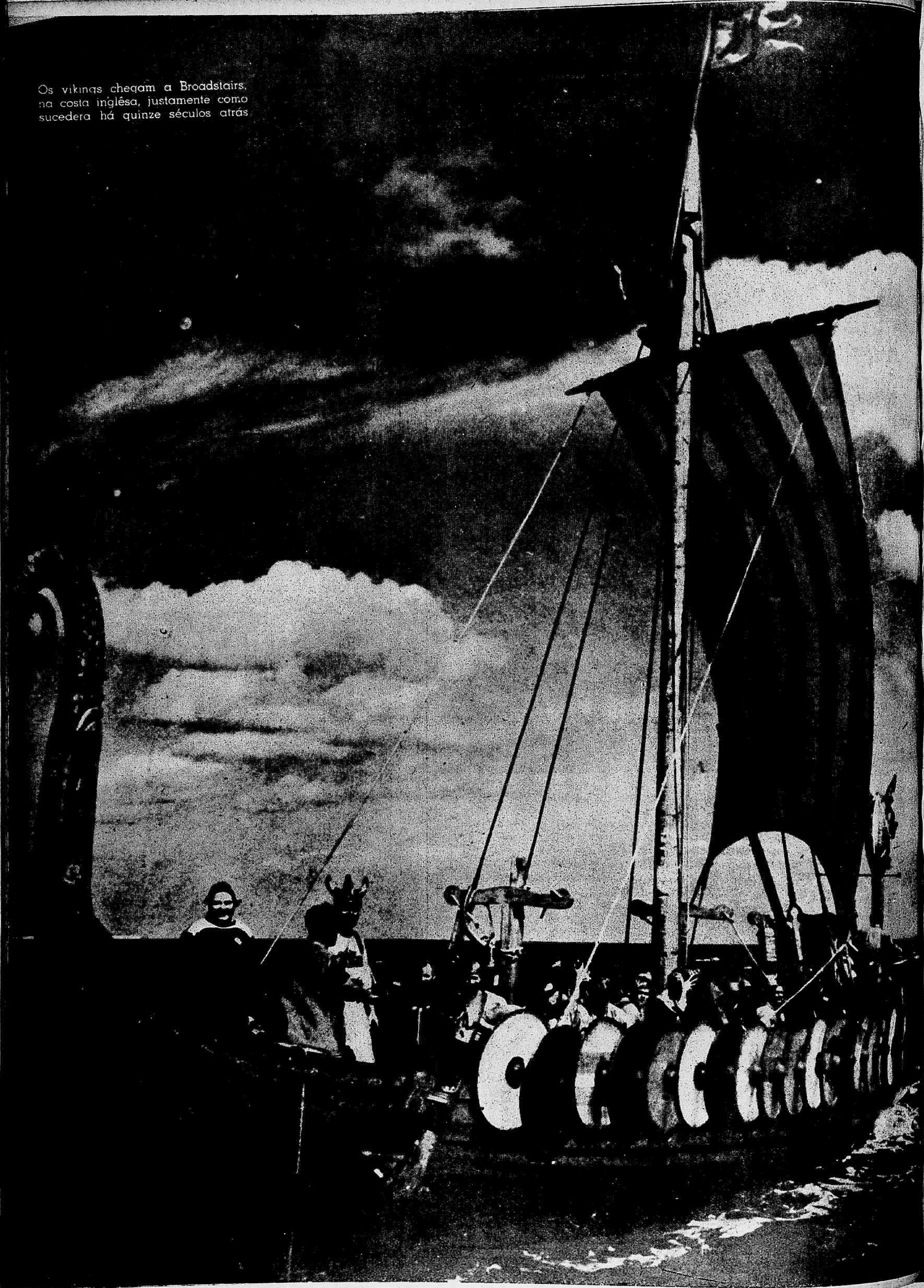
NOSSA CAPA

NOSSA CAPA

Na nossa capa de hoje apresentamos a encantadora figura de Angela Lansbury, uma loura viva e inteligente, que pouco a pouco vem se impondo entre os grandes nomes de Hollywood. Artista exclusiva da Metro, Miss Lansbury recentemente apareceu ao lado de Katherine Hepburn e Spencer Tracy em "Sua espôsa e o mundo", e virá, com Lana Turner e outros, em "Os três mosqueteiros".



(Foto M.G.M.)



Os vikings chegam a Broadstairs, na costa inglêsa, justamente como sucedera há quinze séculos atrás



Há 1.500 anos, nestes mesmos rochedos de Ebbsfleet, Hengist, o invasor, era recebido pelo Rei inglês

ÊLES INVADIRAM A INGLATERRA!

Texto de HAROLD GREEN — Fotos KEYSTONE

APESAR de só contar com trezentos e quinze mil quilômetros quadrados, a Inglaterra tem sido ambicionada por muitos povos da Europa. Aquela ilha desejada e sempre tão defendida pelos seus habitantes, sempre se viu sitiada de inimigos por todos os lados, e os olhares cobiçosos de Reis e Imperadores dos povos do norte nunca deixaram de tentar seus desembarques ali e a conquista final da ilha.

Os maiores conquistadores vinham do norte, lá dos países escandinavos, e, por isso, eram chamados de normandos, ou homens do norte. Eram especialmente da Dinamarca e da Noruega.

Com os nomes de **Varegues** ou **Rous**, ocuparam os vales do Dnieper superior aí por volta dos meados do século IX, passando a dominar a região de Smolenski, Kiev, etc., de onde seguiram para os lados do Oriente Médio, colocando no poder um dos seus chefes de nome Igor, em Constantinopla.

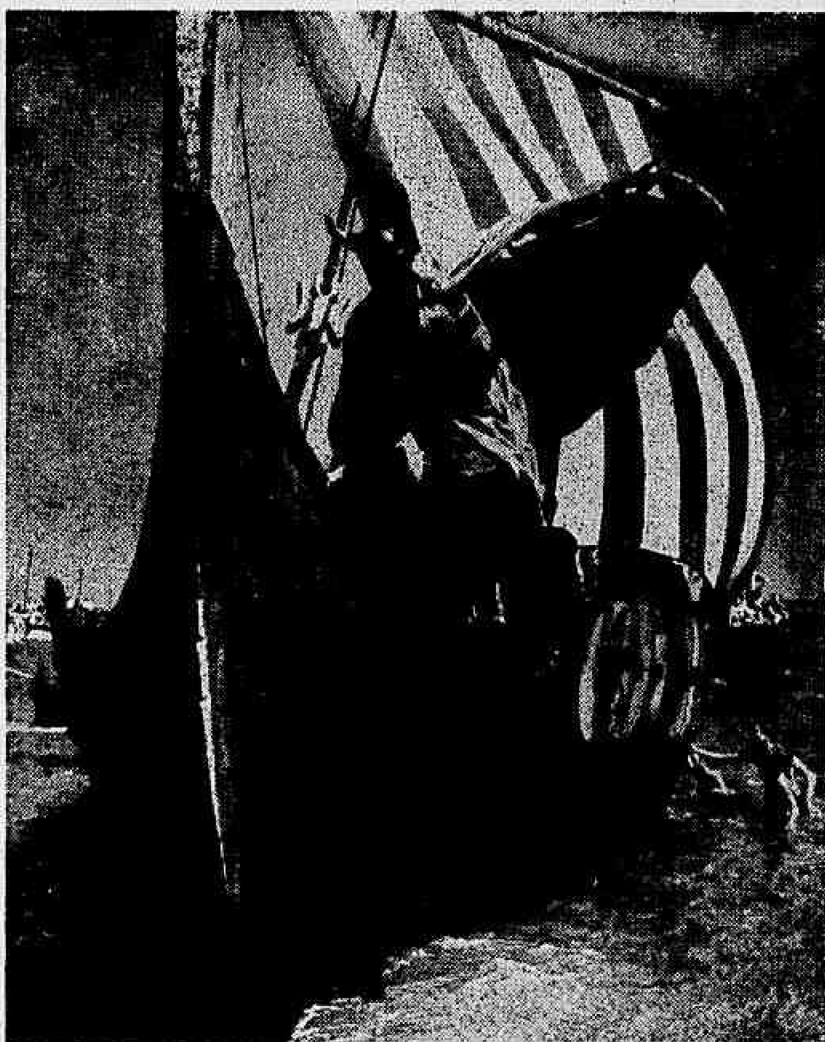
Entretanto, nunca os normandos tiveram simpatias pelas regiões do oriente, dedicando-se muito mais às conquistas da Europa ocidental, para onde continuaram a emigrar cada vez mais.

Povo guerreiro e audaz, organizavam-se em pequenas e originais embarcações de pequeno calado denominadas drakares, desciam até às costas da França, como sucedeu no fim do reino de Carlos Magno e, daí, se espalhavam por tôda a costa ocidental da Europa.

Gostavam muito de aportar à embocadura dos grandes rios, o que lhes era favorável em virtude do feitio de seus barcos.

A Inglaterra despertou grande interêsse entre êsses invasores, que passaram a ser chamados de vikings. Grandes expedições foram organizadas, centenas de **drakares** foram lançados ao mar lá da Escandinávia e centenas de guerreiros se prepararam para a invasão das Ilhas Britânicas do Mar do Norte.

Somente com Alfredo, o Grande, teve fim êsse fluxo invasor. O que sucedia há mais de seis séculos, voltaria a verificar-se no tempo de Napoleão, de Hitler e... quem sabe lá se em outras guerras futuras a velha Albion não tornará a ficar sob o nervosismo que sentiam os seus habitantes nos tempos dos vikings?



O "Hugin", o barco invasor dos vikings chegando à costa inglêsa e dele descendo Erik Kersguard

A reconstituição histórica dêsses acontecimentos que datam de mil e quinhentos anos de nossa era, foi levada ultimamente a efeito pelos atuais habitantes da Dinamarca.

Vestiram-se a caráter e tripularam novos **drakares**, como se ressurgissem os antigos e audazes vikings e foram invadir a Inglaterra, aportando justamente no mesmo local histórico de seu desembarque, em Cliffsend.

Quantos dias teria que durar essa arrojada travessia dos invasores? Nada menos de dez, leitor amigo!

O fato despertou imensa curiosidade entre os habitantes da Dinamarca, afluindo para a praia de Esjberg umas quinze mil pessoas e centenas de turistas britânicos, para ver a saída do "Hugin", um barco dos "Vikings", construído especialmente para essa expedição.

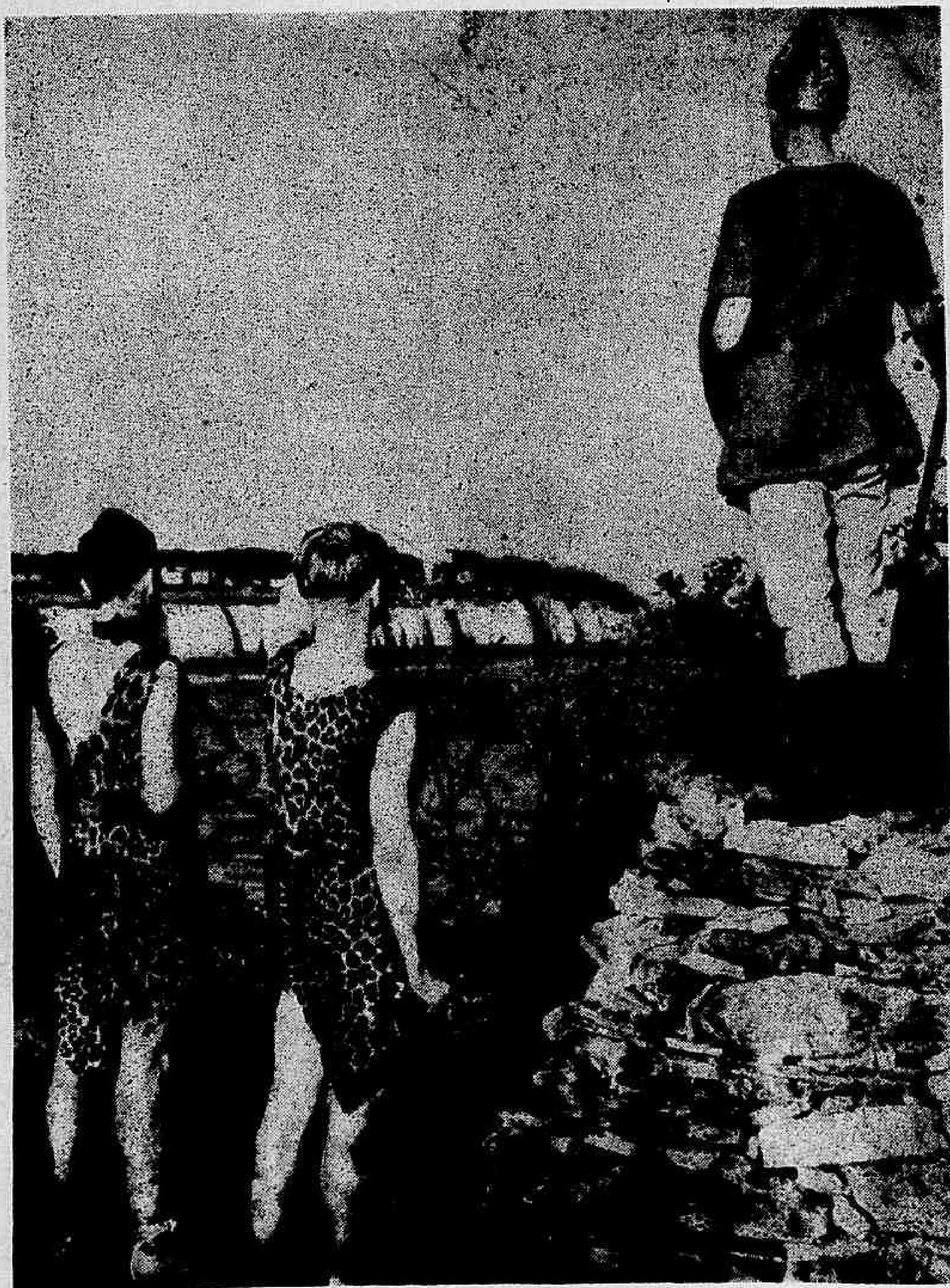
O "Hugin" levava a bordo cinquenta e dois "vikings" devidamente armados e dispostos a invadir a Inglaterra.

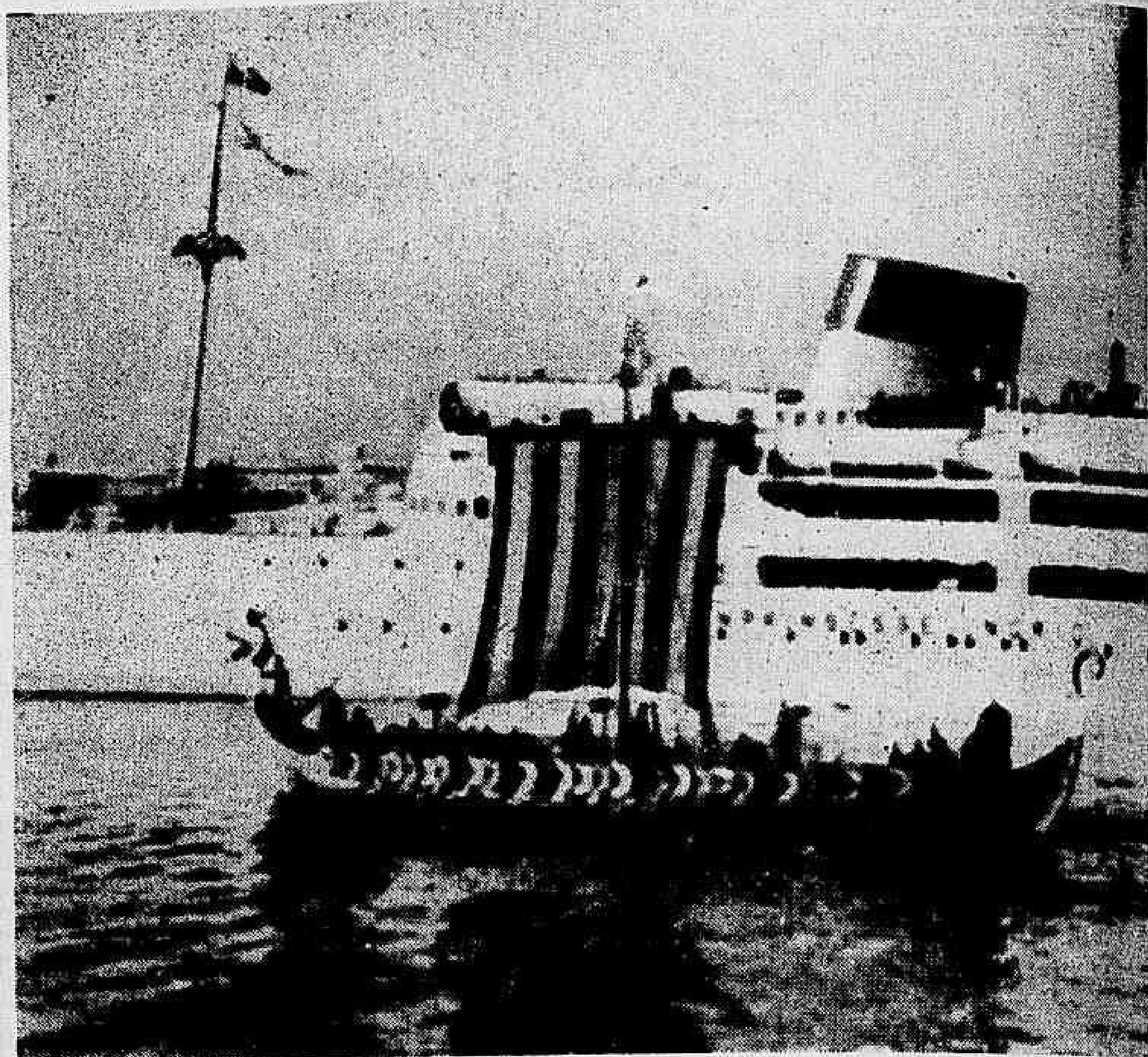
No ano de 400 e tantos, a expedição dos normandos era chefiada por Hengist, que teve de enfrentar a resistência do Rei Vortingerm de Kent, com quem se encontrou nos rochedos de Ebbsfleet. Na cena de agora, que se revestiu de tôdas as características do ano de 449, há 1.500 anos, não houve luta e sim curiosidade geral, aplausos aos artistas e muita alegria entre os dois povos aliados.

Essa festa foi organizada entre os dois povos a fim de comemorar a passagem do 1.500.º aniversário da invasão da Inglaterra pelos vikings, sonho de Hitler, que se esfarelou diante da coragem e valor da **R.A.F.**

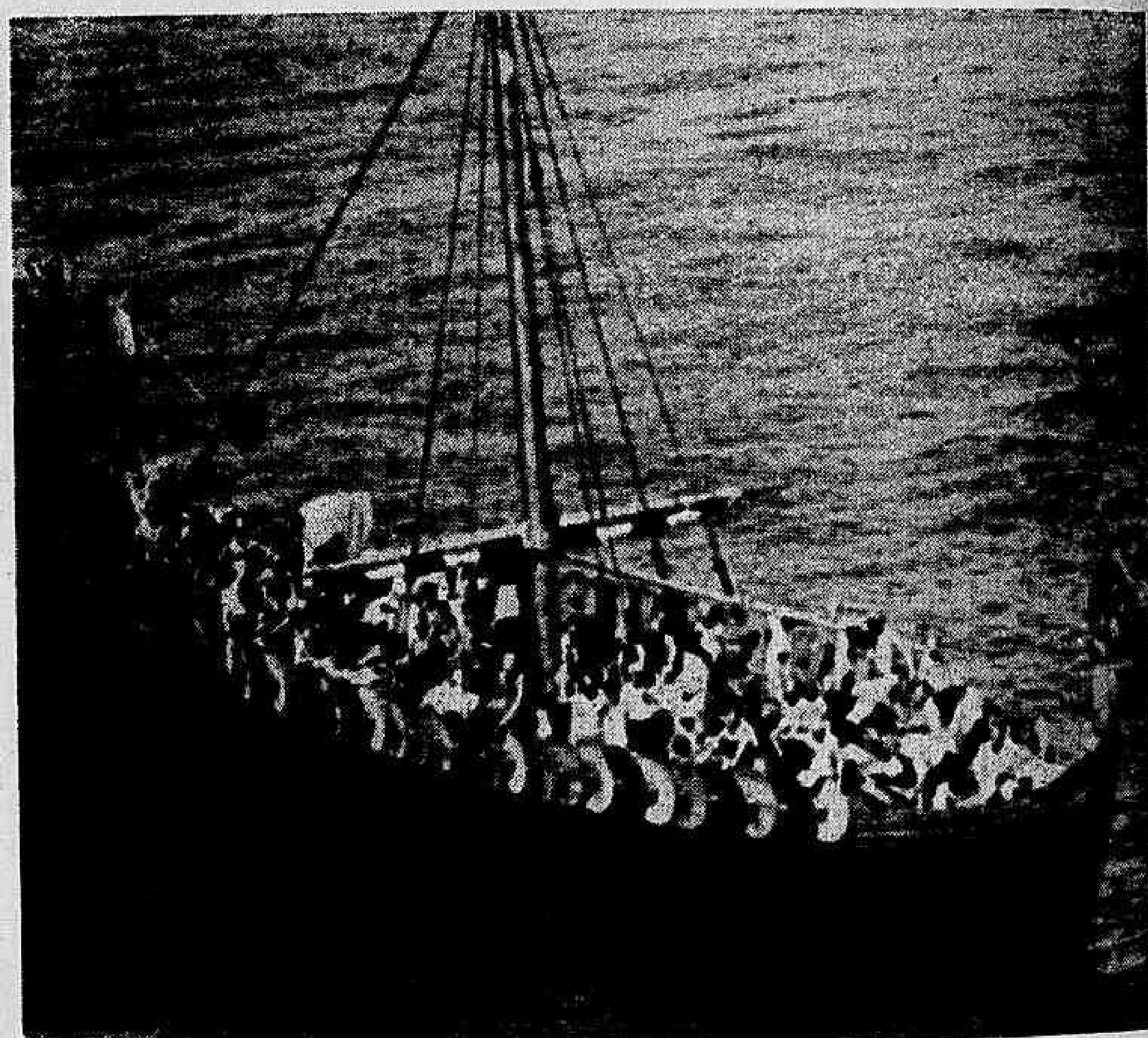


Em cima: Êsse viking do ano 449 é um dentista de Copenhague de 1949. Mas a pequena está com muito medo dele. Em baixo: Na costa inglêsa os sentinelas gritaram: "Invasores à vista!" E todo mundo se preparou para a luta



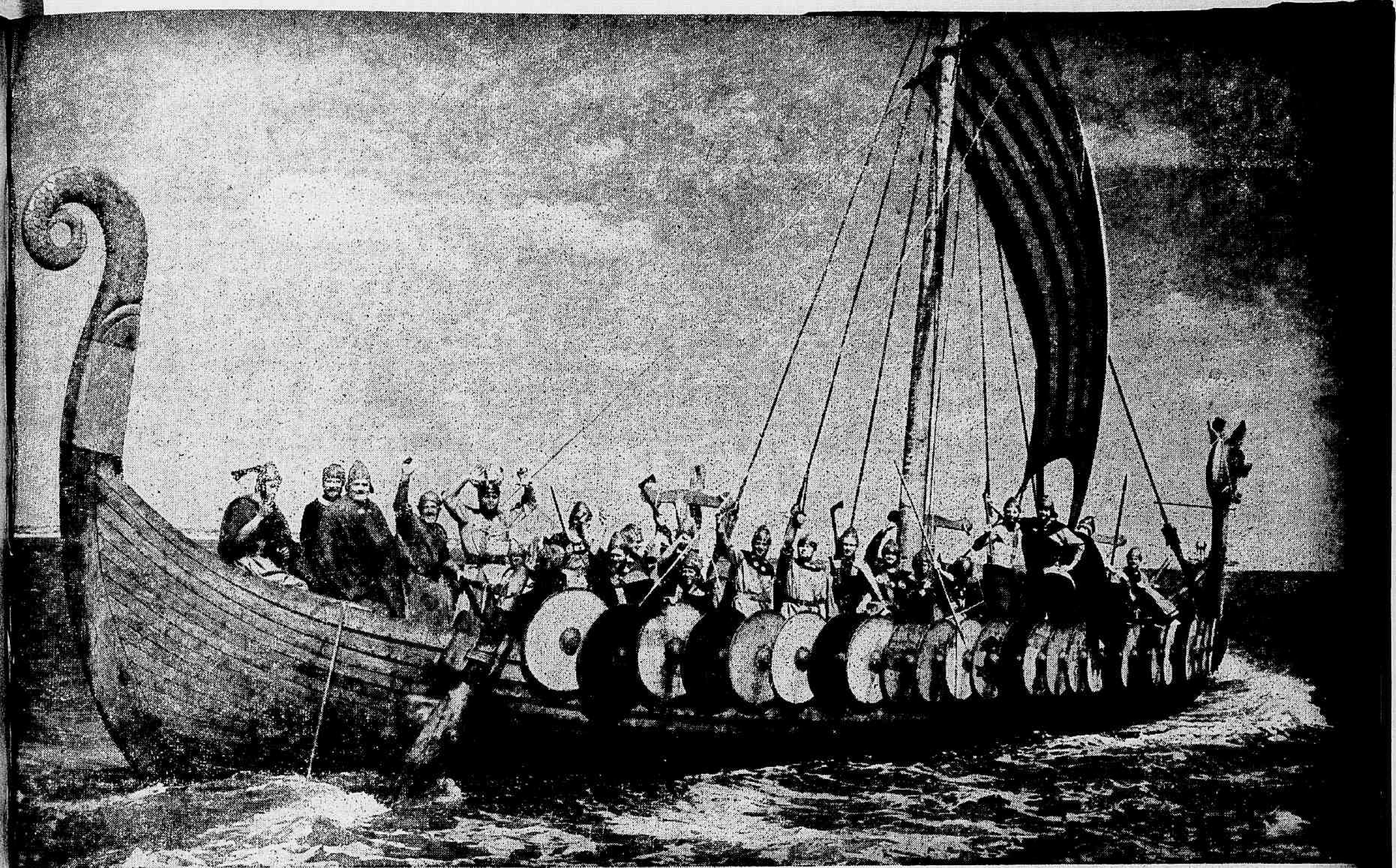


De cima para baixo: Contraste! Os vikings no momento da largada, passam junto a belíssimo e moderno transatlântico. O povo de Ramsgate se trajou exatamente como



naquele ano de 449 para receber os vikings invasores. Dos penhascos de sua terra, o Rei Vortingern de Kent está pondo as barbas de môlho diante do perigo





Ao alto: Os dinamarqueses invadem a Ilha Britânica! Aqui está o "Hugin" aproximando-se da costa inglêsa. Em baixo: Invasores e invadidos confraternizam repetindo a cena que aqui mesmo se passou no ano 449





Em tôdas as grandes capitais as corridas nos hipódromos constituem acontecimentos de grande relêvo social, afluindo aos prados nessas tardes de elegância e distinção, o que de mais fino existe na sociedade, além da massa popular.

São famosos os hipódromos de Londres e de Paris. O nosso, da Gávea, já se tornou também conhecido em todo o mundo, não apenas pela natureza exuberante de beleza que o cerca, dando-lhe uma moldura única em todo o mundo, como pelas suas proporções e construção monumental e os parelheiros que nele atuam.

Desde que foi instituído em nossa capital, o "Grande Prêmio Brasil" vem conquistando todos os aficionados do turfe, e, muito antes da corrida do "Sweepstake", de todos os recantos do país chegam ao Rio pedidos de compra de bilhetes, indagações sôbre jóqueis e cavalos que vão figurar na grande pugna que empolga a nação de norte a sul.

Na semana da corrida máxima de nosso hipódromo, já não se fala noutra coisa



Pierre Vaz, o vitorioso jóquei do Grande Prêmio Brasil de 1949, que, montando "Carrasco", bateu o "record" de "Helium", em 1946

senão no "Grande Prêmio Brasil". Do mais modesto operário ao mais opulento magnata de nosso comércio bancário, industrial ou comercial, o motivo de impressões, a palestra, o interêsse incoercível está totalmente dirigido para o supremo acontecimento de caráter nacional.

Para o "Grande Prêmio Brasil" dêste ano, o XVII que se realiza na Gávea, as atenções se voltavam para cavalos de renome, como o célebre "Heliaco", tendo-se mesmo divulgado uma denúncia sôbre fraude da pista que tentavam molhá-la para dar maior possibilidade àquele "crack".

Em meio de grande nervosismo e expectativas das mais diversas, realizou-se afinal a grande corrida, com tempo primaveril, saindo vencedor o cavalo "Carrasco", montado por Pierre Vaz, que já era detentor de uma vitória igual em anterior "Sweepstake", quando montava "Miron" no "Grande Prêmio Brasil", de 1946.

Volta, pois, o jóquei Pierre Vaz a empolgar as atenções do Brasil inteiro repetindo o mesmo feito de três anos passados, mas, desta vez, com muito maior brilho por ter batido o "record" que pertencia a "Helium", com 184 segundos e 3/5, fazendo o percurso em 184 segundos, exatamente.

a Semana EM REVISTA

CRISTO E SUA CRUZ Sempre que um escritor não tem muito que fazer, escolhe Cristo para encher tiras de papel. Uns são levados à negação. Outros, embora não lhe n.guem a existência, escrevem certas coisas que já não têm nenhuma razão de ser. George Erandès, famoso intelectual e historiador sueco, homem que se estiver ainda vivo deve conduzir no lombo seus 75 janeiros, escreveu há anos uma obrinha de cem páginas, com muita citação e documentos contemporâneos do Redentor da Humanidade. O livro de Erandès teve grande repercussão na Europa e foi traduzido em várias línguas, chegando até nós através de uma editora de Buenos Aires. Outros, entretanto, se ocupam de Jesus, mas para repetir o que já está dito no Novo Testamento, segunda parte da Líblia, sem qualquer interêsse histórico ou de novidades. Há, porém, um terceiro grupo que, de quando em quando, lança umas idéias curiosas em relação a Cristo e sua vida até ao Calvário. Dentre êsses está o médico britânico W. B. Primrose, de Londres. Para êsse facultativo a análise dos testemunhos da Bíblia leva a crer que Jesus pode não ter morrido na cruz. Explica em seguida o médico em artigo publicado no "Hibbert Journal", revista trimestral de religião, teologia e filosofia, que as feridas que os algozes fizeram no corpo de Jesus antes da crucificação, não teriam sido suficientes para matá-lo na cruz. Por êsse motivo o dr. Primrose, analisando o tipo dêsses ferimentos, chega à conclusão de que Cristo não estava morto ao desc r da cruz, mas num estado de abatimento profundo, vindo a morrer depois que o colocaram no túmulo. Não seria melhor que êsse médico procurasse em primeiro lugar conhecer o estado de seus clientes?

★

A ESMOLA MINIMA "Le monde marche", disse um senhor Pelletan, filósofo francês muito citado pelos nossos eruditos do século passado. Marchar, na verdade, todos marcham, até os mendigos, os cegos, os aleijados, os ociosos. O diabo é que ninguém sabe para onde êsse mundo marcha e com êle tôda a humanidade. Dizem os astrônomos que nosso sistema planetário corre à razão de uns 30 quilômetros por segundo na direção da Grande Ursa. O sol é que nos guia, conduzindo-nos para aquelas paragens do infinito insondável. Desta forma se sabe que vamos todos correndo para aquêle ponto da abóbada celeste; mas, enquanto isso não chega ao fim, uma vez que serão necessários vários bilhões de séculos para que todo êsse mundareu atinja essa primeira etapa de sua viagem turística, devemos pensar um pouco mais simpl smente, isto é, para onde é que marchamos aqui mesmo dentro de casa. O assunto despertou essas considerações em nosso espírito quando vimos, há poucos dias, um aleijado que expunha as pernas no pass io da rua do dito, e pedia esmolas. Êle não rogava "pelo amor de Deus", e sim por obséquio. Até parecia algum condutor desempregado. Os cristãos que deixavam os cinemas se mostravam contristados com aquêle espetáculo doloroso e iam dando alguma coisa ao pedinte. Um senhor, porém, sem conhecer qual o dispositivo de lei que estabeleceu a esmola mínima para os mendigos do Rio de Janeiro, meteu a mão no bolsinho da calça e tirou dali uma mo da, jogando-a no chapéu do esmoler. Para que fêz isso! O mendigo estrilou e, atirando o níquel sôbre a multidão, verberou: "Para que dá um tostão? Que posso comprar com essa moeda?". E' que sua base mínima era de 50 centavos...

★

TROCADORES DE ÔNIBUS Não é somente no Rio que s nota falta de urbanidade de motoristas e de trocadores em relação ao público que se serve de seus veículos. Mas, sem recorrer a estatísticas, convenhamos que os desta cidade estão cada vez mais abusivos no direito de irritar o povo. Só m smo pela natureza tolerante de muitos é que não registram as delegacias de polícia, diariamente, conflitos entre pasageiros e trocadores ou choferes de ônibus. Até com as senhoras da mais elevada distinção, êsses mal educados gostam de tirar suas casquinhas. Desapareceu aquêle princípio de urbanidade e cortesia, de respeitosa cortesia que todo mundo deve ter para com as senhoras, sejam de que classe forem e como estiverem vestidas, se grã-fina ou proletariamente. Por êsse motivo o Sindicato de Condutores de Veículos propôs a criação de um curso de Boas Maneiras destinado aos trocadores. Essa escola de civilidade funcionará no próprio edifício-sede do Sindicato. Segundo dizem, o seu programa pedagógico de educação dos trocadores de ônibus constará de palestras e de aulas práticas. Os que já estiverem empregados naquele serviço, farão um estágio no curso; mas os que se candidatarem a tais empregos terão que fazer um curso completo na Escola de Boas Maneiras, sem o que não poderão ser admitidos no emprêgo. O pensamento do Sindicato é que dêsse curso possam sair trocadores tão educados que possam dar lições de boas maneiras aos próprios passageiros... O sr. Edgard Estrêla apóia a idéia e vai combinar as bases da Escola. Muito bem! Mas não se esqueçam de incluir na mesma os motoristas e um dispositivo de ser compulsória a matrícula a quantos tiverem essa função de servir o público. E punição séria aos que faltarem ao dever.

NERVOSISMO GUERREIRO Todos os jornais estão cheios de correspondência telegráfica do exterior dando contas das conversações entre chefes militares dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França e outros países europeus, acêrca dos preparativos bélicos para a defesa da Europa Ocidental. Todo o plano em estudo está compreendido no Pacto do Atlântico Norte. Para essa predisposição militar pediu o presidente Truman um bilião e quatrocentos e cinquenta milhões de dólares, que, ao câmbio de 20 cruzeiros, significam ap nas 29 (vinte e nove) milhões de contos de réis! Ou seja ainda 130% de todo o dinheiro em circulação no Erasil. Mas isso ainda não é nada. Segundo o corespondente telegráfico da United Press, o Govêrno britânico já tomou as providências iniciais para proteger a população civil contra a guerra atômica e as bacteriológica. Para êsse o fim o Ministério do Interior anunciou que entrarão em vigor a 10 do corrente as disposições da Defesa Civil já aprovadas pelo Parlamento. Como vemos por êsse telegrama de Londres e expedido pela U.P., a Inglaterra toma as primeiras medidas para defender-se de ataques com a bomba atômica... Ora, segundo dizem os técnicos de lá mesmo, somente um país, os Estados Unidos têm essa arma de destruição. Nenhum outro povo a possui. De onde virá a guerra atômica contra a Inglaterra? Dos Estados Unidos? Claro que não. Da França? Muito menos. Da Rússia? Mas êsse país não tem a bomba sensacional, ou, pelo menos, só poderá dispor da mesma dentro de cinco anos, no mínimo. Ou é que já se tem a certeza de que os russos podem fabricar essa bomba e é preciso cautela? Precaução e água benta não fazem mal a ninguém.

★

JUIZES SUSPEITOS Jurar suspeição é um direito que se reconhece a todo juiz a quem cabe dar parecer ou julgar sôbre causas que dependem de sua ação de justiça. Muitas vêzes o feito proposto envolve pessoas da família do julgador, ou êste tem interêsses ligados à causa em aprêço. Diante dessas circunstâncias, para que não se transforme em juiz em causa própria, o mesmo jura suspeição e passa a outro o dever de julgar. Mas isso não é muito comum, pois de ordinário êsses sacerdotes da Justiça não se vêem compreendidos em negócios e interêsses comerciais, financeiros ou econômicos. Os nossos juízes se caract rizam pela sua posição de absoluta independência, vivendo para seus autos, para a família, com os rendimentos que a toga lhes confere sem maiores ambições de mando ou de dinheiro. Foi, pois, com imensa surprêsa que o povo carioca leu num dos nossos matutinos esta sensacional notícia: — Quinze juízes juraram suspeição. A causa dêsse fenômeno é que todos declararam que tinham interêsse na causa! O fato é positivamente inédito e se resumiu no seguinte: — O juiz José de Aguiar Dias propôs uma ação contra a União Federal, na qual pleiteava a reparação de determinado direito. A ação começou sua viagem pelas diversas Varas desta capital. Na Primeira, o juiz jurou suspeição; foi à Segunda, a mesma resposta; à Terceira, id m. E assim por diante, a ação do juiz Aguiar Dias percorreu tôdas as Varas Cíveis e as da Fazenda Pública do Distrito Federal, obtendo em tôdas elas o mesmo despacho: juravam suspeição... Mas seria possível que todos os juízes tivess m interêsse na ação? De fato, leitor amigo, juravam suspeição por isso mesmo! Inédito.

★

O PROBLEMA DOS MENORES Desde que nasce até que morre, vive o brasileiro a ouvir falar em problemas. De tudo neste belo e fértil país se faz um problema. Mesmo que os fatos nada disso encerrem, não lhes damos outro nome que não seja o de problema. O probl ma da carne, o do trigo, do feijão, do arroz, da manteiga, do leite, da moradia, dos banhos de mar, da água, da luz, do gás, dos telefonemas, das filas, das passagens, do turismo, das lavandarias, dos restaurantes, do trânsito, do cinema, do teatro, dos namorados, das enchentes, das sêcas, do livro, dos correios e, por último... o da sucessão presidencial. Entretanto, os verdadeiros problemas, os que, na verdade, exigem estudos e solução rápida, êsses vão ficando à margem da história do país. Um dêsses problemas é o dos menores sem eira nem beira, nem ramo de figueira. O menor abandonado por tôda a extensão dêsse imenso país agrícola é qualquer coisa de trágico e doloroso. Sempre surgem idéias: mas, tôdas elas muito mesquinhas, insuficientes e locais. O que era preciso, isto sim, era um organismo federal que abrangesse todos os recantos do Brasil e desse destino à criança e à juventude brasileira que se perdem por falta de educação, de assistência, de emprêgo útil em lavouras, fazendas, fábricas, estabelecim ntos comerciais, escolas, etc. Há um projeto na Câmara Federal que cria a Cidade dos Menores do Brasil no Planalto de Goiás na área da futura Capital Federal. Mas está êle sendo combatido com alegações pueris e problemáticas. E, como estamos diante de outros problemas muito sérios como êstes de comissões para localizar-se o pico onde ficou mesmo a Arca de Noé, a Cidade dos Menores do Brasil ficará para as calendas gregas...

ANO XLVIII — REVISTA DA SEMANA — N.° 33 — 13-8-1949

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 140,00 — Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 170,00 — Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00 — Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 23-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Declara Truman que os Estados Unidos conseguiram grandes progressos na produção da bomba atômica. ★ A Bulgária, a Rumânia e a Hungria receberam notas dos Estados Unidos e Inglaterra acusando-as de infringência dos tratados de paz. ★ Asseveram que, com os auxílios econômicos e militares dos Estados Unidos, está diminuindo a capacidade de resistência dos guerrilheiros gregos. ★ Entram em greve cento e vinte mil trabalhadores em construção na Argentina. ★ Dissolve a polícia de Buenos Aires uma reunião de estudantes comunistas. ★ Um cientista australiano prevê que a Rússia só possuirá a bomba atômica dentro de cinco anos. ★ O primeiro ministro Attlee, da Inglaterra, adoeceu, sendo o terceiro dos grandes daquele país que adoece durante a crise do govêrno inglês. ★ Marshall é favorável à ajuda armada ao estrangeiro. ★ Estão preocupados os exportadores norte-americanos com as restrições impostas pelo govêrno brasileiro às compras no exterior. ★ O general Ch n Yi, prefeito de Xangai, prevê a ocupação total da China pelos comunistas, inclusive a Ilha Formosa, dentro de um ano. ★ Dissolve a Rumânia tôdas as ordens beneficentes religiosas. ★ Reúnem-se em Londres sob forte guarda os comandantes britânicos e norte-americanos para discussão e planejamento da defesa dos países do Pacto do Atlântico. ★ Cresceu muito o número de desempregados nos Estados Unidos, atingindo a cifra de 4.095.000 até 3 de agosto. ★ Estuda o govêrno inglês o reconhecimento do regime comunista na China. ★ Por se ter recusado a ministrar os últimos sacramentos a uma católica e comunista em Praga, foi prêso e condenado a oito anos de prisão o padre Alois Fajsti. ★ Membros da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos predizem corte de verba no programa de armamentos de Truman. ★ São confirmados os acordos comerciais entre a Inglaterra e o Brasil. ★ Em virtude de ter-se manifestado fogo no compartimento de bagagem de um avião de passageiros da VARIG, faz êste uma descida de emergência, morrendo cinco passageiros e se salvando vinte e cinco. ★ Regressa à Bahia o governador Otávio Mangabeira. ★ Cenas de pugilato entre vereadores do Partido Trabalhista do Rio. ★ São formuladas graves acusações ao sr. Ademar de Barros na Câmara dos Deputados do Rio. ★ E' apresentado um projeto à Câmara dos Deputados para proteção e desenvolvimento da indústria cinematográfica. ★ Americanos e inglêses chegam a completo acôrdo quanto aos planos de defesa do Pacto do Atlântico. ★ Líderes comunistas franceses ordenam aos seus comandados que desafiem as ordens da polícia de Paris que pretende proibir uma demonstração de desagrado comunista aos chefes militares que dirigem o Pacto do Atlântico. ★ Dirigentes da China nacionalista procuram reorganizar fôrças militares para contrabalançar as vitórias comunistas no país. ★ Tomam as tropas comunistas vários baluartes da China central, abrindo caminho para Cantão. ★ Voltam ao trabalho as costureiras de Paris que estavam em greve. ★ Aumentam assustadoramente os casos de paralisia infantil nos Estados Unidos. ★ Foi excluída a Espanha do programa de reconstrução da Europa em virtude de ter sido negado o empréstimo norte-americano de 50 milhões de dólares. ★ O arquimilionário indu Aga Khan é roubado em jóias no valor de mais de dez milhões de cruzeiros, em Cannes, França. ★ Truman insiste no seu pedido de um bilião e quatrocentos e cinquenta milhões de dólares para armar a Europa. ★ E' paralisado o pôrto de Buenos Aires por uma greve de vinte e quatro horas como advertência ao desejo de aumento de salário dos portuários. ★ Já dura cem dias a greve dos marítimos de Hawaii e ameaça estender-se aos Estados Unidos. ★ Tito desafia abertamente a Rússia em discursos políticos aos seus adeptos na Iugoslávia. ★ Publica o govêrno dos Estados Unidos o seu Livro Branco no qual diz claramente que não há mais esperanças de salvar a China de Chiang-Kai-Chek, e lança tôda a culpa ao mesmo e aos seus auxiliares. ★ Aproximam-se de Cantão os exércitos comunistas. ★ Violento terremoto destruiu cidades no Equador causando mais de seis mil vítimas entre mortos e feridos. ★ A polícia de Paris proibiu a manifestação comunista de desagrado aos chefes militares norte-americanos que se reuniram na capital francesa para planear a defesa do Pacto do Atlântico reunidos na Embaixada norte-americana de Paris. ★ E' modificado o projeto sôbre armamentos para a Europa, cancelando-se o pedido de amplos poderes a Truman. ★ Reúnem-se em Fontainebleau os chefes militares, discutindo-se o futuro Supremo Conselho de Defesa da Europa Ocidental. ★ Seguiu de avião para a Coréia Chiang-Kai-Chek, que vai até aquêle país para acertar com o seu govêrno o plano de defesa contra o comunismo. ★ Generais nacionalistas entram em "complot" contra Chiang-Kai-Chek e entregam sem luta a província de Hunan aos comunistas. ★ O general inglês Montgomery e o seu colega Tassigny, da França, se desentenderam fortemente em relação a planos para a defesa da Europa Ocidental se se der um ataque soviético a essa parte da Europa. ★ O general Montgomery ameaça afastar-se das comissões militares para a defesa da Europa, alegando que a Inglaterra não deve jamais arriscar-se a mandar tropas para a defesa da França, evitando novos Dunquerques. ★ Encerrando-se o inquérito para apurar o vultoso roubo de dinheiro do Corpo de Bombeiros do Rio, nada se apurou quanto ao paradeiro da importância nem do seu verdadeiro autor. ★ Preparam-se os alemães da zona ocidental para eleger o primeiro parlamento nacional. ★ Inicia a Igreja Católica no Rio de Janeiro um movimento em favor da paz universal. ★ E' favorável o Brasil à tese italiana a respeito de suas colônias. ★ O govêrno iugoslavo envia uma nota de protesto à Rússia sôbre questões de fronteiras com a Austria. ★ Continua a produzir atritos o desentendimento entre o govêrno tcheco e a Igreja Católica. ★ O marechal Tito, falando em Skolpj, continuou a atacar o govêrno soviético, asseverando que conta com o apoio da Europa Ocidental. ★ Afirma Acheson, secretário de Estado dos Estados Unidos, que o seu país auxiliou a China de Chiang-Kai-Chek com dois biliões de dólares desde o fim da guerra. ★ Agentes norte-americanos na Alemanha detêm o vapor israelita "Dromit" por estar conduzindo grande contrabando em maquinario e veículos para Israel. ★ O rei Leopoldo abdicará em favor de seu filho se não obtiver maioria no plebiscito do povo belga a favor de seu regresso ao país. ★ Vai fechar na Argentina a fábrica de pneus Firestone por falta de matéria prima. ★ Querem os deputados do legislativo alagoano aumentar os subsídios. ★ O Grande Prêmio Brasil de 1949 é vencido pelo cavalo "Carrasco". ★ Segue para Estrasburgo o conde Sforza a fim de conferenciar na reunião de ministros de Estrangeiros da Europa Ocidental.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

• • •

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1. — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1542

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

CAMINOS DEL INFINITO

★

Páginas de poesia moderna, de CID CORRÊA LOPES

★

Montevidéu
1949

O sr. Cid Corrêa Lopes teve o capricho de escrever em castelhano êstes poemetos que poderíamos considerar sem nenhuma ironia, nenhum desdém compostos em prosa. Não há preceito especial que nos obrigue a preferir a linguagem direta e livre à unida, ligada pelo metro: a "oratio prosa" à "oratio vincta". Tanto de uma quanto de outra maneira se pode render preito à eloquência e à beleza. Melhor, decerto, seria que, para o efeito da clareza, se chamasse prosa, puramente à prosa, como Boilleau recomendava, até impunha que se chamasse a um gato um gato. "J'appelle un chat un chat". Mas o autor do presente livro prefere que se empregue outro têrmo para aquilo que tem de ser forçosamente o mesmo. Não lhe queiramos mal por isso. Levemos o caso à conta da gente moça, que faz questão suprema de novidade, ineditismo, mesmo quando se possa tratar de questões eternas — ou inexistentes. Não importa dar-se outra disposição gráfica às palavras ou aos versos. Só o sentido vale. E o principal é sentir-se para além dos vocábulos e das frases, a alma que êles encerram, que lhes dá vida, expressão, razão de ser.

Em prosa ou verso, o autor de "Caminos del Infinito" traz o seu sonho e nobremente quer alimentar o seu ideal. Por isso devemos amar e prezar a sua obra. Em verdade ela o merece. Admiremos certas imagens, certas formas ou maneiras em que se faz sentir a originalidade. Na página intitulada, "Imsomnio", por exemplo:

1

La noche avanza
Escoltada por un torbellino de astros y
[constelaciones!...
En el silencio tibio de mi aposento,
El pensamiento tortura la carne,
Recordando una brasa
Sobre las manos de un paralitico...

2

Cierro los ojos
Y busco huir de las garras del insomnio.

3

El sueño no viene,
Y continúo pensando...

4

Pienso en la inutilidad de mis dias mal
[vividos,
En los pasos indecisos,
Perdidos em las curvas de los caminos,
Recién abiertos para mi hambre de
[aventura.

5

Pienso aún en el sueño feliz
De los que duermen desnutridos...

6

Las últimas sombras de la noche
Agonizan en los brazos de oro del Sol,
Y adormezco, al cabo,
Para soñar que no consigo dormir...

CASA DAS TRÊS MENINAS

★

Contos de MÁRIO MATOS

★

Movimento Editorial Panorama
Belo Horizonte
1949

Êstes contos foram escritos em diversas épocas. E, certos dentre êles, a larga distância uns dos outros. Não é preciso grande critério nem grande descortino para se notarem as diferenças de época, orientação ou estilo. As datas mesmas acusam as fases de criação ou de inspiração. Assim, algumas histórias se nos afiguram um tanto envelhecidas, ao passo que outras dão a impressão de lhes faltar alguma coisa para chegarem bem ao ponto de maturação. Quer dizer que, no conjunto do livro, parecem umas serôdias outras temporãs. Do que, certamente, nem para estas nem para aquelas resultará grande mal.

No primeiro conto, por exemplo, se fala, documentadamente, de algumas artistas de teatro, que poderíamos designar como sendo "daquele tempo", isto é: do nosso. Não lhes diremos a idade atual, senão para recordar que algumas, felizmente, ainda vivem. Tiveram rara fama de beleza, inteligência, vivacidade, espírito. Pessoalmente lhes devemos momentos inolvidáveis. Inolvidáveis, sobretudo, "helas", por que há tanto tempo passaram... Na verdade, porém, todo aquêle teatro nos faz saudades. Sem falar da alta comédia, recordando apenas os domínios ligeiros ou ultra-ligeiros daòpereta e da revista... Onde vão as burletas e paródias de Artur; as mágicas de Garrido; os "couplets" de Abdon Milanez no "Bico do Papagaio"; as apimentadas, irresistíveis fantasias de Moreira Sampaio — e todo o repertório que, de algum modo deveríamos chamar clássico, de Offenbach... Em verdade, ai de nós, "tout ça ne nous rajeunit pas". Onde vai tudo isso? Vêmo-lo agora repassar, no primeiro conto dêste livro. Repassar e, embora levemente, reviver. O que não sabíamos era que o autor, encoberto, sob a roupagem da ficção e do pseudônimo, também já fôsse daquêle tempo...

Como pela condição cronológica, e, às vêzes dizer poderíamos anacrônica, os contos do sr. Mário Matos se destacam pela variedade dos assuntos, como pelas formas ou particularidades de linguagem. Encontram-se páginas deveras valiosas de conceito e de forma. Sôbre um fundo geral de humorismo, surgem concepções, imagens, maneiras que tocam fundo, já pela fôrça expressiva, já pela finura do sentimento. E também pode suceder, como em "Soldado Clementino conversa com S. Tomé, seu Teófilo", outros casos ainda, em que jovialidade e amotividade se concertem, fundam e casem, de maneira a não se dizer qual dos elementos é mais vigoroso ou mais brilhante.

O escritor emprega, não raro, formas de cunho e recorte acentuadamente ou até exageradamente populares. Não podemos, vez em quando, disfarçar a extranheza de passagens em que a eloquência ou a elevação verbal se mistura com os dizeres mais vulgares ou rasteiros. Essas transições repentinas chegam, parece-nos, a molestar o gôsto e a sensibilidade. Não se trata apenas de naturalismo flagrante ou energia de expressão. Em tal sentido, o prosador da "Casa das três meninas" se excede e desmanda de maneira nem sempre permitida a um artista, embora por conta do "realismo", seja impressionista, seja fotográfico. A' fôrça de desenvoltura adequada ao pitoresco, o sr. Mário Matos se permite a gíria, o calão. Não fica no regionalismo, vai até a jeringonça. Tomemos de exemplo estas linhas, que se referem à chegada sensacional de certa criaturinha moderníssima — ou com pretensões a isso — a uma localidade obscura, espécie de lugarejo: "Vou é arranjar só três companheiros, eu mesmo ajudo a carregar a mala dela. Ela merece, ah merece. E pago a passagem de volta pra ela. Batata que pago". O narrador, protagonista da história, deveria exprimir-se diretamente, se não com distinção e elegância — conforme em alguns trechos se verifica — pelo menos com clareza, relativa cultura, certa educação. Temos, pois, aí, um caso patente de incoerência entre a narrativa e o diálogo. Neste, pode haver liberdade, por assim dizer, absoluta; naquela, não.

Está visto que, de modo nenhum, desejaríamos fazer reparos de importância a um escritor da notoriedade do sr. Mário Matos, com as suas reputadas obras de crítica, poesia, oratória, historiografia. A tanto, porém, nos vemos impelidos pelo respeito mesmo que o homem de letras nos merece. Não tendo a boa fortuna de lhe conhecer outros livros, só por êste último podemos julgar da sua individualidade. Não importam gêneros nem assuntos. Acima de tudo está a harmonia.

HISTÓRIA DO ALGODÃO

★

Monografia de D'ALMEIDA GUERRA F.°

★

Editora "O Campo" Ltda.
Rio de Janeiro
1949

Não se sabe ao certo quando esta obra foi publicada. E' circunstância que os editores quase sempre omitem. Razoàvelmente, não se explica, parece-nos, tal costume. Que vantagem ou interêsse poderá haver na ignorância da data em que êste ou aquêle livro veio à luz da publicidade, se a merece realmente, se é deveras digno dela? Ao contrário, é caso de se lhe proporcionar o máximo possível de notoriedade, a começar pelos dados cronológicos ligados ao seu aparecimento. Por que ocultar na capa do volume, e até lá dentro, como é uso comum, aquela condição deveres necessária, para não dizermos capital? Decididamente, os editores têm razões que a própria razão desconhece.

A condição da notoriedade está naturalmente indicada na obra, sem grandes dimensões, mas de valiosa qualidade, que o sr. D'Almeida Guerra Filho aqui nos oferece. Trata-se de um estudo caprichoso e, no seu vulto modesto, bastante esmerado. O prefaciador, nosso querido confrade de jornalismo e de crônica teatral, Terra de Sena, definiu e explicou bem os títulos que caracterizavam a obra e o autor. Desejou êste, sobretudo, compor alguma coisa de leve, fácil, simpático à leitura e em tudo agradável. O fundo doutrinário aparece sempre claro e asado de apreender. As fases por que passou a cultura, trato e propaganda do algodão decorrem de sucinta e ao mesmo tem; • explícita exposição, que abrange uma parte histórica, desde o plantio até às aplicações industriais e todos os sistemas de produção. Por fim, vem o período ingrato do algodão: uma espécie de terror ignorante, por motivo do qual lhe era aplicada a designação de "flor do diabo". Tudo isso, porém, passou e da inteligência dos homens só resultou riqueza e benefício para a humanidade.

RECEBEMOS

Discurso de recepção de Anibal Freire da Fonseca, na Academia Brasileira de Letras, e resposta por João Neves da Fontoura, na sessão de 10 de maio de 1949. Rio de Janeiro.

Guia quincenal de la actividad intelectual y artística argentina, ano III n. 42, contendo 84 páginas e sendo algumas ilustradas. Buenos Aires, 1949.

É MAIS FÁCIL AGARRAR UM LEÃO DO QUE ESPERAR PELA SUCESSÃO

MANIFESTA-SE O CONDE SÔBRE A PAZ!

Amostra grátis do nanquim usado neste hebdomadário

MAMANABURRA UM LEGÍTIMO PURO-SANGUE

PORQUE NÃO FOI ACEITO NO "SWEEPSTAKE"

Desde que me tornei famoso nos sete mares e nas cinco partes do mundo, tenho sofrido perseguições de pessoas que sempre fingiram dispensar amizade; mas eu bem as conheço, para ser pegado desprevenido. A última guerra fria de que estou sendo vítima imbele é esta de barrarem a inscrição do meu belíssimo e tradicional puro-sangue greco-romano, o invencível parelheiro "Mamanaburra", descendente do cavalo de Tróia e primo legítimo de "Incitatus", aquêle bucéfalo de Calígula que chegou a ser cônsul. O meu "Mamanaburra" não deseja outra coisa neste país de ótimos capinzais e clima excelente para altas comidas, do que competir com os "Hellacos" e "Saravans" na pista da Gávea, para mostrar como se vence um "Sweepstake" sem fazer fôrça, pois o que há nesses haras por aí não passa de cavalinhos de pernas de pau. Infelizmente não aceitaram a inscrição porque "Mamanaburra" urava como enfeite um símbolo africano dos Zulus, condecoração do rei Grugujajá-Meleka pela vitória que o meu grande cavalo proporcionou àquele soberano negro como carvão, nas corridas para a fila da carne sêca. Meu cavalo exibe no topete o osso, para mostrar que é mesmo duro de roer.



Cavalo greco-romano, descendente direto do cavalo de Tróia, propriedade do Sr. Conde de Salamaleques, vítima de perseguições na grande prova sul-americana

COMO FALOU O SNR. CONDE DE SALAMALEQUES

Ladys e Ladinos!

Na hora difícil deroer por que todos nós os deserdados filhos de Eva passamos neste Vale de Lágrimas, eu, o Conde de Salamaleques, invencível em tôdas as batalhas travadas e por travar, quero ter a oportunidade de falar ao meu povo, oferecendo meu sangue para morrer pela paz.

Não é de hoje, não é de ontem nem será de amanhã que eu e todos os meus ascendentes e descendentes em tôdas as linhas curvas, retas ou perpendiculares, tenhamos de ficar indiferentes aos anseios de paz entre os homens de boa vontade que são os casados e as mulheres de má vontade, que são as solteiras.

Diante dêste microfone que vai levar minha forte e vigorosa voz a todos os povos da terra, quero garantir que não ficarei em casa, a jogar xadrez, se houver uma guerra para garantir a paz.

Pegarei em armas, empunharei pela 4ª vez a espada gloriosa que recebi através de tantas gerações de pilantras, e, experimentando sua lâmina, passando-lhe um pouco de graxa, entrarei em meditações e exercícios psíquicos para ter direito a tôdas as condecorações de minha pátria amada, salve! salve!

Minha família ilustre e jamais humilhada tem neste grande lutador pelas justas causas públicas e particulares, um soldado de primeira linha de fuga, pois na hora de correr ninguém me baterá com facilidade.

Eu digo e repito: pela paz eu mato qualquer um, como também morrerei de raiva se outros não morrerem por mim.

Tudo tenho feito para garantir a felicidade dos meus auxiliares imediatos, concedendo-lhes férias, abonos e vales postais. E' chegado o momento de pedir compensações. A paz nos bate à porta. Ela deseja que briguemos o mais cedo possível contra a guerra e, se alguém ficar sem pernas, sem braços, órfão, louco ou desempregado, o único dever é mudar de rumo e pedir pás! Pás! Pás!

Picaretas, enxadas, arados e Pás!

Os índios precisam de Pás! Nós, os civilizados à fôrça de tanto sofrer em filas e pagar caro o direito de vestir e de calçar, também temos direito a Pás!

A terra não anda sem Pás. Os pedreiros precisam de Pás e os trabalhadores também.

Ninguém deve brigar por Paz, se faltam Pás para tanta gente que deve e precisa trabalhar.

A guerra é uma calamidade, e uma Paz sem Pás também. Que todos meditem nestas verdades eternas, e mandem suas contribuições em dinheiro para nossa redação. Estamos lutando pelas Pás! Precisamos de Pás! Pás! Pás! (Palmas. O Sr. Conde é vivamente cumprimentado.)



O Sr. Conde de Salamaleques pronunciando seu brilhante discurso

O MUNDO MANCA E A MULA MORCHA

BONECOS DE RAFAEL ★ DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES

★★★ PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS. ARTE, MANHA, DIVERSÕES ★★★

NÃO DIGA AI! MEUS CALOS
VÁ LOGO AO CALOTEIRO
QUE USA O PROCESSO INFALÍVEL PARA ACABAR COM OS CALOS.
O CALOTEIRO, O ÚNICO, QUE FAZ "AMPUTAÇÕES" A PRAZO SEM FIADOR.
RUA DO ALEIJADINHO - S/N

SUCIAIS



Miss Ilha do Bananal — No intuito de mostrar aos brasileiros de aquém e além mar os grandes tipos de beleza de nossa terra, o Sr. Conde de Salamaleques empreendeu uma excursão pelo oeste da pátria de Aimbiré e "Cobra d'Agua", varando os sertões da Ilha do Bananal e enfrentando todos os perigos conhecidos e desconhecidos, até encontrar o tipo de beleza nativa: Miss Ilha do Bananal, senhorita Eboapraxuxu, filha do Cacique Tapramim. Eboapraxuxu vinha de avião a fim de concorrer com as outras; mas, por falta de divisas entre aquêle país e o Banco do Brasil, o Sr. Conde teve mesmo que trazê-la a pé, o que foi divertido até ao primeiro quilômetro; mas depois.. Apesar de não ter entrado no pleito, rendemos um preito de homenagem à herdeira de tôda a Ilha do Bananal estampando sua efígie, que saiu assim meio vesga, porque ela ainda não comeu desde que chegou, só fazendo beber cauim e pedir mais

CARTA ABERTA DO B.B.

Esta semana não foi possível responder a consultas, pelo fato de ter dispendido todo o meu precioso tempo num pequeno mas agradável "biscate", o de limpar saxofones.

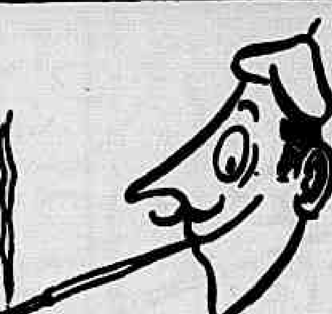
Meu saudoso pai, o Barão do Buteco, n.º 1 da família, era rabequista. Minha mãe, a baronesa do Buteco, com grandezas, tocava trombone nas festas de São Sebastião, como promessa que fizera ao santo para ficar boa de um reumatismo tradicional. Meus tios por ambos os lados, meus avós, etc., também eram músicos. Um deles ficou sem língua de tanto tocar berimbau, o que muito desgôsto causou à minha avó.

Vem daí minha vocação para a música. Sou apaixonado pelos saxofones, e sempre que sei haver algum em estado de miséria, coberto de ferrugem ou outros inimigos do movimento, procuro o seu dono e me ofereço para dar brilho à Arte, limpando cuidadosamente o instrumento.

Êsse servicinho me tem tirado de certas dificuldades financeiras, pois a reforma da Ortografia é a causadora de tôdas as nossas infelicidades, não se sabendo mesmo como viver, nestes dias que correm.

MON CANTINHE

JAQUE ESTADE XAFIQUE



Chegade recemán de Vive La France! Mr. avec nom abaisse, tiam le prezer de comuniquer à la tute cité de Rio que espér morer aqui durram, au meno, sancante anes. Je possuí grrande prratique de ver futurre de tute persona grata ou non; mé une chose fique agorra firmê de pedre et cale: nom face consulte fiade, nem qui vem pedide de Bispe. A vide est muite dificile e tude muite care. Tude monde e son pere precise viver decemán et nom est possible qui une autorité internacionele como seje este grrande vidente de passé, presán et futurre fique sans dinherre seulement porquei unes menines sabidinhes e engraçádinhes vem consulté. et monde pendurrer Je afirme qui nom tenhe an men escritór niún cabide ou pregue parra pendurrer contes de caloterres e persones descarrades. Comigue est no d ure.



Sem ofender as tradições de sua ilustre e invencível família de heróis anônimos, o Barão do Buteco, para cobrir umas diferenças de seu orçamento, ocupa-se num emprêgo humilde, mas honesto, o de limpador de saxofones

Atropelamento — O ilustre Sr. Fôrças Ocultas vinha andando sorrateiramente por um lado e em sentido oposto também vinha cautelosamente o Sr. Acôrdo Interpartidário, quando os dois se chocaram ruidosamente, perturbando o sossêgo público. Do choque ainda não resultou nada, mas os médicos especializados em traumatismos imorais estão vigilantes observando a marcha da crise do Sr. Interpartidário, pois o mesmo tem tudo e não está sopa.

Rapto — Não aceitando a nova ordem de coisas e coisinhas lá pela Central, uma senhorita lançou um rapto para que o Ministério da Viação vá, em pessoa, verificar a encrenca que o caso está provocando em tôdas as estações. Parece que o ministro não vai aceitar o rapto, pois isso não é coisa que conste da nossa Constituição, e a constituição do ministro não permite. (Depois de tudo escrito e assinado, verificou-se que não se tratava de rapto e sim repto, êrro vulgar, um **gato** sôbre brasas)

Roubos e furtos — Muita gente confunde estas duas figuras jurídicas do Direito de Causar pânico. Roubo é o ato delituoso praticado por um cidadão sem prestígio nem padrinho, indo parar na prisão; furto, é quando o mesmo ou outro cidadão comete o crime, porém nem chega a ser detido. E todos os amigos acham até divertido!



PENSAMENTO SUSPEITO

Quando os rapazes vão repetidamente beber água lá dentro, numa noite de baile, é porque há moça dormindo em rêdes no corredor

AGORA! JÁ EM SEUS ÚLTIMOS RETOQUES AGUARDEM! "A VIDA ÍNTIMA DE UM TUBARÃO"

Viver com AMOR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita penas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York Carol é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Bill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont.

Capítulo VI

No sábado que se seguiu à chegada de Carol e Clinton, Freda foi guiando seu carro até ficar em frente ao Beaumont Hotel, onde parou. Que ia fazer ali a íntima amiga de Carol? Fôra visitar a nova espôsa de Bill.

Essa deliberação lhe surgira no espírito com a fôrça de uma bomba e a impulsionara naquele sentido. Ela sabia que, se seu espôso, Ian, soubesse disso, não gostaria absolutamente; mas Freda era decidida e resolvera visitar Evelyn.

Qual seria a intenção da amiga de Carol procurando no hotel sua rival? Freda tinha suas razões. Conhecedora do povo da pequenina cidade, os hábitos e costumes de falar da vida alheia, ela resolveu procurar Evelyn e falar-lhe acêrca de Carol antes que outros linguarudos tomassem êsse trabalho e envenenassem o ambiente.

Errado ou certo, inconveniente ou não, era Freda uma pessoa de decisões firmes. Seguira o seu impulso, a sua intuição e ali estava diante do hotel da mulher que mudara o curso da vida de Carol.

Antes de saltar do carro, ainda pensou uns instantes. Mas o coração lhe dizia que fôsse. E ela foi até à entrada do hotel. Ia muito bem vestida e com umas peles de raposa como proteção ao frio.

Atravessou o vestíbulo e foi direta à mesa telefônica.

— Quero falar com Mrs. Sturtevant.

Um segundo depois alguém perguntava do outro lado do fio:

— Alô! Com quem deseja falar?

— E' Mrs. Sturtevant?

— Sim.

— Aqui fala Mrs. Ian Kelly. Conheço Bill desde muito tempo, e muito desejava falar à senhora.

— Oh! Pois não! Mrs. Kelly! Pode subir, sem cerimônias.

Freda pôs o fone no gancho e ficou a pensar naquela voz fria, indolente, estudada. E monologou: "Embora não me julgue intrometida e presunçosa, tenho que ir mesmo vê-la. E agora que tanho sua autorização para subir, estarei em segundos diante da mulher que venceu Carol e lhe levou o seu querido Bill. Tenho feito muitas loucuras em minha vida; mas esta... é provavelmente a maior" — e sorriu na intimidade de seus próprios pensamentos naquele momento culminante.

Já no elevador, Freda começou a recordar a delicada figura de Carol na festa íntima que dera no dia seguinte ao da chegada de sua amiga a Clinton e à qual Carol comparecera, a seu convite. Como viera bonita e simpática! Todos lhe lançaram olhares indagadores. E era isso o que Freda desejava.

Carol seguiu à risca o programa de Freda, embora sentisse verdadeiro sacrifício nessa exibição premeditada; mas era isso mesmo o que Freda desejava.

Carol conversou bastante com todos os convivas e falou em artistas de cinema que encontrara nas ruas de Reno. Também impressionou a assistência social e seleta sua descrição do cruzeiro de turismo do qual acabava de voltar.

Foi ela a última a deixar a casa de Freda. Desta forma ninguém se ocuparia dela para tesourá-la senão depois que deixassem a festa oferecida pelo casal Kelly.

Terminando êsses pensamentos, saltou do elevador e tocou a campainha do apartamento de Evelyn. Sem querer, se sentia um tanto nervosa ou mesmo bastante preocupada. A porta se abriu imediatamente e apareceu a figura de Evelyn, sorridente que lhe disse muito amável:

— Pode entrar, Mrs. Kelly.

Freda obedeceu. Ela continuou:

— Não pode imaginar como me agrada sua vinda. Não tenho nenhuma visita hoje e, como também não conheço ninguém nesta cidade, fiquei mesmo em casa, assim à vontade. Quer chá ou prefere coquetel? Mandarei buscá-los lá em baixo.

Prefiro chá. Muito agradecida — respondeu Freda, que continuou: — a estas horas da tarde não gosto de beber, pois tenho que guiar... E quando sair daqui irei buscar meu filho em casa de um seu amiguinho.

Ali estava a falada Evelyn, de alta estatura, de alguma beleza física, em elegante pijama. Seu rosto tinha um tom aristocrático, emoldurado com cabelos negros; suas mãos eram belas, espirituais, com unhas muito bem cuidadas e de um vermelho profundo como jamais viram os olhos de Freda. Seu andar era desairoso, feito com muita graça e leveza, parecendo até estudado.

Freda estava ansiosa por poder conhecer bem sua visitada e lhe olhou bem nos olhos. Eram quase verdes. Tinha Evelyn um nariz pequeno e a boca talvez fôsse um tanto grande para aquêle rosto. Sua dentadura era perfeita, dentes bem dispostos e muito alvos. Mas, no todo, Evelyn não era bonita, pensou intimamente Freda. Tinha qualidades atrativas; mas não se poderia dizer que fôsse uma bela mulher. Talvez que Bill se deixasse enfeitiçar por ela em face da sua posição social.

Freda se sentou numa confortável poltrona, enquanto Evelyn fazia o mesmo num divã, à sua frente.

A espôsa de Bill ofereceu um cigarro à visitante e colocou um à bôca, enquanto fazia funcionar o isqueiro, acendendo primeiramente o de Freda, num gesto de cortesia. Em seguida começou:

— Muito me agrada ter com quem conversar um pouco. Estou encantada com sua visita.

A voz era aquela mesma que Freda ouvira pelo fone. Fria, indolente, estudada. E prosseguiu:

— Não conheço ainda ninguém aqui, é claro, de modo que não dispomos ainda de convivência social. Estivemos pensando um pouco onde fixarmos residência. Não que morar em hotel seja novidade para mim. Já morei neles durante certo tempo. Êste aqui, para mim é particularmente espantoso, horrível.

— Não há dúvida. Êste hotel não oferece comodidades porque serve apenas a pessoas que estão rapidamente de passagem para Washington ou Nova York. Talvez por isso se diga que Clinton é a cidade dos lares.

— Muito interessante! — exclamou Evelyn com satisfação. — Não sabia disso. Não pude ver ainda a cidade, que conhecia apenas de passagem. Tôda a minha vida dispendi em Nova York, Long Island e Europa. Eduquei-me na Suíça. Meu pai servia no corpo diplomático da Itália. Regressei aos Estados Unidos faz alguns anos e fui morar com uma irmã em Long Island e em Carolina do Sul.

Freda já havia percebido que tôda aquela história tinha por fim impressioná-la bem. Com certeza Evelyn esperava que Freda, a sair dali, fôsse espalhar pela cidade, entre amigas, que a nova espôsa de Bill era um gênio, muito educada, viajada, culta. Seria ela isso mesmo? Jamais se poderá ter uma idéia exata de uma mulher somente com o primeiro contacto. Tôdas são mais ou menos sagazes, hábeis, deixando o resto para subsequentes descobertas. De qualquer forma, pareceu a Freda que Evelyn supunha ter feito um favor a Bill ao casar-se com êle. Para alegrá-la, Freda disse:

— Teve a senhora uma vida muito interessante. Espero que não ache isto por aqui muito estúpido e insípido. Clinton é uma das comunidades nacionais mais interessantes e dignas. Temos costumes muito familiares e corretos. Tôda a vida social se concentra na Clube e em nossas próprias casas, sem dúvida. E Bill, como está?

Evelyn fitou a interlocutora com seus grandes olhos, batendo as longas pestanas como que pensando primeiramente o que responder. Depois sorriu cordialmente, suavemente, encantadoramente, dizendo:

— Oh! Êle está muito bem e ficará muito satisfeito quando souber que eu encontrei aqui uma de suas amigas!

Capítulo VII
A SEGUNDA ESCOLHA

O chá havia chegado lá de baixo e Evelyn o serviu com uma classe que chamou a atenção de Freda, como se servir chá fôsse para a espôsa de Bill um ritual diariamente executado.

Entretanto, quando Freda mirou bem os seus longos dedos de unhas vermelhas, pareceu que Evelyn estava um pouquinho nervosa.

Pelos modos de Evelyn, lançando furtivos olhares ao vestido e às mangas de Freda, ficou esta pensando que ela estivesse a rir intimamente de seu trajar menos fino e elegante do que as parisienses. Para certas coisas as palavras não são necessárias. Freda tivera meio de vida e uma existência diferente da dos grandes centros. Casara com seu Ian e sua perspicácia ainda mais se apurara nesse jôgo de interpretações fisionômicas e dos gestos.

Pareceu ainda a Freda que Evelyn não gostava daquele logar, nem simpatizava com amigos de Bill nem tão pouco desejava aproximação com sua ex-espôsa. Por sua vez Freda achava que Clinton seria bastante orgulhosa e digna para não deixar-se submeter a uma estranha presunçosa.

Freda estava certa de que o temperamento de Evelyn não se ajustava àquele meio. Era uma egoísta. Não uma nervosa. Mas tinha qualidades para fascinar um homem. Pobre Bill! E terá tanto ainda que viver com ela! Que experiência terá essa grã-fina da vida? Saberá dirigir uma casa? Conhecerá o custo da vida, o preço dos gêneros?

Evelyn se mantinha erecta, elegantemente bem posta. Seu olhar era firme e jovial. Freda julgou que ela desejava entrar num assunto mais confidencial, pois seus olhos pareciam querer falar.

— Não sei como dar comêço a uma palestra... mas... como segunda espôsa de um divorciado, penso que tenho certos direitos...

Encolhendo os ombros com certa graça feminina, prosseguiu:

— Entre minhas amigas, o divórcio é aceito como um fato social e não há motivo algum para que se interrompam amizades por êsse motivo.

Freda interveio animando o comêço:

— Sim... Mas a senhora procede de uma sociedade muito mais cosmopolita, é claro. Contudo espero que Clinton seja bastante grande para acolher a senhora Bill e... e... Carol.

Evelyn parecia estar um pouco pálida antes de dizer:

— Por minha parte farei o possível para que isso se dê e todos fiquemos satisfeitos. Se Bill sentir-se bem, eu me sentirei da mesma forma. Êle gostará que eu me sinta bem. Vejo que estou a falar muito de mim mesmo...

— Não se preocupe com isso, absolutamente — disse Freda — vim justamente para conversarmos como amigas. Não está falando tanto de si mesma. Por minha vez, se estivesse na sua posição, também falaria muito mais acêrca de minha vida. Poderei também falar muito de minha pessoa em relação a meu espôso, filhos, casa... Nada me excita mais a veia da conversa do que essas coisas. Talvez seja por isso que eu me julgue bastante feliz. E... agora devo ir-me.

— Sinto muito ir-se assim tão cedo. Precisamos...

— Sim... precisamos... conversar mais... depois.

Despediram-se amavelmente. Freda desceu e foi para o carro. A tarde estava sombria. Estava ansiosa para ver Carol e contar-lhe o encontro. Também se sentia meio nervosa. Se Ian soubesse disso... Com certeza a censuraria pensando que ela iria prejudicar-se. Mas Freda estava certa de que nada lhe sucederia. Ian poderia dizer que Evelyn não passava de uma aristocrata arruinada, cheia de preconceitos e que se orgulhava de ter sido educada na Suíça, enquanto Bill havia apenas cursado escolas públicas. E seria ela uma mulher educada? Ou seria uma estúpida?

Mas Freda não estava disposta a dizer ao marido nada daquilo, nem a ninguém mais da cidade. Exceção, é claro, de Carol. Sua entrevista com Evelyn tinha que ser mantida em segrêdo. Pelo menos naquela tarde...

Logo que a visita se foi, Evelyn fechou a porta do apartamento, sentando-se novamente no divã, deitando-se com os bra-

ROMANCE DE MARGARET G. NICHOLS ★ ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

ços cruzados sob a cabeça. Parecia estar satisfeita com a visita de Freda, embora nada de particular houvesse colhido. Tôdas em Clinton deviam ser mais ou menos iguais. De Mrs. Jones a Mrs. Smith e desta a Mrs. Kelly. A vida social dessas pequenas cidades girava sempre em tôrno de filmes e de como estavam vestidas as "estrêlas", a fim de que cada uma dessas senhoras passasse a vestir da mesma forma. Depois desas considerações, Evelyn caiu numa espécie de tédio, de sonolência, de abandono e assim esteve por uma meia hora até tratar de vestir-se para esperar o espôso, que não devia tardar.

Despertando da modorra, ergueu-se e bocejou, desejando que sua irmã Charlotte, mais velha do que ela, estivesse também ali para ver como tudo ia andando tão bem. Essa irmã mais velha era casada com Dick Stoddard e mãe de duas garotas levadas, tôdas muito amantes das corridas.

Em meio de tudo veio à lembrança aquêle conselho que Charlotte lhe dera quando as duas estavam a conversar no grande quarto de dormir da casa de Long Island:

— Evelyn, para seu próprio bem, procure ser uma boa espôsa para Bill. Lembre-se sempre que, já não tendo sido bom tirá-lo da espôsa, é muito pior tornar o seu casamento com êle uma embrulhada, uma complicação cheia de desentendimentos. Não quero dizer com isso que esteja a defender a primeira mulher. Nem a conheço. E gosto mesmo que seja assim. Mas deploro o que aconteceu à mesma. Sinto muito o desgôsto por que passou. Contudo Bill teve inteira razão para casar-se com você e êle deve ser o único homem a quem você deve dedicar sua vida inteirinha. Graças a Deus você despachou aquêle dirigente de orquestra. Bill não é lá grande coisa, mas, pelo menos não dirige orquestras... E se você não fôr muito indolente, poderá organizar com êle uma vida decente e atrativa em Clinton. Assim está pensando Dick igualzinho a mim. Diz êle que o divórcio é uma infelicidade; mas se você souber comportar-se, poderá contornar tôdas as dificuldades. Entretanto, não se esqueça, querida irmã, que Dick tem estado terrivelmente desgostoso com você ultimamente!

Pobre Charlotte! Tão confiada! Tão cheia de boas intenções!

Evelyn gostava de rememorar sua infância, seus anos de estudos na Suiça e férias em Cannes, menina mimada e amada pelos pais, que gozavam de popularidade.

Eram ricos, então, os pais de Evelyn e desejavam que ela se educasse caprichosamente, a fim de poder casar-se com alguém que fôsse ainda mais rico e importante do que Dick, êsse senhor já de meia-idade e que, casando com Charlotte assombrou todo mundo de surprêsa.

Mas seus pais morreram num incêndio da casa de Cannes, numa noite trágica. E quando as coisas serenaram, verificou-se que os velhos estiveram a viver com demasiados gastos, fazendo despesas muito acima de suas rendas, resultando daí que tôda aquela opulência se desfizera nas cinzas do incêndio...

Como não era possível a Evelyn continuar na boa vida de antanho, pois se acabaram as fontes de nutrição, veio ela morar com a irmã Charlotte, mas sempre achou que a vida ali era profundamente meia-idade e que, casando com Charricanos de quarenta anos eram cada vez mais raros...

Evelyn queria levar sua vida da maneira que ela se oferecia. Mas as amizades que a cercavam não eram do agrado de Dick, e, daí, as turras em casa. A irmã, com certeza, ficava ao lado do espôso. Evelyn se amofinava. Muitas vêzes, quando tinha ido passar fora uns dias, só entrava em casa quando sabia que o cunhado estava recolhido aos seus aposentos e não podia fazer-lhe interrogações.

Nunca se vira caída de amôres por ninguém; mas um dia, encontrou Rand Andrews, o dirigente de uma orquestra.

Evelyn era uma jovem voluntariosa e desejava casar com um homem rico, capaz de oferecer-lhe confôrto. Sua irmã lhe dava conselhos e era de opinião que ela não podia estar assim a escolher indefinidamente entre tantos homens que a cortejavam.

(Continua no próximo número)




John dos Passos


José Lins do Rgo


Euclides da Cunha


Stefan Zweig

VIDA LITERÁRIA

E. CATTETE REIS

A CAMINHO DOS 100

Shaw fêz anos, outro dia. Noventa e três, se não me engano. E a imprensa do mundo inteiro, já através de registros nas seções sociais, já por artigos, crônicas, divulgação de caricaturas, anedotas e curiosidades da vida do escritor, noticiou com estardalhaço a efeméride. Todos os anos, aliás, é a mesma coisa. O mesmo espalhafato. O mesmo entusiasmo. O mesmo júbilo coletivo.

Quem pode, entretanto, precisar as razões, que motivam êsse aparato e essa abundância de informes sôbre o natalício do grande escritor?

Muitas pessoas, também famosas, comemoram, obscuramente, sua data genetlíaca sem que a imprensa sequer registre o acontecimento e o mundo dele tenha ciência.

Não se poderá, por outro lado, alegar que o que determina tôda essa bulha, em tôrno do nonagenário escritor, é a sua avançada idade, pois, pessoas há, pela Inglaterra e pelo mundo em fora, muito mais velhas que o irreverente irlandês e, no entanto, os jornais, se as descobrem, louvam, homenageam, bisbilhotam-lhes a vida, mas, por um dia, apenas. Esquecem-nas, a seguir, não somente no seu "birthday", como em todos os outros dias de sua vida e, ao morrer, descem, obscuras e inglórias, ao seio acolhedor da terra amiga, sem que, com exceção dos jornais da localidade, ninguém fale nelas.

Não podemos invocar, para explicar o desmedido interêsse com que se trata da vida e da obra de Shaw, no dia em que o escritor faz anos, a sua idade provecta nem o vulto de sua obra, mas a associação destas duas coisas talvez o justifique. A um romancista, poeta ou dramaturgo, que penetre, embora aureolado pela fama, na "casa dos quarenta", nada se faz, por êsse motivo, a não ser um despretencioso almôço, a que se associam meia dúzia de amigos e admiradores.

Ao resto da humanidade, pouco se lhe dá, também, que um João Ninguém qualquer, na China, em Portugal ou na Colômbia, esteja, em determinado dia, comemorando seu centésimo quarto aniversário, a não ser que o venerando aniversariante se prontifique a revelar as normas de vida e segredos alimentares, que lhe permitiram atingir a tão avançada idade.

Mas Bernard Shaw reune ao prestígio do nome o avultado dos anos. Daí a variedade e multiplicidade de informes sôbre as excentricidades da sua vida, as irreverências do seu espírito, sua "verve", seus hábitos e suas impressões sôbre o mundo em que vivemos.

Não nos admiram, portanto, as minúcias com que se divulgou, neste ano, o programa de atividades do escritor, no grande dia, a entrevista que concedeu a imprensa afirmando, entre outras coisas, que estava disposto e preparado a morrer, e a visita que recebeu de Sir Robert Hotung, grande industrial chinês, bem como o quimono que vestiu o escritor e o leque de marfim com que se abanava, durante a entrevista. E não seria de estranhar se os telegramas contassem ainda que Shaw surpreendera Sir Hotung com pilhérias e anedotas, narradas em bom chinês, pois, sendo o irlandês das "arábias", não causaria espanto falasse também, correntemente, os mais truncados idiomas do Oriente longínquo...

"DESAPERTOS", DE JOHN DOS PASSOS

John dos Passos teve situações muito difíceis nos primeiros anos de sua vida, principalmente quando rapaz.

O apreciado escritor norte-americano, que trabalhava de dia para o seu sustento, levantando-se à noite para declamar em altas vozes os versos de seus poetas favoritos, notadamente Whitman. Seu vizinho do quarto da frente, exasperado, atirou-lhe, certa vez, um sapato através da janela, exclamando:

— Rapaz danado! Cala-te ou não?

Dos Passos não se importou e, fleugmàticamente, respondeu ao irritado vizinho:

— Só me calarei depois de jogares o outro pé, pois o calçado tem justamente o meu número...

★

UM NOVO

De há muito já se pode falar em "romance do nordeste", desde que José Lins do Rêgo, com o chamado "ciclo do açúcar", Armando Fontes, com "Os Corumbas", e mais Jorge Amado e outros, sem Contar Graciliano Ramos, nos deram obras definitivas sôbre os tipos e costumes daquela região do país

Outros vieram associar-se a êsse movimento renovador da literatura e revelador de valores, sendo digna de nota a contribuição dos nordestinos nessa nova fase literária que surgiu depois de 30.

Ainda agora, faz a sua estréia no mesmo gênero, o sr. Gustavo de Freitas, com o seu romance "Fogos dos Pântanos".

★

SEMANA EUCLIDEANA

Como nos anos anteriores, a cidade de São José do Rio Pardo está comemorando, desde terça-feira última, a Semana Euclideana, que constitui comovente preito à memória de Euclides da Cunha.

Além de várias conferências, a cargo de professôres e literatos estudiosos da obra do grande autor de "Contrastes e Confrontos", realiza-se, também, na mesma localidade, o II Congresso Universitário Euclideano e outros certames.

As comemorações serão encerradas depois de amanhã, com uma romaria cívica à choupana onde Euclides da Cunha escreveu "Os Sertões".

★

ZWEIG E O BRASIL

Stefan Zweig teve, no Brasil, um dos grandes públicos que sabiam admirar o seu talento de escritor que se colocara entre os maiores dêste século.

Correspondendo a essa admiração, o autor de "Joseph Fouché", veio terminar os seus dias, aliás, tràgicamente, em nosso país, não sem antes dar uma prova concreta de sua estima, com a publicação de seu belo livro "Brasil, país do futuro", que apareceu, agora, em tradução francesa, numa edição da Casa Albin Michel. Um prefácio narra o dramático suicídio do grande escritor austríaco.

★

LITERATURA INFANTIL

O convênio internacional, promovido em Nápoles pelas "Semaines Internationales d'Etudes pour 1.Enfance victime de la guerre" (S. E. P E. G.), instituiu um prêmio, correspondente a vultosa soma de dinheiro, ao melhor livro para a infância que alie aos dotes literários uma elevada espiritualidade do ponto de vista pedagógico e social. O prêmio será conferido anualmente na Itália.

★

HISTÓRIA DA PAULICÉIA

Miguel Milano, a cuja colaboração incessante na imprensa paulistana se devem interessantes trabalhos de divulgação histórica, não é um mero compilador de fatos ligados ao passado, destacando-se, principalmente, como um cronista de estilo leve e agradável, ventilando assuntos vetustos com o sabor de uma linguagem colorida e palpitante.

Estudioso da crônica da capital paulista, êsse autor publicou, agora, "Os fantasmas da São Paulo Antiga", em que relata o passado das ruas e tipos populares dessa cidade.

★

ROMANCE DE AVENTURA

Pela 14.ª vez, foi conferido, em Paris, o Prêmio Romance de Aventuras, tendo sido aquinhoado, no segundo escrutínio o escritor Henri David, pelo seu romance "Jeux de Plomb". O vencedor teve renhida disputa com Jacques Ouvrard, cujo livro "L'assassin est dans le convent", obteve grande número de votos.

Imagens e Caricaturas

O importante não é ser livre e sim servir-se bem da liberdade. (Jules Trombot). ★ Para conduzir as nações, como para conduzir os rebanhos, um pastor é o necessário, e mais ainda cães. (James Burnham).

★ ...os olhos azuis e transcendentes que pareciam ler o meu destino, beijando as páginas em que estava escrito!... (Lima Barreto — Recordações do Escrivão Isaias Caminha).

★ Só se ama verdadeiramente quando se ama insensatamente. (Anatole France — "A vida literária").

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

"Anchieta", de Celso Vieira, ensaio crítico biográfico voltará a aparecer, dentro em breve, em nova edição.

★

Outra reedição anunciada é a do livro: "História da Literatura Bahiana", de Pedro Calmon

★

Numerosas crônicas humorísticas de Eduardo Palmério (Lorotoff), serão enfeixadas em um volume sob o título de "100 Comentários".

★

Esther de Viveiros, em seu ensaio "Do casamento", aborda todos os assuntos relacionados com o matrimônio.

★

"A Fonte e a Nuvem" é o título do próximo livro do poeta paulista Mário da Silva Brito.

★

Reunindo as melhores histórias de Lígia Fagundes, apareceu, selecionado pelo Circulo Literário, "O Cacto Vermelho", novo livro dessa escritora, recentemente laureada pela Academia Brasileira de Letras.

★

Ainda êste ano, será lançado o segundo livro de versos de Moacir Felix de Oliveira, "Cantos do Homem Só".

★

Com prefácio de Gilberto Freyre, virá a lume, neste mês, o livro de Breno Accioly "Cogumelos".

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

O sr. Edgard Braga, dando início a uma série de palestras sôbre poesia e artes em geral, patrocinadas pelo Clube de Arte Itapetininga, de São Paulo, fêz, na semana passada uma conferência, subordinada ao título: "Tendências da Nova Poesia". Essas conferências serão realizadas na Galeria Itapetininga, na rua Barão de Itapetininga, n.º 273. ★ "Na Rota das Caravelas" é o tema da conferência que o escritor e diplomata, dr. Afonso Lopes de Almeida, realizou, às 17 horas do dia 1.º do corrente, no Instituto de Estudos Portuguêses Afrânio Peixoto (fundação José Gomes Lopes), do Liceu Literário Português ★ Ainda no Instituto de Estudos Portuguêses Afrânio Peixoto, o sr. coronel Jaguaribe de Matos falou, segunda-feira última, sôbre o "Novo Aspecto da Fisiologia Sul-Americana".



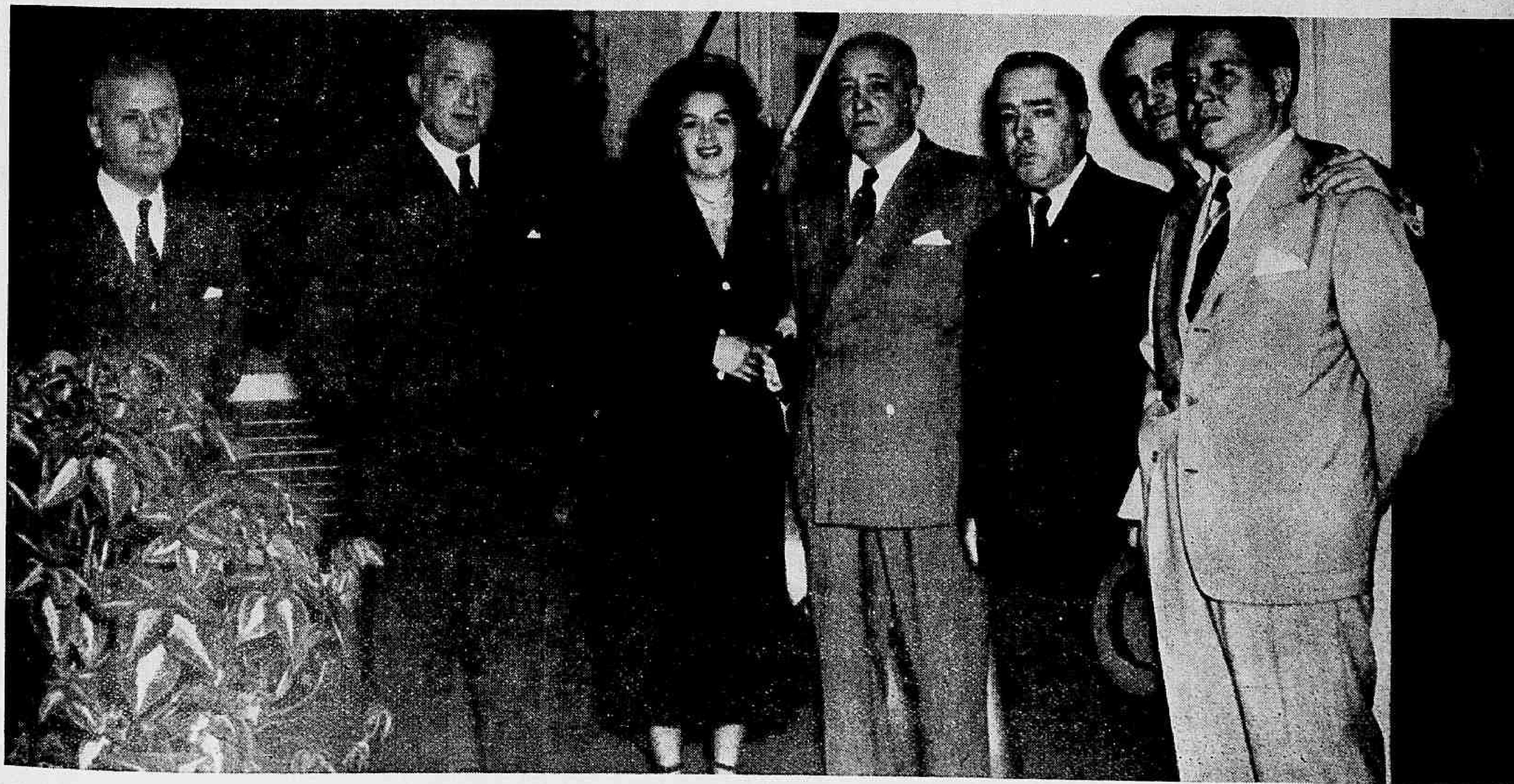


INAUGURADO O GRANDE HOTEL O. K.

No dia 27 de julho último o Rio de Janeiro foi enriquecido com mais um melhoramento de grande vulto, próprio da fase de transformações por que vem passando a nossa principal metrópole. Naquele dia foi festivamente inaugurado o Grande Hotel O. K., situado à rua Senador Dantas n.º 22/24, um verdadeiro expoente da indústria hoteleira em nossa terra, devido ao espírito progressista do sr. Joaquim Martins de Macedo, um dos "leaders" da moderna técnica de hospedagem. A cerimônia de inauguração, sem dúvida muito brilhante e movimentada, foi pessoalmente presidida pelo prefeito Angelo Mendes de Morais, contando com a presença de numerosos elementos representativos da sociedade, da indústria, do comércio, da magistratura e das classes armadas, entre os quais pudemos anotar os seguintes: des. Sabóia Lima, des. Mem de Vasconcelos, gen. Newton Braga, alm. Braz Veloso, vereador Levy Neves, dr José de Oliveira Reis, sr. Domingos Segreto, dr. Adalberto Cumplido de Santana, dr. Guilherme Vilares, dr. Hermann Lima, dr. Edgard Estrêla, e muitos outros que não nos foi possível relacionar.

O Grande Hotel O. K. está instalado no gênero das melhores casas de hospedagem do mundo. Os seus aposentos possuem aparelhagem própria de telecomunicação, únicas em hotéis brasileiros, rádio, telefone e serviços sanitários, estando provido de móveis de aço e dos afamados colchões de mola americanos, duplos, tipo BEAUTYREST. O bom gôsto, a distinção e o confôrto são, portanto, as principais características do Grande Hotel O. K., onde o hóspede se sentirá em ambiente verdadeiramente encantador. Desde o "hall" de entrada, quase todo trabalhado em mármore, nota-se a preocupação que houve de se dotar a Capital da República de um estabelecimento à altura do seu constante progresso e da sua civilização.

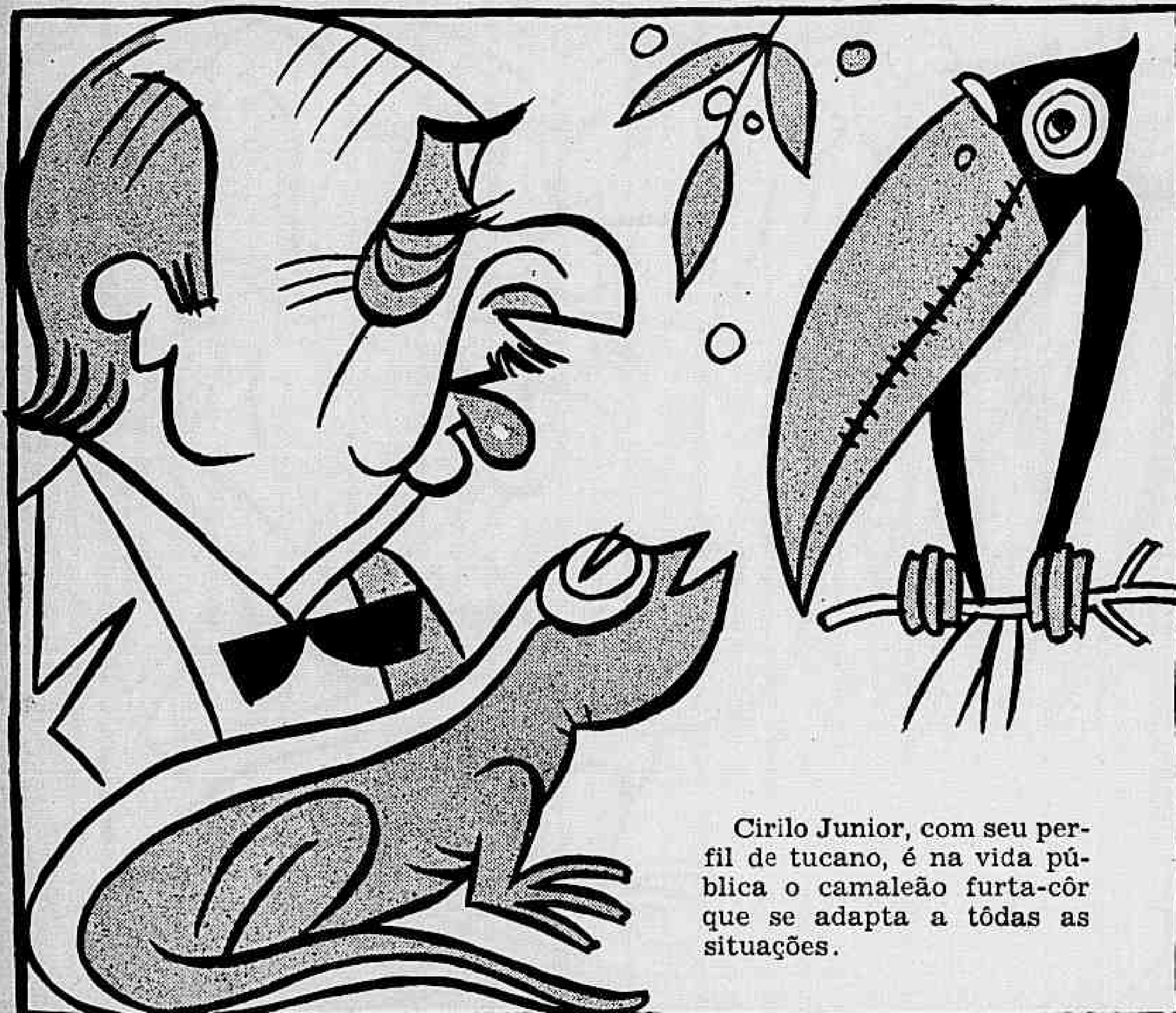
Além do elevado número de pessoas presentes ao ato inaugural, o sr. Joaquim Martins de Macedo recebeu mais de cinco mil mensagens de felicitações de todos os pontos do País, numa eloquente demonstração do interêsse que despertou em tôdas as classes sociais a soberba realização. Dentre essas destacamos uma carta do dr. Moysés Lupion, governador do Paraná, e outra do sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I. Diretores e gerentes de todos os hotéis do Rio estiveram presentes, bem como dos sindicatos de classe, das emprêsas de navegação aérea, marítima e terrestre, de turismo e de outras associações, como a dos chauffeurs. Entre as mensagens telegráficas destacamos as dos drs. Duque Estrada, Schimidt Lima, Edson Passos, Ruy Carneiro, Francisco D'Alamo Louzada, Luiz Galloti, e da srta. Auxiliadora Manguinhos, miss Pernambuco. Foi, enfim, um acontecimento social de inegável expressão e brilhantismo invulgar a inauguração do Grande Hotel O. K., de que damos alguns aspectos nesta página.



HOMENS E BICHOS...


Os homens se parecem com os bichos, mas às vêzes as aparências enganam. Zé Américo, que tem o feitio do espinhoso ouriço, vem sendo na atualidade um ganso do Capitólio.


Aranha, que tem o nome de um feio bicho tecelão, enredador, é na realidade o símbolo da conciliação e da paz, trazendo sempre ao bico um ramo de oliveira...


Cirilo Junior, com seu perfil de tucano, é na vida pública o camaleão furta-côr que se adapta a tôdas as situações.


O ex-presidente Bernardes, que no govêrno ganhou fama de caracol, metido na sua carapaça, é, temos que reconhecer, resistente e cavador como um tatu...


O senador Góis Monteiro, com as suas profecias de môcho agourento, é tido por muitos como o conhecido e simbólico tamanduá...


O general prefeito, que deveria lembrar o operoso castor, mostra-se sensível à bajulação, como o mais vaidoso dos pavões...

BROADCAST

EMISSORA CONTINENTAL

O mês iniciou-se com uma data festiva para quantos seguem o rítmo ascendente do rádio nacional, a estas horas fugindo às fórmulas e rotinas do "broadcasting" norte-americano. A Emissora Continental ficou mais velhinha. Isto, em miúdos, quer dizer que Gagliano Neto venceu a parada em que se empenhara, apesar dos contratempos e disse-me-disse que, por certo, lhe apareceram. Propondo-se a criar uma estação cem por cento esportiva, abrigou sob sua tutela, valores novos, ao invés de lançar mão de grandes cartazes. Teve sorte na iniciativa porque, ao que sabemos, nenhum desmereceu a confiança depositada pelo locutor da "Copa do Mundo" Dessa maneira, trabalhando com afinco, pôde organizar uma das mais completas e homogêneas equipes esportivas, a qual grangeou para o prefixo PRD-8, a simpatia dos rádio-ouvintes.

Também no setor reportagem, não menor tem sido o trabalho da emissora Continental. Onde quer que se verifique um acontecimento de suma importância, lá se acha a rapaziada da PRD-8, pronta e disposta a bem informar. Aliás, nesse setor, a estação aniversariante já lavrou inúmeros tentos, sobrepondo-se, em alguns casos, às suas co-irmãs. Com um serviço perfeito de informações, com rapazes vivos e diligentes, a Emissora Continental entra numa nova etapa que, a julgar-se pelo tempo vencido, lhe será das mais pródigas. Para tanto, estamos certos, não falta o espírito orientador e seguro de Gagliano Neto.

Ainda sôbre a PRD-8, da qual muito recebe o ouvinte em matéria de esportes, temos a salientar seus programas de música em conserva pela maneira com que são organizados. Se algumas vêzes discordamos de algo, como no caso da seleção de novos locutores, fizemos escudados em reclamação que nos foi dirigida por alguém que se julgou prejudicado. Tal, porém, em nada alterou a nossa maneira de julgar e apreciar as iniciativas felizes como as que tem tido a Continental. — A. MIGUEIS.

RADIO FLASHES

CONFISSAO

Pedro Anisio, um dos mais operosos produtores do "broadcasting" carioca, integra, presentemente, o quadro redatorial do Globo onde, vem produzindo diversas histórias em capítulos, dentre as quais figura uma feita em parceria com Amaral Gurgel. Perfeito conhecedor de tudo quanto se relaciona com a carreira a que se entregou, não lhe foi difícil responder-nos o que mais o aborrece no rádio:

— Muitas coisas me aborrecem no rádio, mas a principal é, sem dúvida alguma, a facilidade com que as estações se apossam de idéias e programas, da forma mais deshonesta. Quando um produtor lança um "broadcast" numa estação, ou mesmo quando apresenta a outra qualquer plano geral de uma série de audições, é quase certo que seu autor, nào chegando a um entendimento para êle mesmo escrever, as emissoras, com uma sem cerimônia incrível, chamam outros redatores e lhes dão as idéias e os planos para que os explorem como se fossem seus. Precisa-se acabar com êsse metodo de "bater" idéias, que só pode depôr contra as estações e seus dirigentes. Isto é, portanto, o que mais me aborrece no rádio.

NOVIDADES EM FÓCO

Não chegaram a bom termo as negociações para que a Mairinque Veiga formasse na linha das Emissoras Unidas. Dêsse modo, a veterana PRA-9 caminhará sosinha à espera de que soprem melhores ventos... ★ Anuncia-se que a Globo apresentará, dentro em breve, o cantor mexicano Genaro Salinas. Assim, terá prosseguimento a temporada de cartazes internacionais, ora apresentando Dany Lamar. ★ Benvindo Edinaldo continúa em franca atividade nos meandros da Rádio Club do Brasil, esforçando-se por oferecer aos sintonisadores dêsse prefixo, programas como "Grande Teatro Policial". ★ César Ladeira está noivo de Renata Fronzi, a graciosa "estrêla" que Geisa Bôscoli descobriu para seu teatrinho do Leme. Será que desta vez teremos casamento ou o locutor da PRE-8 continuará a brincar com Cupido? ★ Nahum Sirotsky está formando no quadro de redatores da PRA-9. Conhecendo de sobra o metier, é uma das boas aquisições feitas por essa estação. ★ Alvarenga e Ranchinho disseram adeus a Nacional, assinando contrato com a Tupí. Com a saída dêsses dois elementos, perde a PRE-8 uma regular parcela de fãs da popular dupla. ★ Eugenio de Figueiredo, ora à testa da redação da PRE-3, terá apresentado pela Roquete Pinto, dois programas de sua autoria Ambos destinam-se a avivar o espírito do ouvinte, através de perguntas e respostas.

CURIOSIDADES

Dona Iveta Ribeiro, figura das mais populares em nossos circulos sociais, já militou nas ondas hertzianas cariocas, participando de algumas das apresentações da Rádio Club do Brasil, ao tempo em que o poeta Paulo Gustavo ali dirigia o programa "Crônica de Livros".

Silvio Salema, hoje à testa de um dos



Pedro Anisio se aborrece com o método de "bater" idéias, que só pode depôr contra as estações e seus dirigentes



César Ladeira está noivo de Renata Fronsi ! César se é desta vez o veterano locutor ou continuará celibatário?

departamentos da Prefeitura, participou ativamente dos primeiros passos dados pelo rádio em nossa terra. Acumulando funções na antiga Rádio Sociedade, cabe-lhe a primazia de ter sido o pioneiro da corretagem no "broadcasting" guanabarino.

Iracema dos Santos, que Carlos Palut levou à pretoria no último dia do mês de julho, militou durante algum tempo ao microfone da Tupí. Aí nesse prefixo, ao tempo de Gilberto de Andrade, foi que teve início o romance, ora culminado em casamento.

DICK FARNEY EM SÃO PAULO

Depois do sucesso marcante nos Estados Unidos; do fabuloso contrato com um magazin carioca e da inauguração pomposa de um Fan-Club que levou seu nome, Dick Farney voou para São Paulo, onde o esperavam centenas de ouvintes da Rádio Bandeirantes e outros tantos frequentadores da "boite" Oasis. O artista patrício recebeu, por ocasião de sua chegada ao aeroporto de Congonhas, entusiastica manifestação de seus admiradores da paulicéia, chegando a ser entrevistado ao microfone da PRH-9.

A visita de Farnesio Dutra à terra da garôa constituiu verdadeiro acontecimento, atraindo milhares de garôtas aos estúdios da emissora que o está apresentando em programas de meia hora. Enquanto isso, uma importante firma, valendo-se da popularidade do artista, acaba de lançar "gravatas à Dick Farney", fazendo grande propaganda em tôrno do assunto.



A chegada de Dick Farney ao aeropôrto de Congonhas, foi um acontecimento. Hoje, São Paulo já usa gravatas Dick Farney



DOLORES

Valsa de Roberto Martins e Ari Monteiro

O amor chegou, Dolores!
Dolores, vamos amar...
Vamos até à Igreja, Dolores,
Não posso mais esperar...
Vamos unir nossas vidas, Dolores
Dolores vamos casar!

Dolores! Dolores!
Lindo jardim todo em flores,
Esta vida será p'ra nós dois,
E, talvez, um filhinho depois...

Dolores! Dolores!
Nós somos dois sonhadores...
E o destino, ao nosso dispor
Nos dará mil venturas de amor!

★

NOSOTROS

Canção-bolero de Pedro Junco Jr

Atiende me quiero decir te algo
Que quizás no esperes doloroso talvez
Escuchame que aunque no duelo el [alma
Yo necessito hablar te y asi lo haré

Nosotros
Que fuimos tan sinceros
Que desde que nos vimos
Amando nos estamos

Nosotros
Que del amor hicimos
Un sol maravilloso
Romance tan divino
Nosotros

Nosotros
Que nos queremos tanto
Debemos separarnos
No me preguntes más
No es falta de cariño
Te quiero con el alma
Te juro que te adoro
Y en nombre de este amor
Y por tu bién te digo adiós.

★

COMME TA CHOSE

Tango de Mervyl e Pierre Arezzo

Comme ta chose, tu m'as prise,
Comme ta chose, je suis lá!
Comme ta chose, tu me brises
E pourtant tu ne m'aimes pas.

Le jour ou crédule et confiante
Je me suis don
Née tout à toi mas dit
Ne sois pas mechante
Oui por la vie je suis à toi.

DESPEITO



NOVELA DE **RAUL MATEOS** ★ TRAD. DE **RENATO DE ALENCAR**

ÊLE se chamava Juan Antonio Archer. Tinha um velho amor contrariado com Susana; mas, um dia, com a cabeça desorientada pelos efeitos do vinho e dos aperitivos, propôs casamento a Amelia.

— Isto, diz ela olhando para suas roupas. Isto não é pròpriamente um enxoval de noiva... Mas sempre serve para umas bodas.

Sua voz era serena e repousada.

Archer a mirou com seus olhos languidos

— Oh! Amelia... você está muito bonita. Êsse vestido é um perfeito traje nupcial. Mas vamos tomar mais um traguinho.

— Eu nada tomei ainda e você vai parar com isso. Já bebeu demais. E posso asseverar que, quando voltar a si, vai arrepender-se do ato e procurará fugir. O melhor que tem a fazer é deixar de lado essa garrafa e deixar passar o efeito do alcool para mudar de opinião enquanto é tempo.

— Não bebi tanto assim que não saiba o que estou fazendo. Quero uma espôsa Todos os homens precisam de uma. Já sabe você como é minha casa. Não está disposta a correr o risco? Dentro de uma hora pode ser a espôsa de Juan Antonio Archer.

— Espôsa de Juan Antonio Archer... A que você passará a odiar todos os dias de sua vida por haver aceitado êsse casamento. Você vai arrepender-se dêste matrimônio!

— Nada disso, senhora Archer... O que precisamos é que se realize êste casamento imediatamente

No intimo, Juan Antonio Archer sabia que o seu ato ia ferir profundamente o coração de Susana.

Depois de mais uma goladas teve êle a sensação de que sua consiência estava num lugar e o pensamento em outro, mas que a êle nada mais importava. Com pequeno esfôrço podia caminhar e falar sem que denunciasse o que lhe ia nalma.

Chegaram ao Registro Civil. Archer se recorda apenas que lhe fizeram umas perguntas bem como à noiva e que ambos assinaram uns papéis.

Em seus ouvidos chegavam vózes distantes que êle julgava serem as de Amelia, e respondia também, ouvindo muito longe a sua própria voz.

Intimamente êle resmugava: "Bem, Susana. Tudo isso sucedeu porque assim você o quis. Esteve esperando anos e anos, por você, que nunca se resolvia. Agora, talvez nem a incomode mais a minha pessoa. Mas é possível que o seu orgulho se faça em pedaços quando souber que me casei com outra. Pensava você que eu iria andar aí pelo mundo exibindo a todos o meu coração esfacelado? Que todo mundo lastimaria esta situação de um homem desdenhado? Agora a cousa é outra Você é que passa a ser a desdenhada!

Pensando assim, Archer se ergueu e, de cabeça levantada, deixou o Registro Civil.

Retomaram o fordezinho que ia guiado por Amelia e seguiram pelo caminho de casa. Êle estava com uma espécie de torpor, uma névoa na vista e só reconheceu que ia para casa porque os trancos que o auto dava na estrada o sacudiu o suficiente para não deixar adormecer de todo. Olhava as mãos pequeninas e fortes de Amelia a conduzir com firmeza o automóvel. No seu dedo estava o anel de ouro que pertencera à sua mãe, Mme. Archer, falecida havia cinco anos. Era a aliança do casamento. Juan recostara sua cabeça ao ômbro da espôsa e adormecera um pouco. Devia ser o efeito do vinho. Ao despertar, sentira um gôsto amargo. Amargo como os seus pensamentos. Amelia parou o veículo e disse com certa tristeza:

— Juan .. Chegámos.

Sentiu que sua profecia ia realizar-se. Êle se arrependeria daquele casamento; mas, tinha que cumprir o contrato.

— Já estamos em casa, é verdade — disse êle. — Obrigado por ter-me trazido. Eu não poderia guiar o fordeco.

— Também acho. Você perdeu a conciência quinze minutos depois da cerimônia.

Desceu do carro um tanto pesadamente. Como Amelia não esperasse que êle a ajudasse, cavalheirescamente, seguia à frente, abriu a porta e, afastando-se um pouco para um lado, curvou-se e disse:

— Entra, espôsa minha.

Ela o olhou com indiferença e respondeu:

— Obrigada.

— Nunca tinhas vindo aqui, não é verdade? Não é grande cousa, com efeito. Todo o dinheiro que obtenho em meu negócio é para empregar por lá mesmo. Meu pai fez o mesmo, de forma que esta casa está mais ou menos como estava quando a construiu o meu avô .. Aqui está a sala, aqui a de refeições... Há um aposento junto à cozinha, que é o que eu uso. Ao lado, há ainda dois quartos.

Ao seu espírito pareceu ouvir a voz de Susana: "Não quererás que viva nesse horrivel casarão velho. Meus pais preferiam que eu morresse, a viver aí. Pensei que ias edificar uma casa nova. Mas, se não retiras dinheiro de teu negócio, parece-me injusto que esperes levar-me a essa furna e me mates trabalhando como uma criada. E' preferível que venhas para o centro da cidade, busques trabalho e aí então poderemos falar de casamento".

Agora era Amelia quem olhava aquela casa antiquada, enquanto êle comentava brutalmente:

— Bem .. isto é tudo. Creio que você não iria esperar um palácio. Quer percorrê-la? Pode ir. Para que se casóu comigo?

Ela olhou-o serenamente.

— Eu já lhe disse pela manhã. Talvez estivesse bastante avinhado para compreender minhas palavras. Sabia eu muito bem, que quando você voltasse ao seu estado normal, o primeiro movimento seria o arrependimento, e que jámais respeitaria uma mulher à qual um ébrio lhe ofereceu casamento e ela o aceitou. Sei que, para você, não passo de uma mulher trabalhadora, uma qualquer a quem contratou para atender serviços domésticos. Está bem. Pode pensar o que quiser. Mas as razões por que me casei com você são as mesmas de sempre: desejava um lar e um espôso, alguma cousa que me unisse a outro ser, alguém a quem pudesse pertencer. Não temo o trabalho por mais rude; a nada temo, realmente; mas estou farta de viver sozinha e não ter nada que me pertença. Fiquei orfã ainda muito pequenina. Criei-me num asilo e tenho trabalhado dêsde menina, sempre dependente dos outros Por isso ontem, quando você me propôs casamento, pensei: "que tenho eu a perder?". Eu já o conhecia bastante para saber que você era um homem decente. E...

— Obrigado... — interrompeu Juan. — Estamos casados, então. Firmamos um contrato e o cumpriremos. Vou acompanhá-la à sua morada anterior e trarei suas cousas. Veremos o que vai sair desta aventura

Naquêle instante recordou as causas desta desagradável boda. Tudo havia começado na noite anterior, ao regressar do centro guiando o fordezinho, tendo na alma a imagem de Susana. Ela, a mais adorável mulher dêste mundo, com seus belos cabelos castanhos, sua tentadora boca escarlate, seus olhos verdes, de longas pestanas. Susana que havia sido sua preferida dêsde seus estudos secundários, a única para quem tinha êle tôdas as atenções voltadas.

Juan pensava que, com o desenvolvimento de seus negócios, poderia construir uma casa de sonhos. Teria um lindo jardim, aposentos catitas, tudo o que ela desejasse. Mas isso estava custando muito e, na noite anterior, ela lhe disse:

— Juan... Não é justo que queiras monopolizar meu tempo, quando, na realidade, nada tens que possas oferecer-me. Já tenho desprezado muitas oportunidades e me parece já perdi muito tempo Isso não pode continuar assim. Estamos em caminho errado. Temos idéias diferentes. Ademais, uma mulher tem direito de obter da vida o que ela queira; assim, é melhor que terminemos de uma vez.

Êle se recordava como voltou para casa. Vinha completamente, alucinado e não sabe como não foi vítima de um acidente. Foi a um bar e, dalí, percorreu os bairros de vida noturna durante tôda a noite. Ao amanhecer tinha bebido tanto que daria para embriagar um regimento. E ainda saiu com uma garrafa na mão...

Voltou à sua casa, àquela velha e horrenda casa na qual Susana não queria morar. Estava desolado Aquela solidão o enervava. Os efeitos do alcool tonteavam e êle tinha a impressão de que filtrava bebida por tôdas as veias. Estava desiludido e tinha n'alma uma amargura atroz.

(Cont. na pág. 47)

NÃO sabemos o que vem acontecendo a quase tôdas as mulheres nestes últimos anos; o fato é que tôdas elas se queixam da mesma coisa: nervosismo. E isto atinge, de preferência, as da classe média e da mais elevada; aquelas que em geral levam uma vida mais ou menos confortável. Por que então todo êsse nervosismo? Conhecemos algumas que tendo apenas um filho para cuidar, vivem a se queixar dos trabalhos que êsse único filho lhes dá; estão sempre irritadas e nervosas, estão sempre mal humoradas e raramente dão à criança a atenção que esta deveria merecer.

Outras se queixam das empregadas outras do marido; enfim, encontram sempre um motivo que justifique o seu nervosismo. No entanto, julgamos, o nervosismo vem justamente da falta do que fazer, ou então da incapacidade da mulher de dirigir e orientar a sua própria vida. E' claro que excluímos daqui os casos verdadeiros de nervosismo; há mulheres que realmente são doentes e não é sôbre estas que falamos.

Queremos apenas nos referir àquelas que vivem imaginando ou criando pretextos para dar expansão ao seu temperamento; aquelas que não têm paciência nem tolerância; que levam o dia numa constante agitação sem, no entanto, nada proveitoso fazerem; aquelas que se queixam a cada instante das amarguras da vida e que, contudo, levam uma vida capaz de despertar a inveja de muita gente. Muitas reconhecem o seu êrro, mas nada fazem paar corrigí-lo. "Não posso fazer nada, não posso me controlar — costumam dizer — sou muito nervosa...". E com isso vão amargurando a vida dos que as cercam: o marido, os filhos, os demais parentes. Acham-se merecedoras de atenções especiais, reclamam a intolerância dos outros quando são justamente elas as intolerantes. Em regra geral, nada há de anormal no sistema nervoso dessas criaturas; tudo depende quase que exclusivamente delas; da sua boa vontade, da sua compreensão, da sua inteligência. Existem até as que se dizem nervosas para provocar maior carinho por parte do marido e da família. No entanto o resultado é muitas vêzes oposto. Acabam por irritar de tal forma que o que provocam é a antipatia e a indiferença. Melhor seria que se dedicassem com mais atenção a qualquer coisa de útil, que procurassem aproveitar melhor o tempo que perdem em queixas, lamentações e "chiliques", porque assim lucrariam muito mais não só elas como também as pessoas da família. — **O. B.**





A esquerda: De Pierre Balmain, modêlo em jersey marinho, muito drapeado de um só lado, sôbre os quadris, abotoando atrás. Em cima: A linha "vaga de Christian Dior está representada neste casaco muito amplo, usado com saia estreita

NOS BASTIDORES



NOVAS BLUSAS

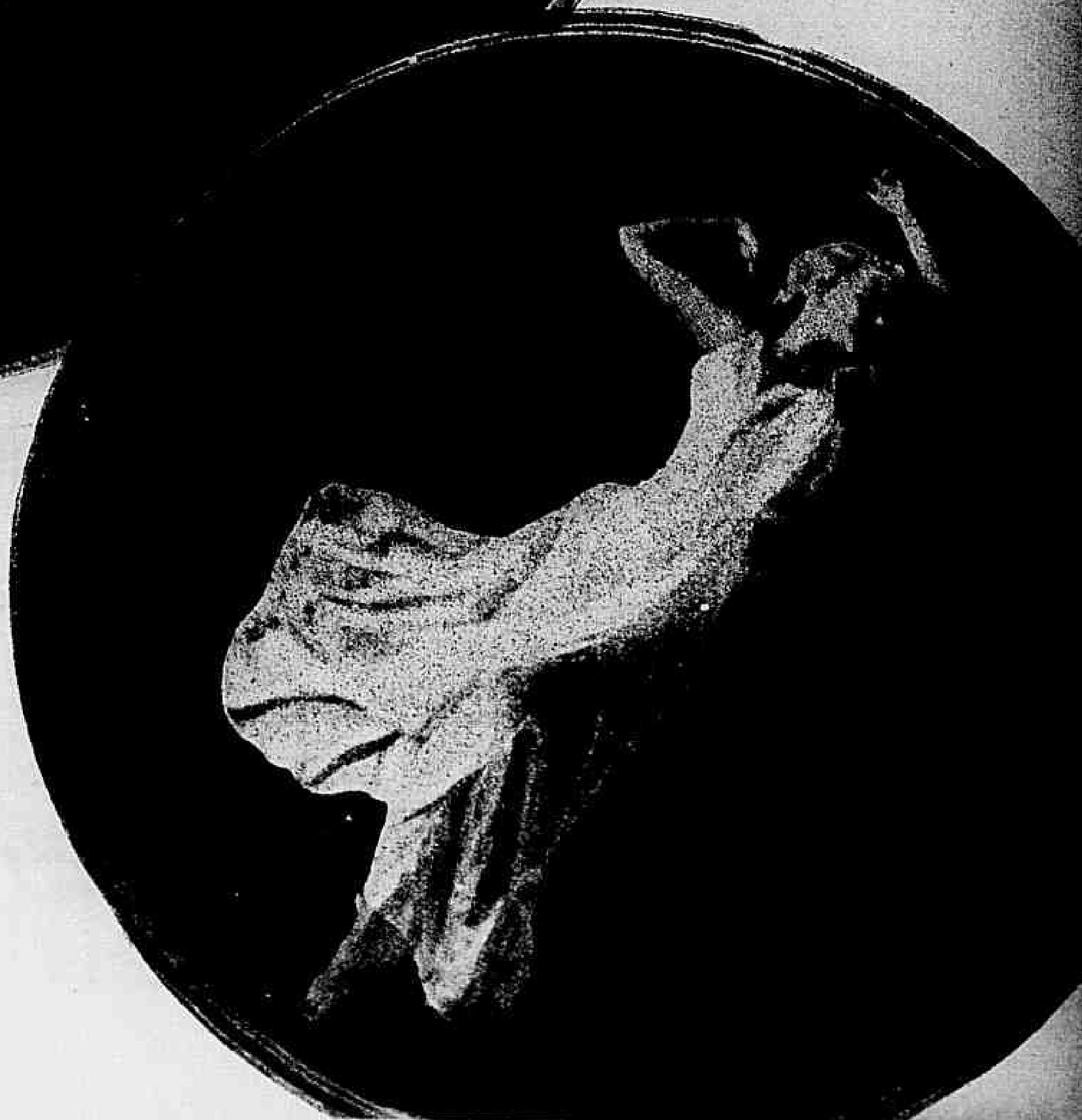


Novos e sugestivos modelos para blusas aqui estão estampados para a sua apreciação. Em cima, na foto, lindíssima blusa em tafetá amarelo ouro, original gola bem ampla, com grande laço; a seguir: modêlo em seda, com nervuras e tiras intercaladas na frente; em seda com "pois" bordados, efeitos de babados; em "mousseline" de seda, com nervuras, "ajours" e babados; em seda, com pregas verticais pespontadas.

NOITES DE SONHO







A "lingerie" desempenha papel de grande importância no guarda-roupa feminino. Combinações com nervuras e finas rendas, camisolas de "mousseline" ou de cetim, "deshabillés" que vão da "mousseline" ao tafetá ou ao veludo, tudo, enfim, numa riqueza de detalhes e numa delicadeza ímpar que faz encantadoras tôdas as criaturas. Aqui estão algumas lindíssimas sugestões que você naturalmente saberá apreciar com o seu apurado bom gôsto, e que, habilmente executadas, darão à sua elegância um toque de originalidade e beleza.

O AMOR E'ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

A morte resolverá tudo? Há um adágio romano que assim diz. O desespero dos que se amam tem levado à eliminação da própria vida como recurso extremo à solução de uma infelicidade.

Mas a morte voluntaria é o mais doloroso dos êrros da humanidade. Enquanto há vida há esperança, é outro proverbio latino cuja origem se perde na penumbra do passado.

Conhecemos um casal, hoje feliz, que, estando à borda do precipício, uma circunstância insignificante o salvou.

Vamos contar o episódio.

Numa cidade do interior do Brasil um jovem se apaixonara por sua eleita, uma linda morena de grandes olhos romanticos. Mas os pais dela se opuseram terminantemente àquela união.

O moço apenas começava a vida. Não dispunha de recursos suficientes para assumir tão sérios compromissos. Além do mais, diziam que a família de que provinha já contara casos de tuberculose e isso não deixava de ser perigoso para a saúde de pequena e dos filhos que por ventura surgissem.

Sabendo disso o rapaz firmou um pacto de morte com ela. Ambos escolheriam um recanto poético, lindo, memorável, de onde suas almas desiludidas partiriam juntas para a vida eterna deixando êste mundo ingrato.

No dia da execução do ajuste, ela se mostrava estranhamente alegre. Não denotava a menor sombra de preocupação, de tristeza, de dúvida.

Por sua vez o namorado se vestira com a melhor roupa, estava alinhado, prazenteiro, loquaz.

Ainda cêdo foram encontrar-se num banco do jardim público onde costumavam conversar à luz do sol ou aos palores do plenilunio.

Alguém os viu e julgou que estivessem a combinar uma fuga. Quando ela chegou a casa, sua mãe lhe disse que suspeitavam que êles iam fugir. A moça riu gostosamente e tranquilizou a família.

— Êste caso já não nos preocupa tanto, mamãe... Eu e êle já nos submetemos às circunstâncias. Não fugiremos, pode ficar sossegada...

Aquela tarde os dois seguiram para o lugar do sacrifício. Levavam duas doses de violento tóxico que ingeririam simultaneamente.

Sentaram-se à margem do rio, sob frondosa mangueira carregada de flôr onde cantavam passarinhos. Contemplavam a natureza, quando um bentevi chegou com alimento para filhotes que chiaram no ninho. Os dois namorados, de onde estavam, viam perfeitamente a cena. Os pelancos abriam os bicos e a mamãe bentevi ia despejando o que lhes trazia. A moça e o rapaz se entreolharam. Seus pensamentos eram iguais. Lutariam. Lutariam como aquela ave para nutrir os filhinhos; assim também êles lutariam para salvar o seu amor.

E assim foi. Hoje são felizes porque reconheceram a tempo que a morte não resolve. O amor foi maior que a morte. Porque? Porque o amor é assim...



Em cima: Casaco com pelerine, grande moda; colar e pulseira em ouro e pedras de feitio original; chapéu em jersey, dois tons, formando "echarpe". À direita: De Schiaparelli, colar de fitas de cetim e pérolas

DETALHES E NOVIDADES



Em cima: Sapato esportivo em crômo avermelhado, sola grossa, grande fivela; à direita: elegante casaco de linhas retas com reversos em tecido escocês; à esquerda: para um modêlo de tarde luvas, gola e bôlsa em pelica



Jeff Donnell, por exemplo, não aplica o "baton" sem usar antes uma pomada incolor que é aplicada sôbre os lábios

DETALHES DE BELEZA

EXISTEM alguns detalhes que podem prejudicar inteiramente a sua aparência. Aquelas que querem manter sempre um aspecto de beleza, devem observar rigorosamente os menores detalhes. Aqui temos Jeff Donnell, ""estrelinha'' da RKO, ilustrando alguns dos detalhes que merecem ser cuidadosamente observados.



Ainda Jeff Donnell. Ela dedica especial cuidado ao couro cabeludo. Quando êle é muito sêco, o cabelo naturalmente não poderá ter o mesmo brilho. Há o recurso de esfregá-lo bem com um óleo mineral



As sobrancelhas são de grande importância, diz Jeff Donnell. Nem muito finas e nem espêsas como uma floresta. É preciso que condigam com a fisionomia



Finalmente as pernas. Com a moda de andar sem meias, as pernas devem merecer ainda maiores cuidados. A massagem não só as embelezam como também são excelentes para reanimá-las quando estão cansadas

MÃES e FILHOS

ANAMARIA CÉLIA



Gigi Perreau, como tôdas as crianças, gosta também de animais. Gigi é "estrêla" cinematográfica, trabalhando atualmente para a RKO

DISTRAINDO A CRIANÇA

O que poucas pessoas já chegaram a compreender é que a criança precisa de distração. Mas de distrações que estejam ao alcance da sua mentalidade e pelas quais ela realmente se interesse.

Tal coisa, porém, raramente acontece; quando os pais chegam afinal a compreender que é preciso distrair os filhos, o que fazem é proporcionar-lhes coisas que julgam poder distrair as crianças pelo simples fato de distrairem a êles próprios, os adultos!

E' preciso que compreendam que as crianças têm a sua própria mentalidade, a sua própria individualidade e que, portanto, não poderá se satisfazer com coisas que não representem realmente a sua própria tendência. O que é preciso é descobrir aquilo que provoque o verdadeiro interêsse da criança, porque aí sim, ela se distrairá.

E' comum se queixarem os pais de que os seus filhos "têm tudo'' mas não se distraem. E' porque, certamente, nesse "tudo'' não está incluído aquilo que possa despertar o interêsse da criança.

Às vêzes acontece também que o excesso de brinquedos dispersa a atenção da criança não a animando a brincar, quando não acontece escolher ela, para suas distrações, caixinhas e carretéis vazios.

Às mães que se queixam de que os seus filhos "são impossíveis'' e não as deixam "fazer nada'', perguntamos se já procuraram dar aos seus filhos uma distração adequada, enquanto elas se ocupam dos seus afazeres. Naturalmente não fizeram nada disso. Os filhos ficam ao seu redor e de vez em quando os enxotam: "vão brincar, deixem-me em paz!'', quando o mais lógico seria que, antes de se dedicarem às suas coisas, procurassem dar aos filhos uma distração que viria afinal beneficiar a todos. A criança encontraria meios de desenvolver a sua própria tendência e as mães poderiam se ocupar dos seus afazeres.

Naturalmente, o importante em tudo isso é que se dê à criança como distração aquilo que realmente ela tenha vontade de fazer.

SAIBA QUE:

...Muito mal interpretada vem sendo a palavra liberdade. Os pais pensam que educação moderna é dar inteira liberdade aos filhos, permitindo-lhes que façam tudo o que bem entendem.

...A criança pode fazer o que bem entende, desde que com isso não prejudique a si e à coletividade.

...Há ainda o perigo de se rebelar e ser infeliz na maturidade, quando verificar que não é possível fazer-se somente aquilo que se tem vontade de fazer.



A saúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

DIAGNÓSTICOS INFANTIS

Se causas traumáticas, e sobretudo as sobrevindas nos partos difíceis, são as responsáveis, às mais das vêzes, pelas afecções congênitas, de outras vêzes, estas são devidas, unicamente, a outras condições desfavoráveis, ligadas à saude dos pais.

Anomalias patenteiam-se, assim, por ocasião do nascimento da criança, revestindo, por vêzes, o caráter de flagrante disformidade. Ainda uma vez caberá acentuar que as influências maternas se exercem, a êste respeito, em maiores oportunidades, pois é durante o longo período da gestação que muitas dessas afecções se instalam e desenvolvem no feto.

As disgenopatias infantis resumem os efeitos sôbre o nascituro dessas influências, que se explicam, ora por causas toxi-infecciosas (doenças febris na gravidez), ora simplesmente tóxicas (alcoolismo, insuficiências orgânicas maternas, do fígado e rins), ora causas morais, ora humorais O papel da sífilis é evidente em muitos casos; o do alcoolismo, reconhecido em muitos outros. Muitas ocasiões são as doenças febris agudos atingindo a mulher em estado interessante, que vão ocasionar a anomalia. Cabem, aqui, algumas considerações sôbre a higiene da gestante em relação às moléstias contagiosas. A gestante que adoece de moléstia febril aguda, não o faz, muita vez, sem dano para o nascituro O próprio abôrto é muita vez a consequência; mas não o é menos, o desenvolvimento de certas anomalias da criança, perturbada em seu desenvolvimento intra-uterino, por efeito de infecção aguda interna. Das mais graves, a leucemia, atingindo a própria constituição do sangue da criança e os órgãos formadores dele (baço, fígado, medula óssea), em certos casos, não encontra outra origem. A idiotia mongolóide é outra nas mesmas condições; a participação de uma pneumonia na mulher, durante a gestação, é muitas vêzes aapresentada como a única origem dêsse seríssimo distúrbio na criança.

Assim é dever da gestante pôr-se em guarda contra o perigo das infecções, evitando, quanto possa evitar, visitas a doentes portadores de infecções agudas; tais como gripe, erisipelas e outras. Sobretudo buscará, sempre, ambientes sadios e repousantes, onde nunca faltarão boa aeração e luz

Dentre as causas tóxicas das digenopatias, sem dúvida alguma, têm um lugar de relêvo as insuficiências de órgãos, na fase da gestação, e em particular os rins e o fígado (toximias gravídicas).

Gravidezes trabalhadas ou perturbadas pelas doenças e a estafa, os desgostos, os grandes abalos físicos, respondem, outrossim, pelas afecções congênitas de que nos ocupamos. De outras vêzes, o pauperismo (má habitação, pouco ar e luz), o estado de sub-nutrição crônica, idade avançada dos pais, a consanguinidade, podem ser invocadas como fatores, senão causas, determinantes e sensíveis.

As digenopatias são produzidas, geralmente, pela parada na evolução das partes fetais, durante a vida intra-uterina, ou um desvio, mais ou menos profundo, de certos sistemas anatômicos que presidem à engrenagem humana. Tomam particularmente o nome de **dismorfia** — quando atingem todo o indivíduo, ou apenas a forma ou a estrutura de determinado órgão ou sistema. Os mais atingidos são o nariz, os dentes, lábios e cavidade oral. As dos órgãos genitais acompanham-se, em geral, de outras alterações corpóreas, quase sempre devidas a perturbações glandulares

Algumas disgenopatias são atribuídas, especialmente, aos males do alcoolismo. **Imperfurações ano-retais**, poli e sindactilia (dedos a mais, ou unidos entre si); **lábio de lebre**, guela de lôbo; dismorfias cranianas, anomalias da coluna vertebral, ausência de ossos, epi e hipospadias do sexo dúbio.

Ainda ao número de malformações atribuídas ao alcoolismo há registrar a **luxação congênita do quadril** (a criança anda capengando).

Outra que se deve assinalar é a **cauda de cavalo**, anomalia aviltante no homem, por ser uma reminiscência nele de um atributo da espécie animal, e que aparece sob a forma de um apêndice ao fim da coluna vertebral.

Deve-se pensar em uma disgenopatia sempre que ocorrer o fechamento da **grande moleira** antes do primeiro ano. Isto pode acontecer no sexto mês A isso acompanha quase sempre o **deficit mental** da criança. Quando em uma criança manifesta-se a **microcefalia**, pode-se estar seguro de uma das mais sérias disgenopatias: a morte precoce costuma não ultrapassar a idade escolar.

Duas disgenopatias das mais curiosas destacaremos a seguir:

1.º — **Osteogenesis imperfecta** — Nesta perturbação falta aos ossos a característica dureza e há grande predisposição às fraturas, que podem datar do próprio nascimento. A criança tem os membros como que retorcidos.

A esclerótica adquire uma coloração típica e mostra-se azulada (**osteogenesis** é também denominada **moléstia da esclera azul**).

E' de notar o rosto túmido e redondo.

O crânio é mole, e às vêzes de uma espessura tão delicada que lembra mesmo uma fôlha de papel. Nuns casos, percebe-se nele a nítida separação de uns ossos de outros, com soturas deprimidas (disso resulta às vêzes a **cabeça em sela de montar**, que se encontra também na sífilis congênita e no raquitismo).

E' de curta duração a vida da criança. O distúrbio, como seu nome o diz, consiste numa deficiente e irregular distribuição das zonas de calcificação, e daí regiões em que o esqueleto se forma imperfeitamente, ao lado de outras em que o mesmo não se forma em absoluto.

2.º — **Condrodistrofia hipoplásica** — A criança nessa anomalia possui braços curtos e grossos, devidos a ausência da cartilagem juxto-epifisária, ou primordial, às custas da qual crescem os ossos longos no sentido vertical, conservando-se íntegra e função osteogênica das diáfisis, que lhes garante um desenvolvimento normal no sentido da grossura

Característico o aspecto da abóbada craniana, grande e em desproporção com a respectiva base. O fato se explica porque há uma ossificação precoce do esfenóide, de modo que o osso não cresce paralelamente com o crânio (isto é, a sinóstose inter-esfenoidal estabelece-se muito cedo). O nariz é em forma de sela de montar, o qce é devido também à idêntico processo de ossificação prematura, do osso tribasilar, com o esfenóide (sinostose esfeno-basilar).

A fisionomia adquire um caráter tipicamente cretinóide — cabeça grande, bossas frontais salientes, nariz em sela Na superfície dos parietais encontram-se orifícios de bordas duros, e depressíveis.

A coluna vertebral dobra-se cada vez mais para trás durante o desenvolvimento, com protusão compensadora do ventre. A pele cresce como normalmente, e como os membros não seguem êsse ritmo, sobrando, acontece que forma dobras como calças demasiado compridas.

A criança demora de andar. A dentição vem com atraso.

A anomalia é compatível com vida longa e tem certa predileção pelo sexo feminino.

A inteligência nada sofre no seu desenvolvimento normal Por sinal que, nas antigas côrtes, graças à jocosidade de seu próprio físico, muitos faziam profissão de bufões.

Ainda hoje muitos aparecem como clowns e até gozam de natural preferência pelo mesmo motivo.

Uma particularidade morfológica que é dado observar consiste no aspecto das mãos — mão em tridente — onde os dedos medianos, de pontas afiladas, são extremamente grossos na sua articulação com aquela, e afastados entre si.

A condrodistrofia não é nanismo, pois neste o desenvolvimento exíguo das partes atingem o todo — cabeça, tronco e membros — e, aqui, isto só alcança os ossos longos no sentido longitudinal e o desenvolvimento dos ossos da base do crânio.

A causa desta perturbação é muito discutida. A sífilis pode coexistir, mas observa-se que, com o tratamento desta, ela continua sua marcha inabalável

Em uma observação que conhecemos havia parentesco dos pais, que eram primos do primeiro grau, e além disso, durante a gestação, os pais passaram por uma brusca mudança na sua situação financeira, com empobrecimento repentino.

AINDA O "PIED-DE-POULE"



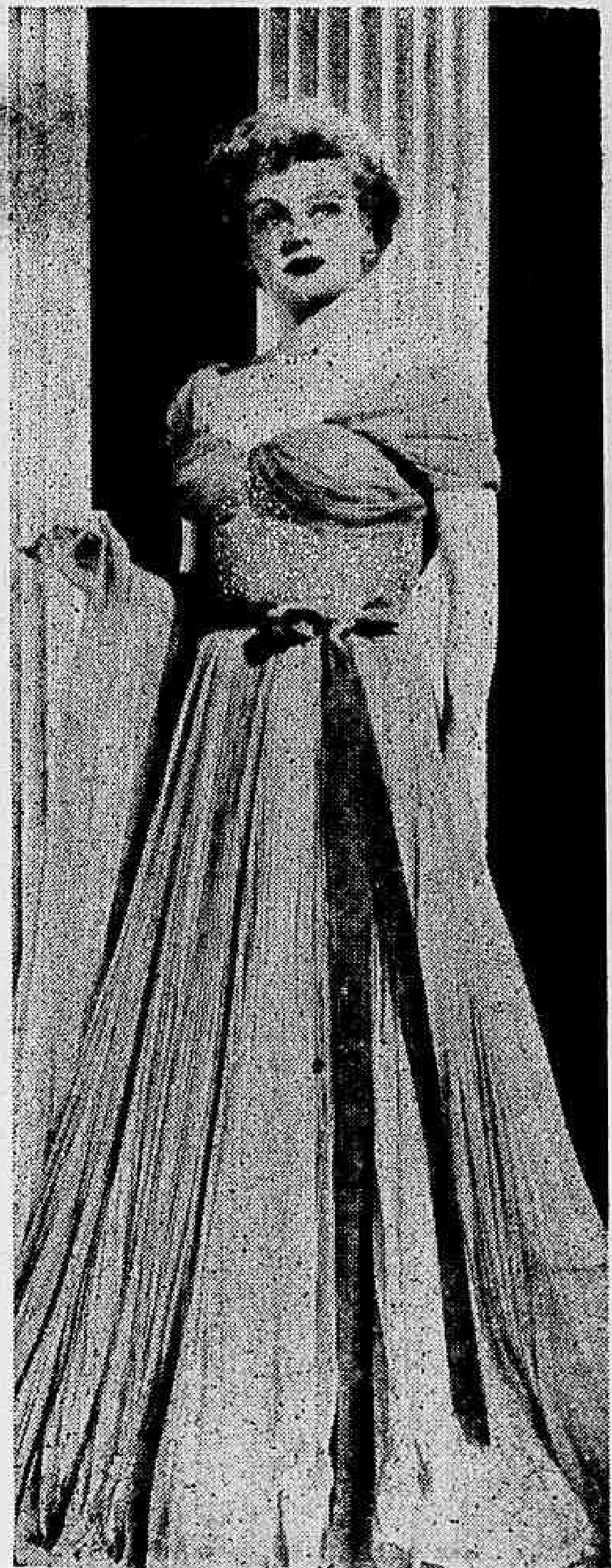
SEU predomínio atual é total e já se anuncia também para a próxima primavera. O "pied-de-poule" merece essa consideração, pois se trata de um tecido que dá ótima execução e que, por muito simples que seja o vestido, lhe dá sempre um certo "chic". Os modelos de hoje em "pied-de-poule" podem ser executados em casimira, lã ou sêda.





MODELOS DE HOLLYWOOD

Lucille Ball, uma das mais elegantes ""estrêlas'' de Hollywood, é quem nos apresenta estas últimas criações dos figurinistas da capital do cinema. São quatro modelos de estilos bem diversos, porém todos êles encantadores e elegantes, não faltando em nenhum deles a "estola'', agora em grande moda





PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCÊDES SANTOS

GRITO DE DOR. . .

QUANDO, quando terminará o macabro festim dêsses carrascos do volante? Quando deixarão êles de esmagar impiedosamente, sob as rodas de seus pesados veículos, o indefeso pedestre? Infelizmente, aquêle que podia responder a estas perguntas, tenho certeza, jamais o fará. Pois, se existe algo realmente de pasmar, são os sucessivos atropelamentos e de consequências fatais, que, sem nenhuma punição, se registram diariamente na capital da República. Matam, aleijam e inutilizam para o resto da vida, homens, mulheres e crianças — e o que lhes acontece? Nada, simplesmente nada. Existem leis neste país para indivíduos que cometem semelhantes crimes? Existem sim, mas, infelizmente, nestas ocasiões são lamentavelmente esquecidas O lema é apenas êste: quem morre se enterra ou vai servir para estudos no Instituto Anatômico e quem ficar aleijado dê graças ao Bom Deus, conforme-se e arraste o seu defeito paar o resto da vida. Êste, é unicamente o panorama que nos oferece o complicadíssimo tráfego da grande "cidade maravilhosa" e a irresponsabilidade crescente de milhares de motoristas. Quantos apêlos já foram feitos a êsses monstros do volante? Inúmeros e, no entanto, a nenhum êles atendem. Quanto mais se pede que êles não atravessem a frente de outros veículos em movimento; quanto mais se clama contra o excesso de velocidade; quanto mais se esbraveja para que respeitem os sinais do tráfego, mas parece que o diabo os orienta e dá fôrças para que façam justamente ao contrário. Todavia, por que, por que êles procedem assim? Infelizmente a resposta é clara e imediata: as autoridades afrouxam no cumprimenta das leis e êles, os covardes, os assassinos, sabem muito bem que, ao matarem um desgraçado, não pagarão o crime de morte com a própria vida, pois não existe no Brasil o verdadeiro remédio para tantos males — uma "cadeira elétrica".

Ontem mesmo, despertada por um imenso e doloroso grito, assisti horrorizada um dêstes taradcs esmagar, sem a menor piedade, uma jovem que, julgando poder atravessar de um lado para outro, na praia de Botafogo, teve em menos de um minuto a sua vida sacrificada para sempre. Era uma gestante — portante, um duplo assassinato — e parece, pelo local onde fôra atropelada, que se dirigia ao hospital Artur Bernardes. O criminoso brutal, o covarde desumano, percebendo o destino de sua vítima, acelerou ainda mais o veículo e sumiu na primeira curva. Nem um guarda existia nas proximidades e tudo aconteceu numa rapidez tão grande, que os poucos transeuntes que passavam na ocasião, não puderam enxergar nem a placa do ônibus causador de uma morte tão cruel! No asfalto, com a cabeça e as pernas completamente esmagadas, o sangue inundando o seu vestido branco, ficou aquela infeliz, esperando os últimos requisitos para que fôsse descansar em paz. No entanto, quem vingaria a sua morte? Quem avisaria à família de que ela já não fazia parte do mundo dos vivos? Quem choraria o seu destino? Talvez, ninguém. Entretanto, o carrasco, o desnaturado continuaria impune pelo seu crime covarde e brutal, porque, infelizmente aqui é assim. Êles matam quantos encontrem na frente, pois sabem que o dedo da lei é demasiado curto para identificá-los. Portanto, se esta, com seu artigos e parágrafos não os pode atingir, somente ao pedestre cabe o direito de vingar o seu companheiro sacrificado; mas, que esta vingança seja implacável. No entanto, se isto, por um milagre algum dia chegar a acontecer, que esta mesma lei continue falha e indiferente, porque não seria justo que, com tantos assassinos as sôltas, ela se transformasse numa perseguidora severa dêsses heróis, cujas vidas estão em constantes ameaças.

Correspondencia

Norma dos Santos — Praça da Bandeira — Rio.

"Gosto de um primo. Apesar da família dele concordar com o nosso namôro, a minha mãe, figura principal pela minha parte, não é da mesma opinião. Muitas vêzes aconselha-me a desistir porque o considera um pouco brusco. Todavia, conheço um rapaz muito educado, instruído e que desfruta de uma boa posição econômica. Falei à minha mãe e ela afirmou-me, categoricamente, que não concordaria que nenhum dos dois fôsse o meu marido. Em tôdas as hipóteses eu prefiro o último. Que me aconselha?"

No seu caso Norma, não encontro motivos para preocupações. A primeira hipótese está praticamente eliminada, visto você mesma ter manifestado claramente no final da carta a sua preferência. Resta agora saber, se êste rapaz culto e de boa posiçāo econômica, está de acôrdo com a sua decisão. Se estiver, a sorte será tôda sua, pois, a sua mãe, não pode e nem deve sacrificar a sua felicidade.

★

Jussara Carvalho — Niterói — Rio.

Antes de qualquer sugestão ou conselho para o seu caso, gostaria, se fôsse possível, que me mandasse dizer a idade, pois, somente assim, saberei, realmente, o que devo aconselhar nesta situação difícil e delicada em que você se encontra.

★

Sílvia — São Paulo.

Você agiu desajuizada e inocentemente. Entretanto, um êrro não justifica outro e, inegavelmente, entre todos êles o maior seria dar à sua situação o desenlace a que você alude em sua carta. Se êle foge de você, deixe-o fugir, caso não queira exigir-lhe judicialmente a reparação do seu crime. Esqueça o passado Sílvia e que esta amarga lição lhe seja útil no futuro. Antes de amar, saiba a quem ama. Os bons, minha filha, devemos conservar e os ruins, devemos afastá-los inexoravelmente do nosso caminho.

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada a M. Mercêdes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



de santo pôrto-alegrense, tendo mãos os símbolos baiano e gaúcho mesmo orixá: Omolu ou Xapanã. batuques gaúchos não terão tido acto apreciável com o feitichismo entro e do leste. A identidade e êles remonta, talvez, à África



Cocar de penas, colares de guia e maracá vibrando, dança o caboclo Jaguarema em seu "cavalo" Laudelino de Sousa Gomes, no ritual bântu que a Africa nos mandou para pincelar de côres ameríndias até ao sul do Brasil. "Saravá" os filhos de Umbanda!

BRANCOS COM PINTA NA TESTA

PRURIDOS RACIAIS NUM BRASIL CAFÉ-COM-LEITE... A POPULAÇÃO GAÚCHA, DAS MAIS BRANCAS DO PAÍS, É MARCADAMENTE NEGRA

Reportagem de CARLOS GALVÃO KREBS

É incrível. Estarrecedor. Mas os fatos estão aí. Tenho diante dos olhos duas fichas de meu arquivo sôbre assuntos negros.

Numa aparece a fotografia de Paul Robeson Jr., filho do barítono estadunidense, de mãos dadas com uma pequena branca de 21 anos. Conheceram-se na Universidade de Cornell. Casaram no mês passado. Isso abala profundamente os preconceitos racistas de Uncle Sam. Desacredita ainda o homem do dia, o Sartre de "La Putain Respectueuse", com aquêle negro aparvalhado e covarde a gemer: "Mas êles são brancos!". A outra ficha é um recorte de hoje. da imprensa matutina desta mui leal e valorosa Pôrto Alegre. Convoca todos os homens de côr para a fundação de um clube náutico. Eis um trecho da nota: "Já que os homens de côr até hoje não conseguiram ingressar nos grêmios existentes na cidade, evidentemente inibidos de fazê-lo por imposição estatutária dêstes mesmos grêmios, nada mais lógico que organizarem seu próprio clube". Em Annapolis, recentemente, o guarda-marinha negro Wesley A. Brown foi graduado pela Academia Naval. Pouco antes um hotel da Rio tropicalíssima negara aposentos a uma cientista norte-americana, porque era preta. Dos Estados Unidos, Limeira Tejo informa que ninguém mais tem coragem de ser racista ostensivo. E que a discriminação está com os dias contados. No Rio, em fevereiro último, apesar de convidados formalmente, os representantes do Teatro Experimental do Negro foram barrados na entrada do Baile dos Artistas.

Aonde vais, Brasil, nesse crescendo? Justamente quando Harlem começa a dissol-





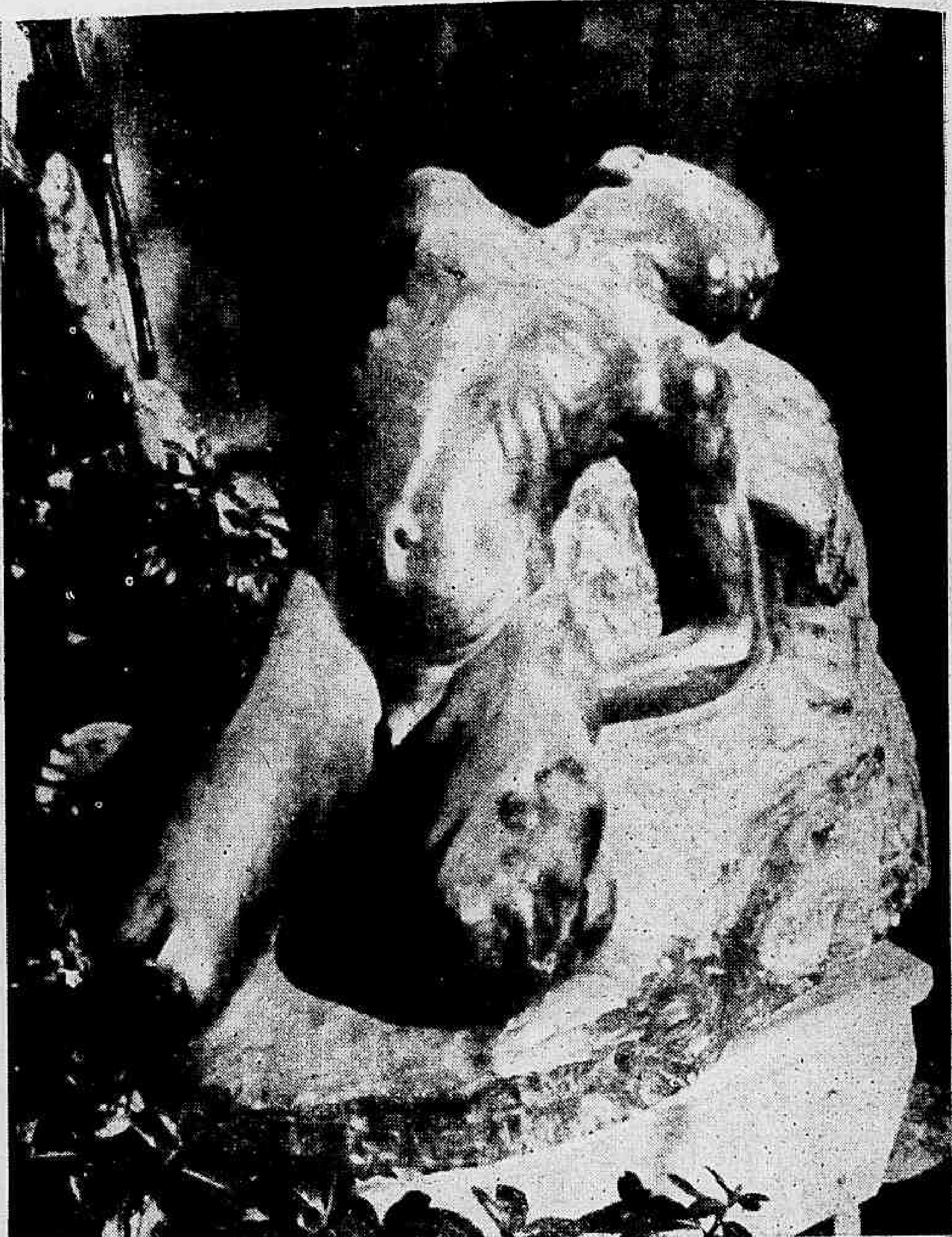
A DIREITA — "Orixá", escultura afro-gaúcha dos batuques de Pôrto Alegre, medindo 11,5ctms., representando Santo Antônio, já sem o Menino Jesus nos braços. A ESQUERDA — A mesma imagem vista de costas, notando-se o capus da estamenha do Santo de Lisboa



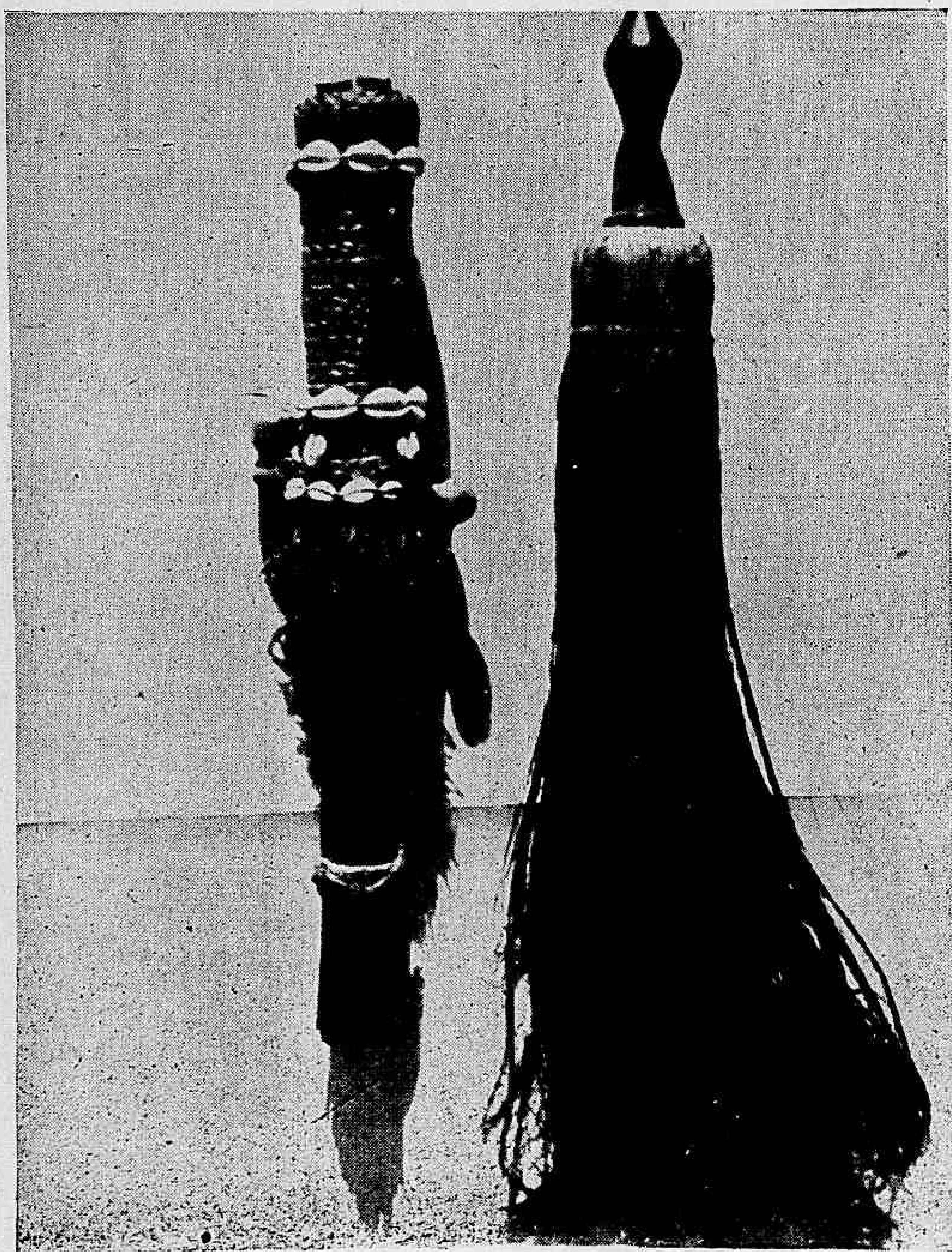


A DIREITA — Imagem de identidade duvidosa, escultura afro-gaúcha, de madeira. Será Santo Antônio? N. S. da Conceição? Pertenceu a escravos. A ESQUERDA — A mesma imagem vista de costas, podendo-se crer não ser Santo Antônio e sim uma Santa do agiológio católico de aculturação africana

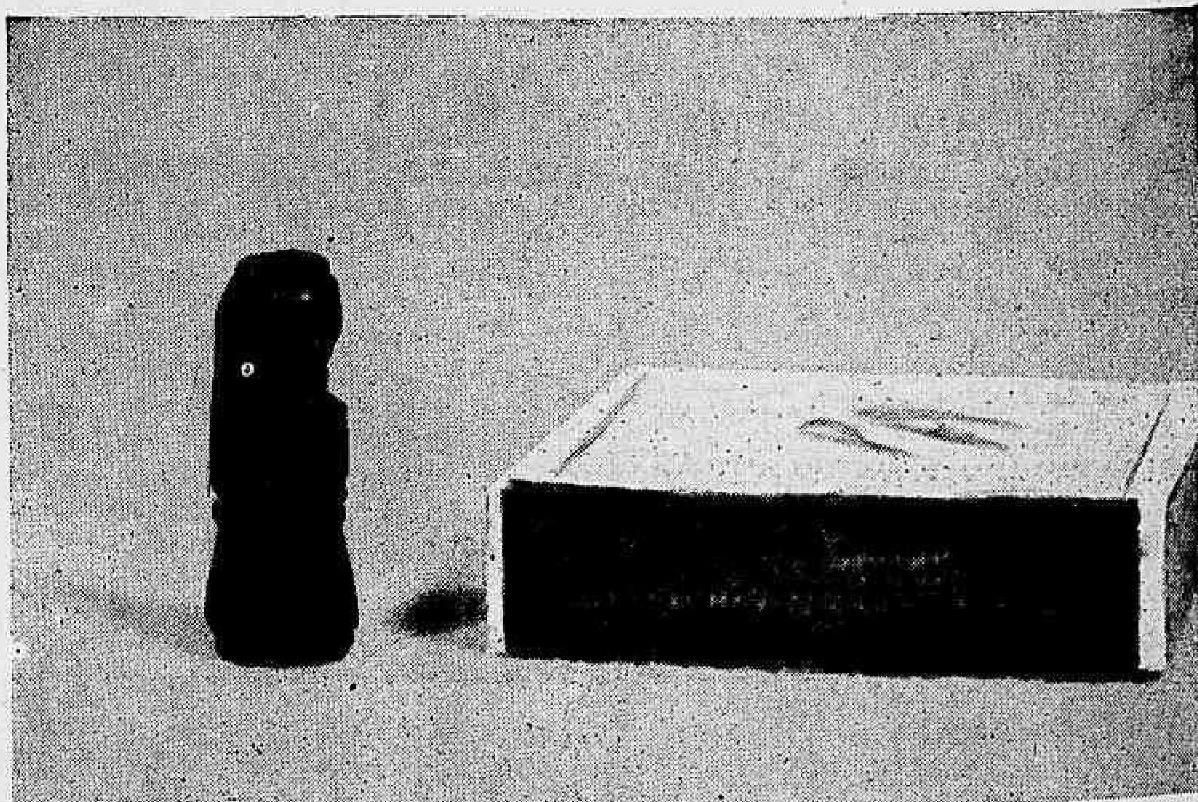


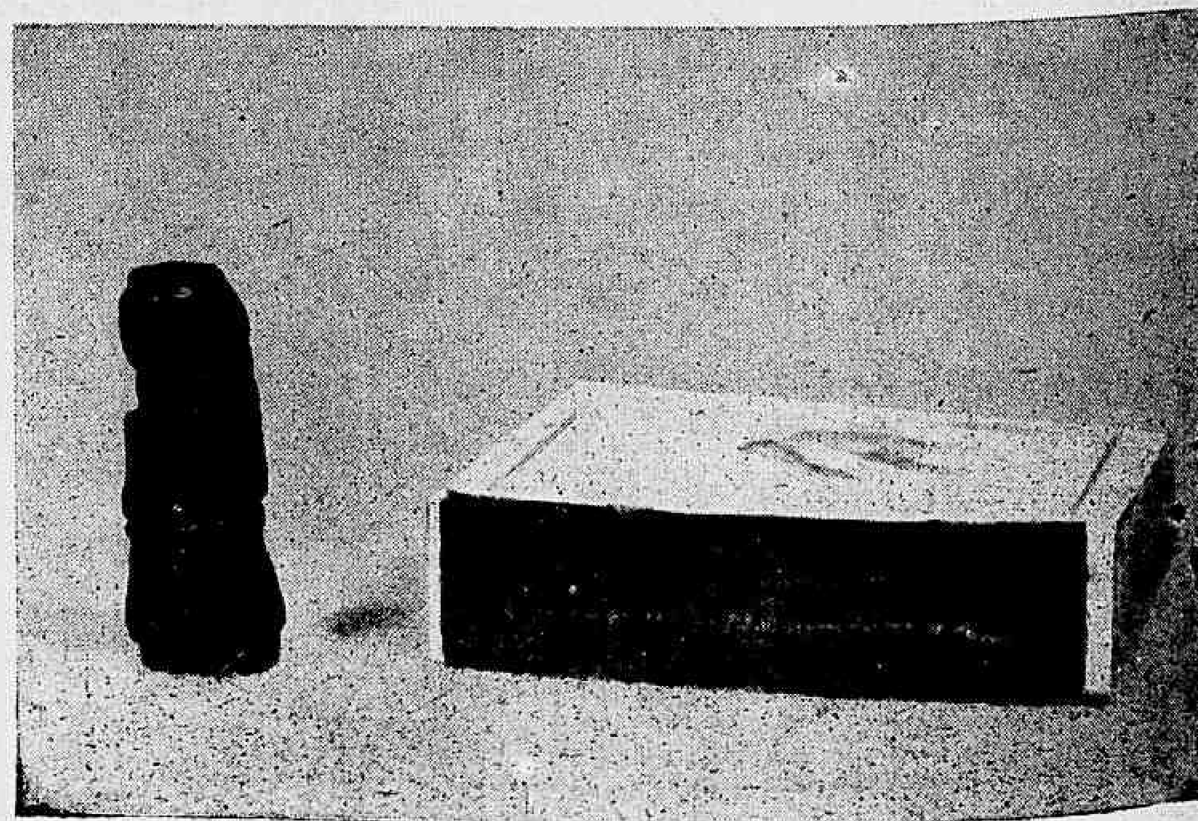


Vasco Prado relembra o martírio do Negrinho do Pastoreio, única lenda gaúcha sem nenhum elemento de folclore estranho. Escultura daquele escultor gaúcho que regressou recentemente de uma bolsa de estudos em Paris. Seu espírito parece estar longe... A DIREITA — "Close-up" dêsse motivo de lenda do Rio Grande do Sul que vem inspirando tantos artistas dos Pampas, desde Simões Lopes Neto aos dias atuais. Vasco Prado apresentou esta obra emocionante e que lhe proporcionou a bolsa de estudos, dentre outras

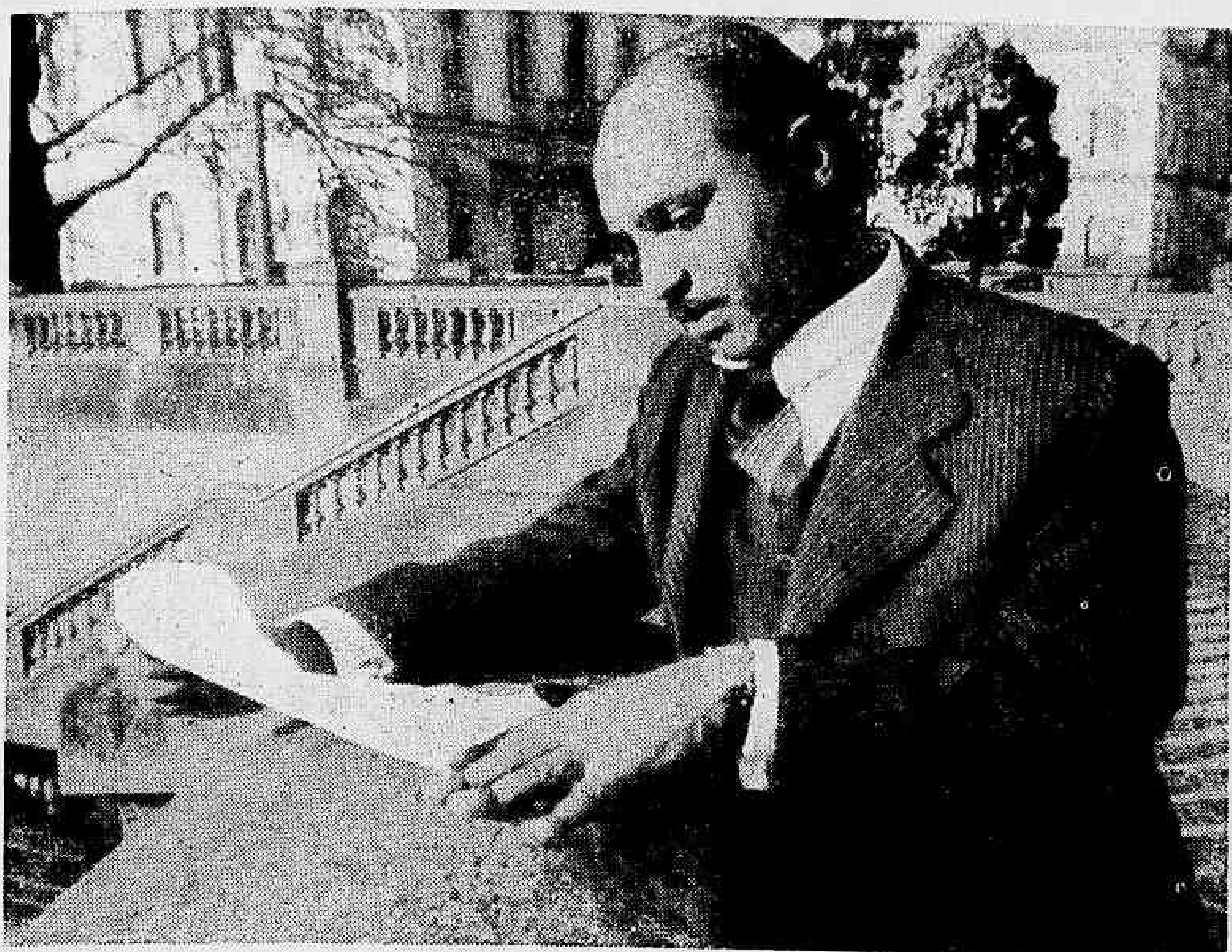


O "xaxará", atributo de Omolu, deus das bexigas e da peste do candomblé baiano; ao lado, um dos batuques de Pôrto Alegre. A diferença está na ornamentação daquele e na pobreza dêste, despido de enfeites, sem nada de decoração faustosa como o da Bahia





EM CIMA — Imagem em miniatura para ser usada pendurada. Mede 3 cmts. e é de madeira talhada com canivete. Originária de Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul. EM BAIXO — Vista de outro ângulo, segura uma cruz e um "oxé" (pessoa possuída por um orixá). Belo espécime de sincretismo religioso



Lupicínio Rodrigues relê a letra de seu último samba "Cadeira vazia". Seu anterior "Se acaso você chegasse" foi gravado em filme por Hollywood; mas nem nome na tela, nem dinheiro no bolso. Ao fundo o velho Teatro S. Pedro, à frente o Guaíba desliza sereno

ver-se nas quarenta e oito estrêlas do país de Lynch? Tu, que te gloriavas de ignorar o problema? Tu, que viveste teus primeiros anos do suor prêto nos canaviais? Tu, pomba, que tens o coração na Bahia fetíchica? Tu, que usaste o braço negro para expulsar os invasores? Tu, que tens no sangue, na alma e no cérebro uma iniludível pigmentação? Tu, que glosas alegremente o mote do português e da mulata? Tu, de cujos filhos, entre três um é prêto ou mestiço?

Ninguém poderia imaginar o surto racista no Brasil. Precisamente no Brasil. E' tão inconcebível que a gente fica inibida de maiores comentários. Mas um é preciso fazer. Para mostrar que nem o Rio Grande do Sul, um dos Estados mais brancos do Brasil, escapa à mestiçagem. Mestiçamento físico e moral, como já compreendem os argutos.

A prova me ocorre pronta e fácil. No futebol, no samba e no folclore. Nada mais popular do que isso, evidentemente. Pois o maior craque produzido pelo Rio Grande "é da raça" — Tesourinha, que o Vasco anda namorando e que fatalmente acabará nos gramados do Rio. Há outro "moreno" de valor. Fenômeno único aos 30 graus de latitude Sul. Lembram o samba gostoso "Se acaso você chegasse..."? Recordam-se de "Nervos de aço"? São de Lupicínio Rodrigues, pôrto-alegrense ali da Ilhota. E' dos raros compositores brasileiros aproveitados por Hollywood, que, diga-se de passagem, apropriou-se de sua música e nem lhe mencionou o nome na película "A bailarina loura". Lupicínio Rodrigues cada dia sobe mais para o plano de Ari Barroso e Caymmi. Sua música e seus versos têm uma espontaneidade, uma beleza tão singela que o colocam em merecidíssimo destaque, ainda não reconhecido de todo. Por outro lado, no apreciável acêrvo de mitos e lendas do Rio Grande, só existe uma criação pura e genuinamente gaúcha. Qual é? O "Negrinho do Pastoreio". Dizem que Gilberto Freyre, ao conhecê-la, ficou alucinado. Não só pela beleza da lenda. Mas porque era gaúcha, e não baiana...

A prova mais flagrante, no entanto, é a demografia e a estatística religiosa. Os dados demográficos são perfeitamente aceitáveis, porque alicerçados no censo de 1940. Pois em 1º de janeiro de 1948, para uma população estimada em cêrca de quatro milhões, o Rio Grande do Sul tinha quase meio milhão de prêtos e pardos! A população de Pôrto Alegre, nessa data 320.000 habitantes, contava com um prêto ou mulato em cada grupo de seis ou sete pessoas!

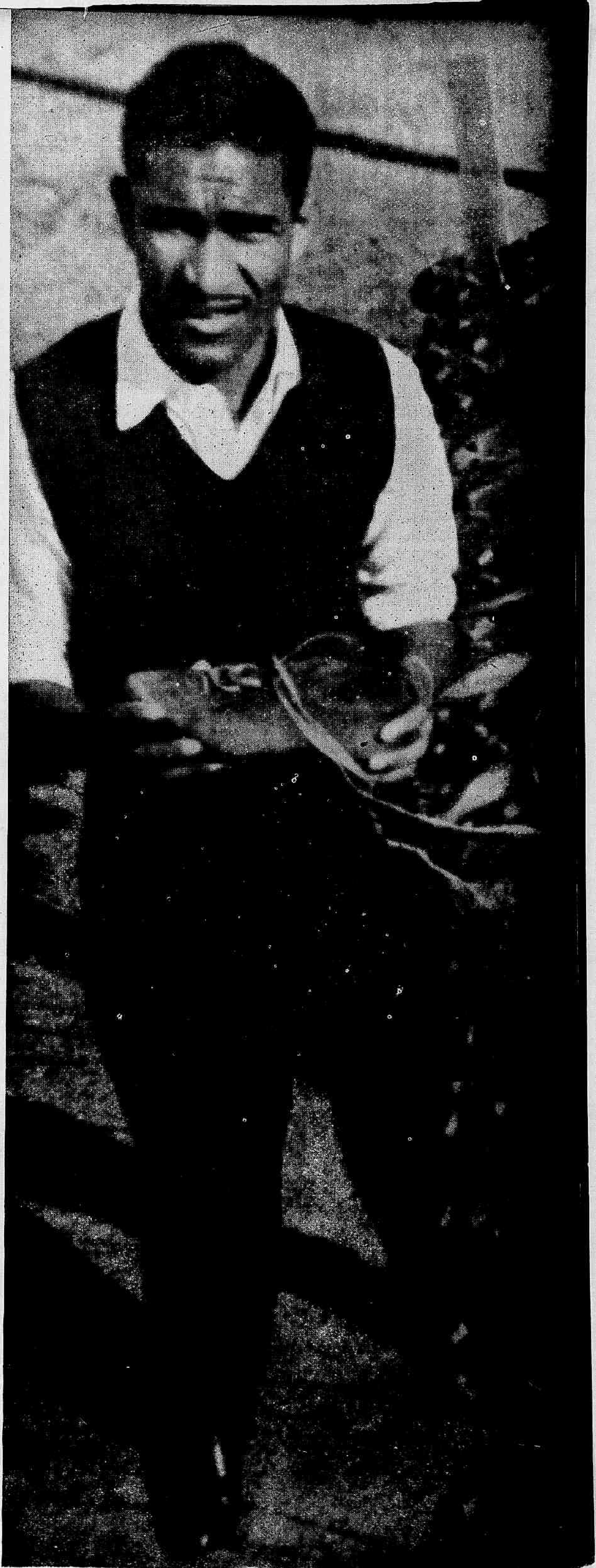
Aí está. O Rio Grande branco, recoberto de camadas arianas pelas levas de imigrantes, claros alemães (dois quais descendo pela linha paterna), italianos louros, espanhóis e até de russos e polacos, sem trazer à conta o velho substratum lusitano, o Rio Grande... também "tem pinta na testa". E marcada. Indisfarçável.

A maior surprêsa, no entanto, fica reservada ao visitante curioso. Aquele que não faz turismo, mas que quer ver mesmo. Se esteve na Bahia, sem dúvida terá ido ao Engenho Velho, ao Gantois, à Goméia. Terá visto a silhueta das árvores sagradas se recortarem contra o céu estrelado. Terá

(Cont. na pág. 48)

Adeptos dos ícones afro-gaúchos rendem-lhes homenagem num "pegi" de Pôrto Alegre. À DIREITA — Tesourinha escolhe as chuteiras antes do treino. Campeão da cidade, do Estado e sul-americano, o "crack" produzido pelo Rio Grande do Sul é da raça...





UM CASTIGO ORIGINAL

CONTO DE **EUGÊNIO MORATO**

NO tempo das casinhas de piteira que eu fazia no quintal, quando brincava, e dos guisados de umas tantas meninas que de mim g-stavam, e cuja lembrança ainda me é fiel, como um eco, à voz do coração, — estava eu terminando o curso primário.

Entretanto, não havia aprendido ainda a treta de muito escolar que "matava" aulas unicamente para jogar pirosca nos becos e nadar no córrego do Olaria.

Não seria eu capaz de desmerecer, mesmo que o quisesse, a simpatia que me votava dona Anita, a mais diferente de tôdas as mestras. Diferente, porque de uma bondade bem compreendida, tôda feita do desvelo de uns meninos pelos outros.

Mas o destino tem certa esquisitice... Pobre dona Anita! Estava prescrito o fim para aquela que trazia no coração o misticismo de um anjo.

E aquelas mãos, que brincavam tantas vêzes nos cabelos das crianças: que faziam tanto bem e espalhavam tantos gestos de carinho, ficaram em cruz, pálidas e inertes... E aquêles olhos, que tinham o infinito em seu azul, e a eternidade do amor em sua luz, cessaram de brilhar.

Dona Anita deixou-nos para todo o sempre...

Palavra que senti um nó na garganta, por muitos dias, na sala de aulas. E ainda hoje, ao recordar, sinto os olhos molhados...

De então por diante, conheci a dura realidade de enfrentar o curso sem a mão de mestras carinhosas. Sim, porque nos haviam mandado uma professora de mau gênio, em substituição ao anjo do passado.

Certamente que sofríamos as consequências do complexo de inferioridade da nova mestra — dona Corina. Tinha um ôlho de vidro. Fazia carêtas, puxava orelhas, dava murros na mesa, punha sinais roxos em muito braço, — tudo por uma coisa de nada.

De mais a mais, dona Corina não seguia o programa de sua antecessôra. Eu já andava até esquecido daquelas palestras sôbre os benfeitores da humanidade.

Que lhe importava a ela a obra de um Osvaldo Cruz? A odisséia de um Anchieta? A história de Stephenson com a sua primeira locomotiva? Ou a vida daquele menino brasileiro que levantara o dêdo, um dia, para dizer que o homem também podia voar?

Dona Corina só queria saber de dar castigos. Era um "caso sério" que qualquer gurí retardado compreendia logo.

★

Batiam doze horas do dia. A sineta do Grupo estava para soar.

— Vamos entrar, Paulinho? — convidei.

— Estou pensando, Jorge. Hoje não quero ver dona Corina. Eu quero é nadar no córrego do Olaria. Vamos, bôbo? Você nunca foi lá comigo.

— Mas, Paulinho, nós já andamos quase sem média, hein? Sua mãe até já cortou uma vara de marmelo...

— Vara p'ra dona Corina, vá lá! A gente aproveita mais nadando... Você vai comigo, não vai?

— Bem, vamos embora, Paulinho, — acedi, um pouco contrariado, — mas vamos depressa, que a diretora já vem chegando...

Descemos pelo beco da Candinha e, dentro em pouco, saímos na baixada do Olaria, ao sopé da serra da Cangalha, onde o cristal do córrego convidava a expor-se a pele ao sol.

Era um pequeno éden de distrações, vestido de verde. Um recanto de água parada, sem o murmúrio de um chororó siquer. Apenas ressoava no mato da Pedreira, de longe em longe, o grito da saracura: — "Três-potes! três-potes! três-potes! — enquanto o macho respondia cá em baixo: — "pote... pote... pote..."

De vez em quando, um "cavalo de judeu" sobrevoava a planura do córrego, roçando na água o seu rabinho vermelho. E um ou outro peixe-sapo zigue-zagueava através do nateiro das margens, fariscando aranhas.

Tudo aquilo para mim, que nunca havia passado o dia à tôa, figurava uma paisagem de lenda. No entanto, eu sentia a vida diferente, pelo remorso de pensar que lá em casa todos me julgavam sossegadinho no Grupo.

Mas aquêle remorso azulado, os girinos que brincavam nas locas, as piabas que se entrecruzavam, com as escamas irisadas pondo frisos de nácar no esmalte d'água, desviaram logo meus pensamentos.

— Depressa, Jorge! — gritou Paulinho — tire a roupa. Já escondi a minha debaixo do ingazeiro. A água está uma beleza!

— Estou rezando, primeiro, a oração de São Bento, Paulinho.

— Êste poço não tem cobra, não.

— Mas vá lá: "São Bento, água benta, Jesus Cristo no altar... Arreda cobra, arreda bicho, deixa o filho de Deus nadar..." Conhece esta reza, Paulinho?

— Se conheço! E' do tempo da vovó. Ela me falou que cobra não pica o menino que reza essa oração.

Paulinho deu um salto n'água, atravessou o córrego e, de repente, saiu a correr em direção ao ingázeiro.

— Que foi? Aonde vai você? — perguntei, espantado.

— Ouvi um barulhinho alí no mato... Pensei que tinha visto a Maria da Zica.



— Está doido, Paulinho? Que Maria da Zica é essa?

— E' a lavadeira, aquela mulata brava que lava roupa no córrego, lá em baixo...

— Que tem isso?

— Pois você não sabe?... Ela fica fula de raiva quando algum menino vem sujar a água do córrego, que desce para lá vermelhinha de barro!

— Ah! E depois?

— Depois, a Maria da Zica vem cá e vai logo carregando p'ra longe a roupa da gente.

— E como vamos fazer sem roupa, Paulinho, se ela vier hoje?

— Não, hoje ela não vem. A água está limpinha. Vamos nadar muito de manso. Upa!...

Subimos a um cupinzeiro e — bumba! caimos os dois no banho.

Paulinho nadava tal um cachorrinho paqueiro, enquanto eu nadava muito bem... mas com as mãos apoiadas no fundo do córrego.

Depois de afugentar piabas e desalojar bagres das locas, pegámos um sapo que fabricava espuma amarela numa moita de samambáia. Pusemos um cigarro na sua bôca e o colocamos em cima do barranco, até que o bicho inchou, inchou e caiu, de zonzeira, dentro d'água.

A tardinha, quando já tinhamos os beiços arroxeados de frio, resolvemos voltar. Mas, debaixo do ingázeiro, ao procurar as nossas roupas, estremecemos de espanto. Haviam desaparecido!

— Nossa Senhora! — exclamou Paulinho, perdendo a côr — furtaram as roupas!

— E agora? Quem será o ladrão, Paulinho?

— Garanto que foi a Maria da Zica, a tal lavadeira! Aquêle barulhinho que ouvi no mato, há pouco, não foi a tôa...

— Vamos atrás da "bicha", colega?

— Com que roupa, Jorge? A Maria da Zica, quando "pesca" roupa de menino que suja a água dela, esconde tudo de tal jeito, que a gente tem de ir p'ra casa como índio...

— Não diga, Paulinho! Ela já fez isso com você?

— Nunca, é a primeira vez. Mas sei que o nosso amiguinho Zé Bororó já teve de esperar a noite para voltar ao rancho.

— E voltou nu?

— Nuzinho "da silva!"

— Chi ! E agora, como vamos embora, Paulinho?

— Não sei. Só esperando escurecer, como fez o Zé Bororó.

— Mas a tal lavadeira pode estar ainda por perto. Vamos gritar bem alto o nome dela?

— Vamos.

— O' Maria da Zica! traga a nossa roupa!

— Mais alto, Jorge: ó Maria da Zi... caaa!... A nossa rou... paaa! ! Maria da Zi... caaa ! !

Gritavamos em vão. A lavadeira não aparecia. Certamente, tonta de raiva, tinha apanhado sorrateiramente as nossas vestes, escondendo-as em alguma grota.

Já estavamos batendo queixo, arrepiados de frio. Varejamos todo o mato. Tempo perdido. Aquela Maria danada havia preparado um castigo original para nós dois. Uma hora inteira ficamos a perambular na redondeza do riacho, e as roupas nem por sombras apareciam.

Ia ficando noite. O dia tinha fechado os olhos nos leques do coqueiral. Um curiango volteava no ar parado, pousando a nosso lado, como se quisesse saber da nossa história. E a resposta dos grilos e das pererecas já estalava na macega do vale.

Tinhamos de voltar para casa à moda de índio... Não havia outro jeito. Já deviam estar procurando dois meninos perdidos.

— Vamos embora assim mesmo, Paulinho? — convidei, decidido.

— Só indo, Jorge. Mas, amanhã, essa Maria há-de pagar tudo!

— Vou andando de gatas pelo pasto do Barbosa. E você?

— Eu vou indo pela Gameleira. Alí, quase não passa gente ao anoitecer. Até amanhã, Jorge!

— Até amanhã. E não vou sossegar enquanto a Maria da Zica não ganhar uma boa pedra!

— Uma só, não; duas pedras, se Deus quiser.

Paulinho correu desabaladamente pela estrada da Gameleira, o corpo desnudo e as pernas finas.

Apanhei na estrada, ao acaso, alguns ramos e improvisei uma tanga de folhos. Embrenhei-me depois no pasto do Barbosa e, de quintal a quintal, de cêrca a cêrca, a correr como lebre, cheguei, enfim, ao galinheiro de minha casa. Suspirei com heroismo. Mas, que vi na cozinha, então? Vi a Julita, a minha namorada escolar. Certamente, todos já sabiam por ela que eu não tinha ido ao Grupo.

Minha mãe parecia muito anciosa, quase a chorar. Um reboliço, afinal, em tôda a casa.

Escondi-me, a tôda pressa, no fôrno de assar biscoitos, ligado à cozinha. Que apertura, Deus meu!

E foi então que comecei a sentir um ardor estranho a queimar-me o corpo. Que seria? Pobre de mim! Tinha feito uma tanga de folhas de aroeirinha, que me mordiam a pele como urtigas.

Não suportei mais permanecer dentro do fôrno. Apareci súbitamente à porta da cozinha e, todo pálido, cheio de arranhões, fui logo dizendo:

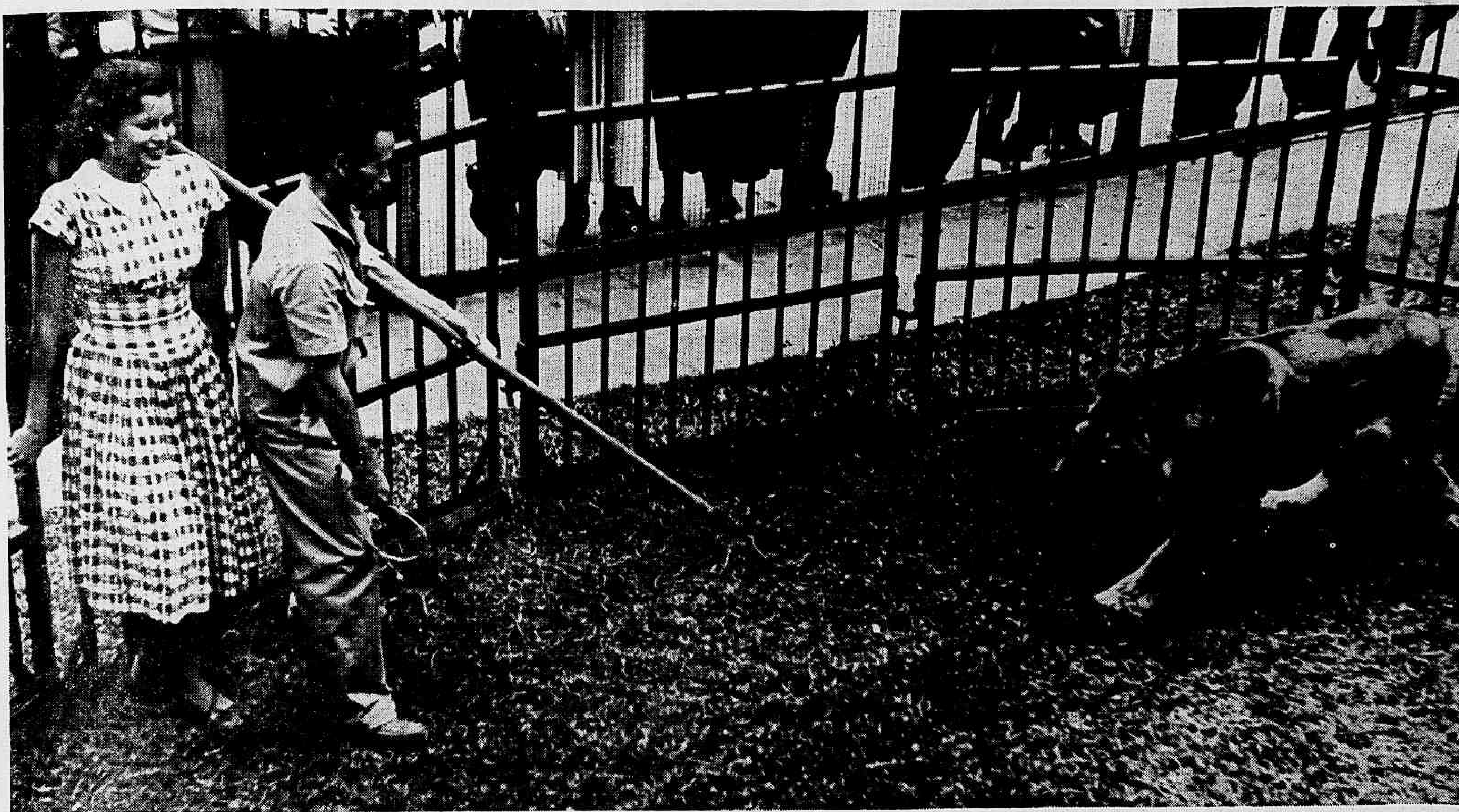
— Estou aqui, mamãe...

Ela, surprêsa, teve dó. Não procurou saber a minha história, nem me bateu. E até me abraçou...

Maria da Zica já me havia dado um castigo original.

ILUSTRAÇÃO DE **RENATO SOUZA**
SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**





A BELA E AS FERAS

Por HÉLIO FERNANDES

DAISY STEFANO é o seu nome. "Rainha das Sereias" de 48 e candidata ao título de "Rainha das Modelos" de 49. 17 anos, linda como um sonho de criança, um sorriso de despertar paixões a quilômetros de distância, um corpo admirável, desejada como um quadro de Picasso, ela vai construindo solidamente a sua estrada para a glória, subindo vertiginosamente no caminho da fama!

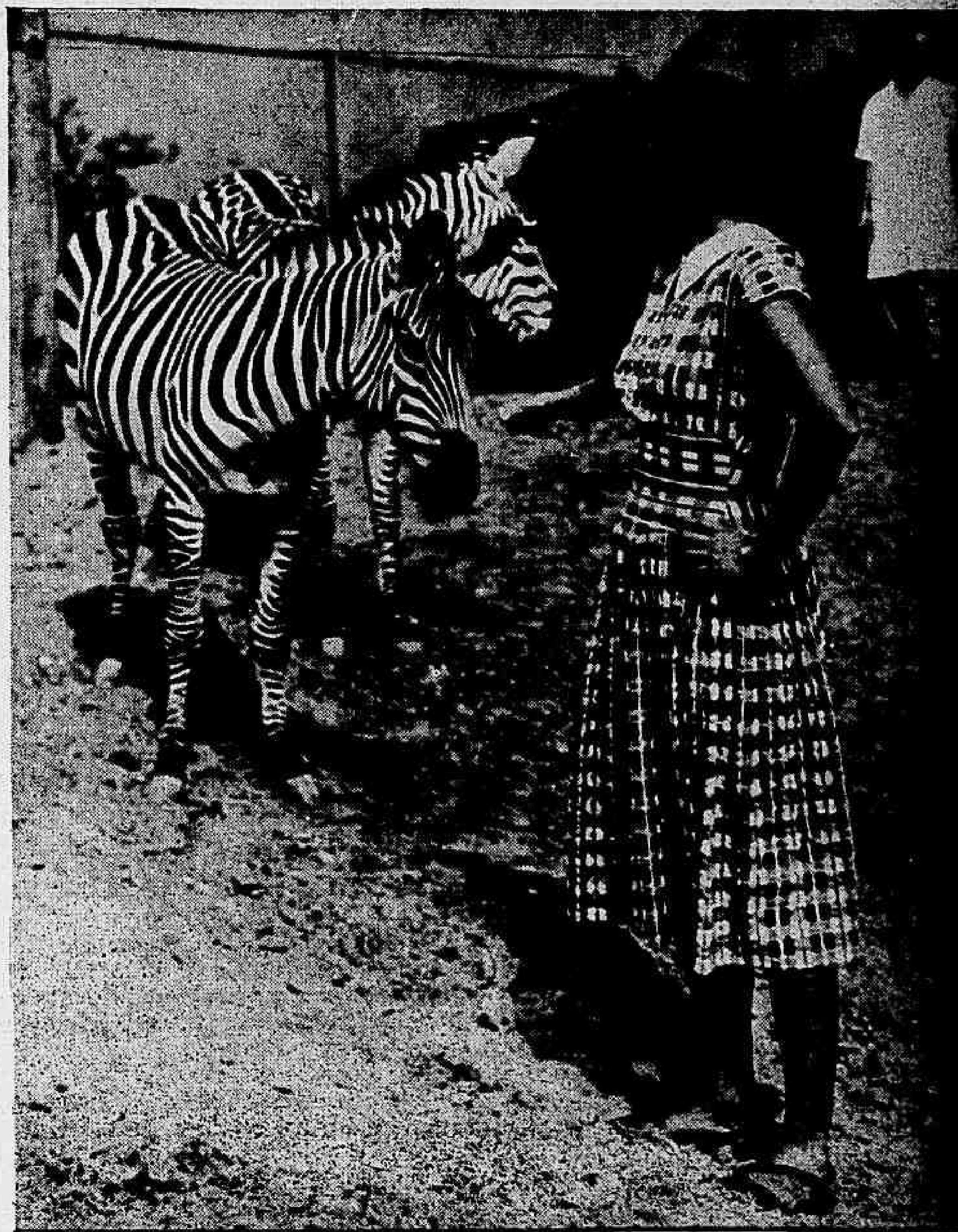
Disputada por companhias de cinema, convidada para trabalhar no teatro, Daisy parece um dêsses personagens de lenda, desconhecidos numa noite e 24 horas depois donos da glória e da fortuna.

Há dois anos, brotinho de 15 anos, era modestíssima **vendeuse** da Casa Happy. De 8 às 18 enfrentava um balcão, sorriso nos lábios, atendendo uma freguesia sem inspiração e sem originalidade, que não variava nunca. Sempre a mesma coisa. Camisas. Sapatos. Gravatas. Um inferno. Talvez secretamente acreditasse num milagre ou no aparecimento de um príncipe encantado.

Mas como os príncipes encantados não usam roupa de esporte, nem os milagres acontecem diariamente, Daisy foi ficando na Happy, esquecida e desanimada.

Até que um dia, em princípio de 1948, leu um anúncio sôbre o concurso para "Rainha das Sereias", organizado por Raul Brunini. Nem hesitou. Inscreveu-se. Desfilou. Apareceu de maiô e sem êle. Foi um sucesso completo. Dois meses depois, a modesta menina já havia aparecido na primeira página de quase todos os jornais do Rio, e era apontada como a grande favorita do concurso.

"No dia da apuração final", diz Daisy, "senti a primeira sensação da minha vida. Compreendi então que emoção é algo mais que uma simples palavra. E' um sentimento profundo. E como dói."



Fotos de AUGUSTO VALENTIM



A bela sem a fera. Será menos perigosa? Não cremos

A bela fingindo de fera. Mas mesmo fora da jaula não perde nada dessa deliciosa ferocidade feminina



"Sinceramente não tinha nenhuma esperança de vencer o concurso. Não conseguia compreender como é que eu, Daisy Stefano, sem nenhuma proteção, sem nenhum conhecimento, conseguiria ganhar o título de "Rainha das Sereias". Mas confesso que o meu maior desejo era ganhar o concurso. Queria aparecer, ser famosa, admirada como as artistas de cinema."

Estamos no bar do "Night and Day" e diante de nós vai desfilando o passado de Daisy.

Apesar de todo o nervosismo e apreensão, não houve muita dificuldade na obtenção da vitória. Os juízes entendiam de fato de beleza e Daisy foi eleita e coroada. Era "Rainha das Sereias". Mas Rainha de verdade com vassalos e nobreza, ao contrário de muitas outras, sem trono e sem realeza.

Mas, apesar de famosa e de aparecer até em "shorts" cinematográficos, continuou trabalhando no comércio. De 8 da manhã às 6 da tarde. Mais um ano perdido atrás de um balcão vulgar, atendendo os mesmos homens, que agora vinham com o pretéxto de comprar as mesmas roupas de antigamente, mas na realidade muito mais interessados num artigo que não estava em exposição...

Até que finalmente, aceitando um convite de Wahita Brasil, tornou-se modêlo do "Night and Day", com o ordenado de 3 mil cruzeiros mensais. O dôbro do que ganhava no comércio e 6 horas a menos de trabalho.



Daisy: 17 anos e 53 quilos. O outro jovem da foto: 8 anos e 400 quilos



Esqueleto da Etzi, morta há alguns meses e que está sendo reconstituído

Vamos caminhando pela Cinelândia. Daisy e Maria Grasinda riem por qualquer coisa, mostrando os dentes que parecem feitos especialmente para propaganda. Chamam a atenção de todo mundo e atrapalham de fato o trânsito. São grandes amigas, apesar de rivais no Concurso de Modelos.

Na Galeria Maria Gracinda se despede, e Daisy quer ir ao Jardim Zoológico assistir à filmagem de "Quando a noite acaba", de Fernando de Barros. Vamos.

"Parece que ainda não encontrei o caminho certo", diz Daisy subitamente. "Tenho duas propostas: uma para o cinema e outra para o teatro. Mas na verdade nenhuma das duas me atrai. Houve tempo em que só pensava nisso. Hoje não. Quero viajar, correr mundo, passar anos sem sair do mar, perdida, desligada de todos e de tudo. Mas ao mesmo tempo tenho vontade de ficar, de morar o tempo todo na mesma casa e não deixar nunca minha mãezinha. Eu mesma não me entendo."

Chegamos ao novo Jardim Zoológico. Tudo limpo e muito bem organizado, nem parece brasileiro, tanto já nos acostumamos com a anarquia e a desorganização.

Dia de semana mas as bilheterias não param: pois chegam visitantes de tôdas as partes da cidade.

Logo na entrada, os ferocíssimos rinocerontes. Chegaram recentemente e apesar da pouca idade pesam mais de 600 quilos. Queremos fotografá-los junto com Daisy, mas o domador não permite de maneira alguma. Insistimos, mas Daisy, meio atemorizada, pede ao funcionário que não consinta. E êle não consente mesmo, pois que entre atender-me e à linda garota êle não hesita.

Com a Catarina foi permitida a fotografia, mas ela recusou-se terminantemente e retirou-se para os seus aposentos.

Finalmente uma fotografia. Com as zebras. Menos de 15 dias no Rio mas já inteiramente accostumadas, não fizeram nenhuma objeção. Apenas madame Zebra pediu uns minutos, e quando voltou ostentava um magnífico modêlo Dior, exclusivo.

Passamos pela seção de rétis, visitamos o casal de elefantes de apenas 10 anos de idade mas com mais de 400 quilos, e chegamos ao local onde está sendo montado o esqueleto da Etzi, a elefanta que durante tantos anos divertiu a gurizada carioca. Veio um técnico sueco especialmente para executar o trabalho que já vai ficando impressionante. Mais de 200 parafusos já foram gastos e os ossos são suportados por 4 hastes de ferro, pois a carne, é claro, foi tôda retirada.

Mas Daisy não parece muito interessada nesses detalhes. Seus olhos não param procurando alguma coisa. São as girafas.

"Cegonha, foi você mesma que me trouxe? Então, por favor, me leva de volta, porque eu não gostei nada disto aqui"



Madame girafa não quis nada com o fotógrafo. E quando Daisy se aproximou, retirou-se dicretamente



A legenda desta fotografia está na expressão da linda Daisy. Será preciso mais? Também, carícia de tamanduá-bandeira...



A BELA E AS FERAS

Daisy apanha um galhinho de árvore e as girafas vêm logo correndo. O domador diz que elas são loucas por brotinho, mas não conseguimos descobrir se fala sério.
Valentin se prepara para uma fotografia, mas o medo assalta a linda "Rainha das Sereias". Medo de girafa, medo de zebra, medo de tamanduá-bandeira. Quase medo do fotógrafo.
Fomos embora dali e resolvemos fazer uma fotografia dentro da jaula dos leões. Com Daisy, leão e tudo.
Pacífico o domador consente, depois de "trabalhado". 50 minutos são gastos para convencer que a Rainha entre na jaula. Nada conseguimos. Nega-se terminantemente e, convenhamos, com uma certa razão. Só a cara do leão já é de horrorizar. Mudamos de técnica e finalmente conseguimos. Mas na hora, quando já estava tudo pronto, nova fuga espetacular. Desespêro do fotógrafo.
Pedimos. Imploramos. Argumentamos. Mas como convencer a uma jovem de 17 anos que deve entrar na jaula de um leão, quase tão feroz como um investigador da Ordem Política?
Mas de repente, num assomo de coragem ou por excesso de medo, Daisy resolve entrar na jaula.
Devagarinho, se esgueirando por trás do domador, com um sorriso mais amarelo que um japonês fugindo de Pearl Harbour, ela enfrenta o animal. Êste olha furioso por ter sido incomodado, avança, os olhos luzindo, mas é contido pelo chicote. Nessa altura Daisy já está quase atravessando a grade. Valentim bate a chapa, mas a lâmpada não explode e tem que ser feita outra vez. Mais dois minutos. Daisy nem pisca. Há gente em volta. Mas que alívio! Acabou.
Logo que a porta é aberta Daisâ sai correndo, numa velocidade que deixa em perigo o "record" de Bento de Assis.
São quase 4 horas da tarde e voltamos. Está quase na hora do desfile de modelos. Daisy não pode atrasar-se pois há candidatas temíveis.
Em verdade está disputadíssimo o páreo para eleição da "Rainha das Modelos" da cidade.



A bela, o irmãozinho e a falsa girafa

Depois de tanta fera, um disco de Frank Sinatra





Daisy Stefano. Rainha das Sereias de 48. Rainha das Modelos de 49

Aqui terminam as feras →



PANELINHA

A Associação do Cinema Brasileiro, uma nova entidade classista, está publicando em vários jornais do Rio o seguinte repto:

"Reptamos os srs. Luis Vassalo Caruso, Nelson Cavalcanti Caruso, Vital Ramos de Castro, Luis Severiano Ribeiro e demais exibidores cinematográficos interessados no aniquilamento da indústria nacional do cinema a declararem perante a comissão parlamentar do teatro e do cinema, com a presença de representantes desta Associação, o seguinte: 1.° — Quais as emprêsas exibidoras de filmes em nosso país que já cumpriram a obrigação imposta pelo decreto 20.493, de projetarem, anualmente, pelo menos, três filmes nacionais de longa metragem um em cada quadrimestre; 2.° — Se os exibidores, quando projetam filmes nacionais, pagam aos produtores brasileiros os 50% da renda da bilheteria, como prescreve o parágrafo 6.° do art. 24.° do aludido decreto; 3.° — Que provas possuem os exibidores, fornecidas pelos produtores cinematográficos de nossa pátria, do cumprimento do decreto 20.493, acima citado, com relação ao mínimo de filmes nacionais a serem exibidos, e à percentagem a ser paga pela exibição. 4.° — Se as rendas dos filmes nacionais são iguais ou superiores às dos filmes estrangeiros; 5° — Por que os exibidores reagem, invariavelmente, contra a exibição dos filmes nacionais; 6° — De que modo o Serviço de Censura do Departamento Federal de Segurança Pública fiscaliza a aplicação do Decreto 20.493, ou melhor: quais os documentos que êsse serviço exige dos exibidores, como prova do cumprimento do mesmo decreto; 7° — Quais as restrições dos exibidores ao projeto de lei n° 472/49, da Comissão Parlamentar do Teatro e do Cinema. Tais declarações, que convidamos os sindicatos de emprêsas exibidoras a fazerem, devem ser baseadas em fatos documentos e circunstâncias que habilitem o público a julgar os verdadeiros responsáveis pelos males do cinema brasileiro."

A coisa está pegando fogo. O "Corredor do Veneno" anda em polvorosa...

★

Segundo noticiou um dos jornais cariocas, o público que se encontrava na sala de espera do Cinema Vitória, durante as exibições do filme italiano "A fornarina", prorrompeu em frenéticos aplausos quando uma voz gritou: "Viva a Fornarina!". Que boa bola... No "Corredor do Veneno" a turma ainda ri da **piada**. Qual, só mesmo no Brasil...

CINE REVISTA

Por LUIS ALIPIO DE BARROS

A IMPRENSA EM DEFESA DO CINEMA NACIONAL

PARECE que desta vez teremos mesmo o Conselho Nacional do Cinema. Tudo caminha para isso, e se contratempos ou surprêsas não aparecerem brevemente teremos o CNC funcionando e batalhando em defesa da cinematografia indígena.

Na Câmara dos Deputados, a comissão presidida pelo sr. Café Filho tem procurado auscultar a opinião de todos aquêles que, de uma maneira ou de outra, estão ligados ao movimento cinematográfico brasileiro. A imprensa especializada foi também convidada a colaborar nas bases dêste almejado Conselho que, se bem orientado, tanto bem pode trazer para a nossa incipiente indústria. Nós, da imprensa especializada, fomos convidados a colaborar, e lá estivemos, já em uma das reuniões. Discutiu-se e pontos de vista foram trocados e pesados. A impressão deixada pela Comissão parlamentar foi ótima, e todos os deputados que a compõem, entre os quais os srs. Café Filho, Brígido Tinoco (relator) e Afonso de Carvalho, deixaram nitidamente a impressão de que o Conselho Nacional do Cinema sairá com bases sólidas.

O início está ótimo, e tudo faz crer que continuará assim. Agora é necessário que as partes interessadas colaborem com a comissão, dando tôda a ajuda possível. Devem prevalecer apenas os interêsses gerais, e os casos particulares e individuais não carecem de ser ventilados. Neste momento de lutas e trabalhos está se discutindo o futuro do cinema brasileiro. Um cinema que precisa se desenvolver em bases seguras e dentro de um clima de honestidade e confiança. Muitos são os problemas que afligem o nosso cinema — e todos êsses problemas precisam ser atacados de uma maneira segura e bem orientada. Cabe a todos que militam na cinematografia nacional batalhar pelo sucesso da **grande marcha para melhores dias**, e muito principalmente à imprensa especializada, que com sua inegável e poderosa influência pode criar um ambiente de confiança entre todos os que lutam por um só objetivo.

Esta é uma hora decisiva e como tal precisa ser encarada. Agora é não esmorecer e enfrentar a situação pensando sempre na vitória. O cinema nacional é um sonho que precisa se tornar em realidade o mais breve possível. E o Conselho Nacional do Cinema será um largo passo para a realidade.

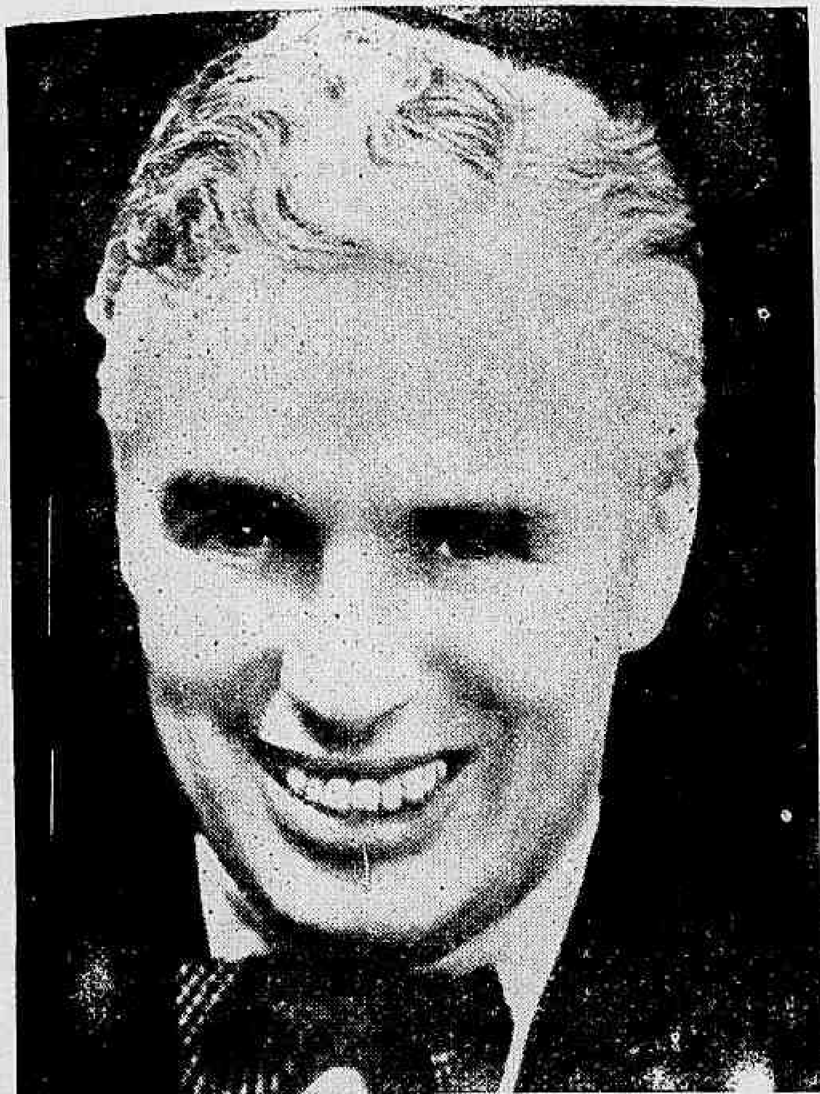


TÔNIA E ORLANDO VILAR
"Quando a noite acaba"



"QUANDO A NOITE ACABA"
Tônia Carrero é a "estrêla"

"QUANDO A NOITE ACABA" — O cinema nacional está em franca atividade. Muitos são os filmes concluídos e à espera de lançamentos, e muitos são os em realização. Fernando de Barros, por exemplo, depois de terminar os trabalhos de "Caminhos do Sul", filme que será mostrado ao público dentro de poucos dias, não perdeu tempo: tratou logo de sair para outro, e o outro teve já as suas filmagens de estúdio terminadas. Sim, estamos falando de "Quando a noite acaba", película que iniciará as produções dos "Artistas Associados". Em "Quando a noite acaba" aparecem os artistas Tônia Carrero, Orlando Vilar, Roberto Acácio, Jackson de Souza e Inez Valéria. Fernando de Barros dirige



CHARLES CHAPLIN
O gênio Carlitos



MARY PICKFORD
A namorada do mundo



ARTHUR W. KELLY
Vice-presidente — Diretor do Departamento Estrangeiro

UM ANIVERSÁRIO NO CINEMA NORTE-AMERICANO

COMPLETA êste ano a United Artists o seu 30.° aniversário de fundação. A história da United é, por assim dizer, a história do cinema, dentro do que a famosa companhia distribuidora representa para a cinematografia norte-americana.

Fundada nos dias quando os filmes cinematográficos ainda não tinham alcançado a perfeição dos dias atuais a nova organização levou para as suas fileiras os principais artistas da época, tais como Mary Pickford, Charles Chaplin, Douglas Fairbanks e ainda o famoso diretor D. W. Griffith, que deixaram outras companhias, para fundar esta nova e poderosa organização aos 17 de abril de 1919. Na "História do Cinema", de B. B. Hampton, encontramos a seguinte citação: "A Companhia foi organizada como uma distribuidora, cada um dos artistas ficando com o contrôle de sua atividade produtora, entregando à United Artists o filme terminado, para distribuição no mesmo plano geral que teria seguido com uma organização distribuidora, da qual não fossem êles os proprietários. As ações da United Artists foram divididas em partes iguais entre os fundadores. Êste acôrdo trouxe um novo sistema para a indústria cinematográfica, pois que antigamente produtores e distribuidores eram os próprios empregadores, pagando salários e algumas vêzes entregando, mesmo, parte dos lucros aos artistas; sob êste sistema da United Artists os artistas passaram a ser seus próprios patrões. E' verdade que necessitavam procurar o financiamento, mas, em 'compensação, recebiam o lucro do produtor, que anteriormente ia ficar em poder do empregador, e cada um recebia sua parte dos lucros da organização distribuidora".

Com o decorrer dos tempos, surgiram muitas modificações, porém hoje o domínio da Companhia ainda está nas mãos de dois de seus fundadores: Mary Pickford e Chaplin.

nas telas

RONDA... **Outra semana fraquinha de lançamentos. Nada de aproveitável e nada que mereça um registro mais condescendente. Um bobíssimo "Saudade dos teus lábios" e outro bobíssimo e velhíssimo "A bandoleira", um bluff da RKO em cima de um público bom de mais, e outro nada interessante "O diabo branco". (Que saudades do "Diabo branco" de Ivan Mosjouskine!...) Vamos agora esperar por "Punhos de campeão", um filme de Robert Wise, que promete muito, e pela "A taverna do caminho", de Jean Negulesco. Na próxima semana daremos opinião a respeito dos citados filmes — e se for possível também sôbre "Les enfants du paradis" e "Macbeth", os dois últimos assistidos em exibições especiais do Círculo de Estudos Cinematográficos.**

DE TODO O MUNDO

Notícias de Hollywood informam que o figurinista Charles Lameire admitiu ter passado várias noites em claro, pensando na melhor maneira de despir Betty Grable mantendo-a respeitável. Acrescentou Lamaire que em seu próximo filme a loura das pernas perfeitas mostrará mais polegadas do seu corpo do que em qualquer outra ocasião.

★

Um porta-voz de Aga Khan anunciou que a "estrêla" cinematográfica Rita Hayworth não "espera um acontecimento feliz", conforme publicaram vários jornais, coisa que provocou sensação em tôda a Europa.

★

O filme francês "Le diable au corps" (Adúltera), do diretor Claude Autant Lara, acabou de receber a "Fita de Prata 1949", para o melhor filme estrangeiro, prêmio êsse que é concedido pelos jornalistas e críticos de cinema italianos. "Ladrões de bicicletas" foi considerado o melhor filme italiano do ano. Vittorio de Sica, seu diretor, recebeu o prêmio pela melhor direção, e o filme ainda mereceu o prêmio pelo melhor assunto.

Fontes intimamente relacionadas com Ingrid Bergman revelam que a famosa atriz se dispõe a anunciar os seus planos de casamento com o diretor italiano Roberto Rossellini.

★

Notícias de Paris informam que a Comissão de Necessidades Técnicas da Imprensa, Rádio e Cinema da U. N. E.S.C.O., reunida na capital francesa, examina os problemas de quatorze países, entre os quais o Brasil, no que se refere aos aspectos culturais da questão.

★

Também na Holanda o filme "A cortina de ferro" andou provocando tumultos. Houve briga feia no cinema onde o filme estava sendo exibido e no meio da rua. Os comunistas estão em todos os lugares...

★

A atriz cinematográfica Ginger Rogers e seu marido Jack Brigs separaram-se, após seis anos de casados. Ginger tem atualmente 37 anos de idade.

ESTATÍSTICA

No "Correio da Manhã" encontramos o seguinte tópico:

"Segundo o último número do "Anuário Estatístico do Brasil", relativo ao ano de 1948, e há pouco divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, havia, em 1946, em todo o País, 1.811 casas e salões de espetáculos, dos quais 463 (27,57%) funcionavam nas capitais das Unidades Federadas. Do total, 1.179 (65,10%) eram cine-teatros, 427 (23,58%) cinemas, 39 (2,15%) teatros e 166 (9,17%) de natureza diversificada.

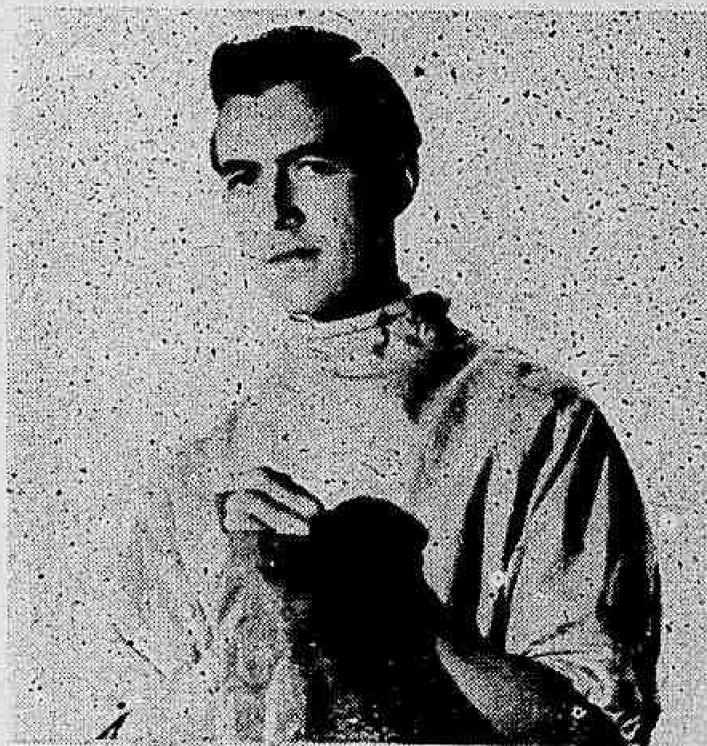
Dos 529.438 espetáculos realizados naquele ano, aos quais compareceram 143.172.036 pessoas, foram cinematográficos 518.486 (97,93%), com 138.716.716 (96,98%) espectadores, e teatrais 8.222 (1,59%) com 3.115.130 (2,18%) assistentes. Eram as seguintes as capitais que possuíam maior número de casas de espetáculos: Rio de Janeiro, 117 (25,27%); S. Paulo, 96 (20,73%); Belo Horizonte, 35 (7,56%); Recife 31 (6,70%); Pôrto Alegre, 30 (6,48%); Fortaleza, 18 (3,89%); Salvador, 16 (3,46%); Belém, 16 (3,46%); Niterói, 13 (2,81%); Maceió, 12 (2,59%); Curitiba, 11 (2,38%); Florianópolis, 10 (2,16%); Manaus, 10 (2,16%).

No que toca ao número de filmes exibidos, foram levados à tela, em 1947, 2.931 filmes, dos quais 942 (32,13%) jornais e documentários; 677 (23,10%) dramas; 667 (22,76%) "trailers"; 385 (13,14%) "shorts"; 90 (3,07%) comédias, 86 (2,93%) desenhos animados; 60 (2,05%) de propaganda, e 24 (0,82%) seriados.

De acôrdo com a procedência, os filmes norte-americanos foram em número de 1.809, ou seja, 61,72% do total: os nacionais somaram 656 (22,38%); os franceses 168 (5,73%); os inglêses 80 (2,73%); os mexicanos 60 (2,05%); os italianos 52 (1,77%); e os argentinos 43 (1,47%).

No concernente à censura, verifica-se que do total, 2.653 filmes (90,68%) foram aprovados sem restrição; 113 (3,86%) considerados impróprios para menores até 10 anos; 116 3,96%) impróprios para menores de 14 anos; e 44 (1,50%) só permitidos aos maiores de 18 anos."

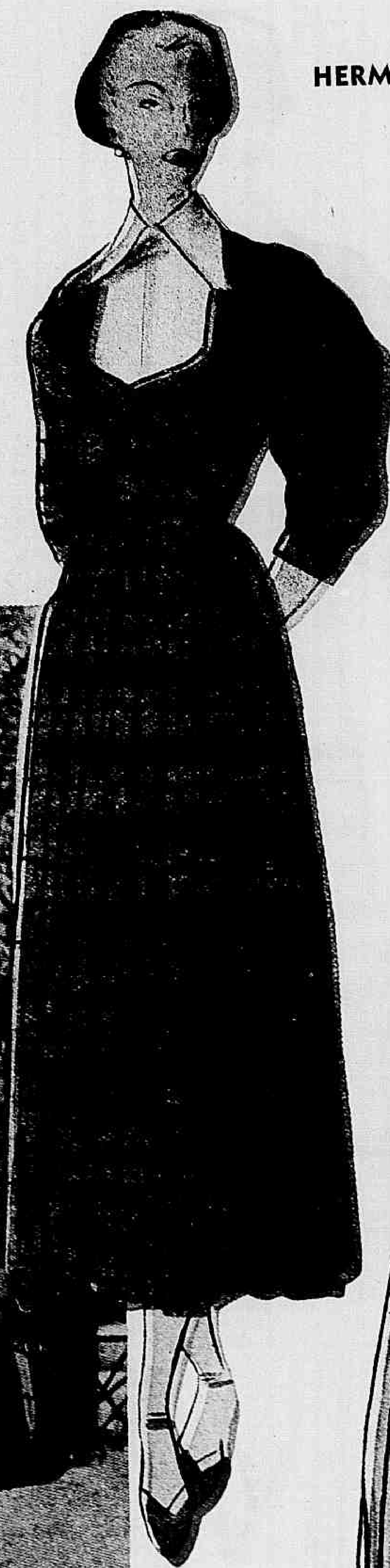
MICHAEL DENISON



O jovem ator britânico vem de uma família de teatro. Na escola, seu professor lhe dizia: "Denison, você será um ator de teatro, um dia. E um bom ator". Em Oxford, Michael Denison integrou a sociedade dramática da universidade desta cidade e trabalhou na peça de Gielgud "Richard II", ao lado de Vivien Leigh. A partir desta data decidiu Denison seguir a carreira teatral. Em 1938 Michael Denison fêz sua primeira aparição em público, em um teatro londrino. Quando irrompeu a guerra, êle alistou-se no Exército, mas antes de entrar no serviço ativo, apareceu em seu primeiro filme: "Tilly of Bloomsbury". Como oficial do "Intelligence Service", Michael serviu em vários teatros de guerra, e depois de desmobilizado tornou-se "astro" com o papel principal no filme "Luta incerta" (My brother Jonathan), que será apresentado no Brasil através da Europa Sul América Filmes.

PARA A NOVA ESTAÇÃO

ALGUNS sugestivos e encantadores modelos para a nova estação, criados pelas grandes figurinistas franceses, aqui estão apresentados para a sua apreciação: Jacques Fath, lançou êste "duas-peças" em jersey de lã prêto guarnecido de jersey escocês. ★ De Molyneaux, "duas-peças" em lã cinza claro. Jaqueta justa, saia franzida. ★ Modêlo de Nina Ricci em lã escocesa. "Plastron" branco. ★ Também de Nina Ricci, estilo "manteau", com plissé na frente.



HERMÉS



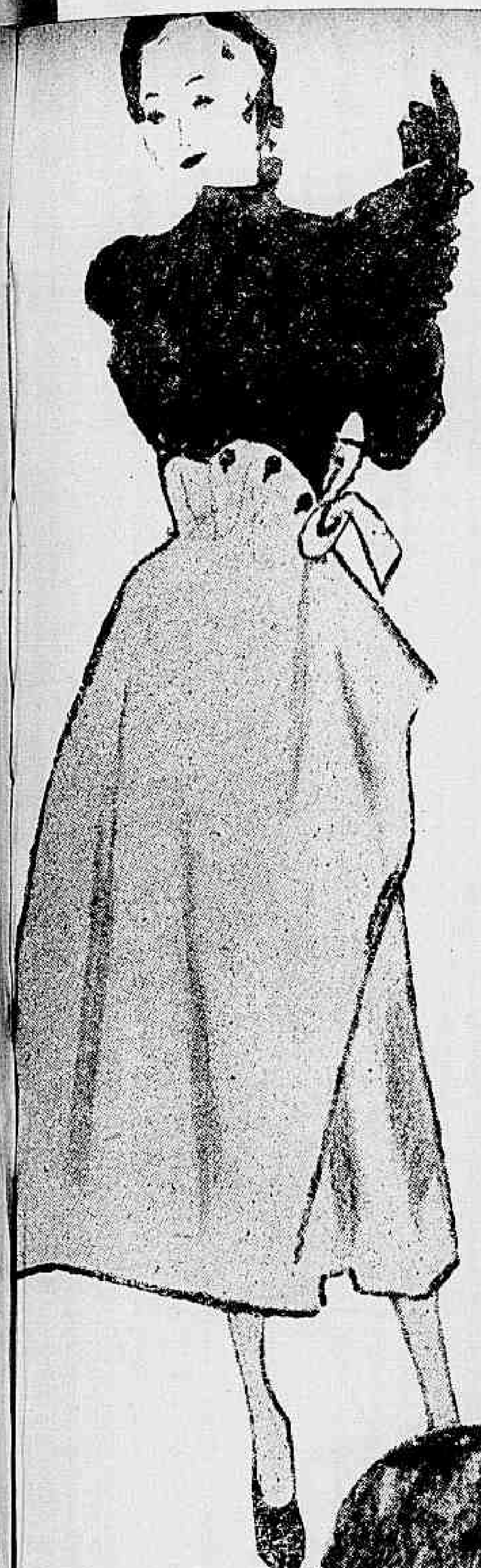
MOLLYNEUX





JACQUES FATH

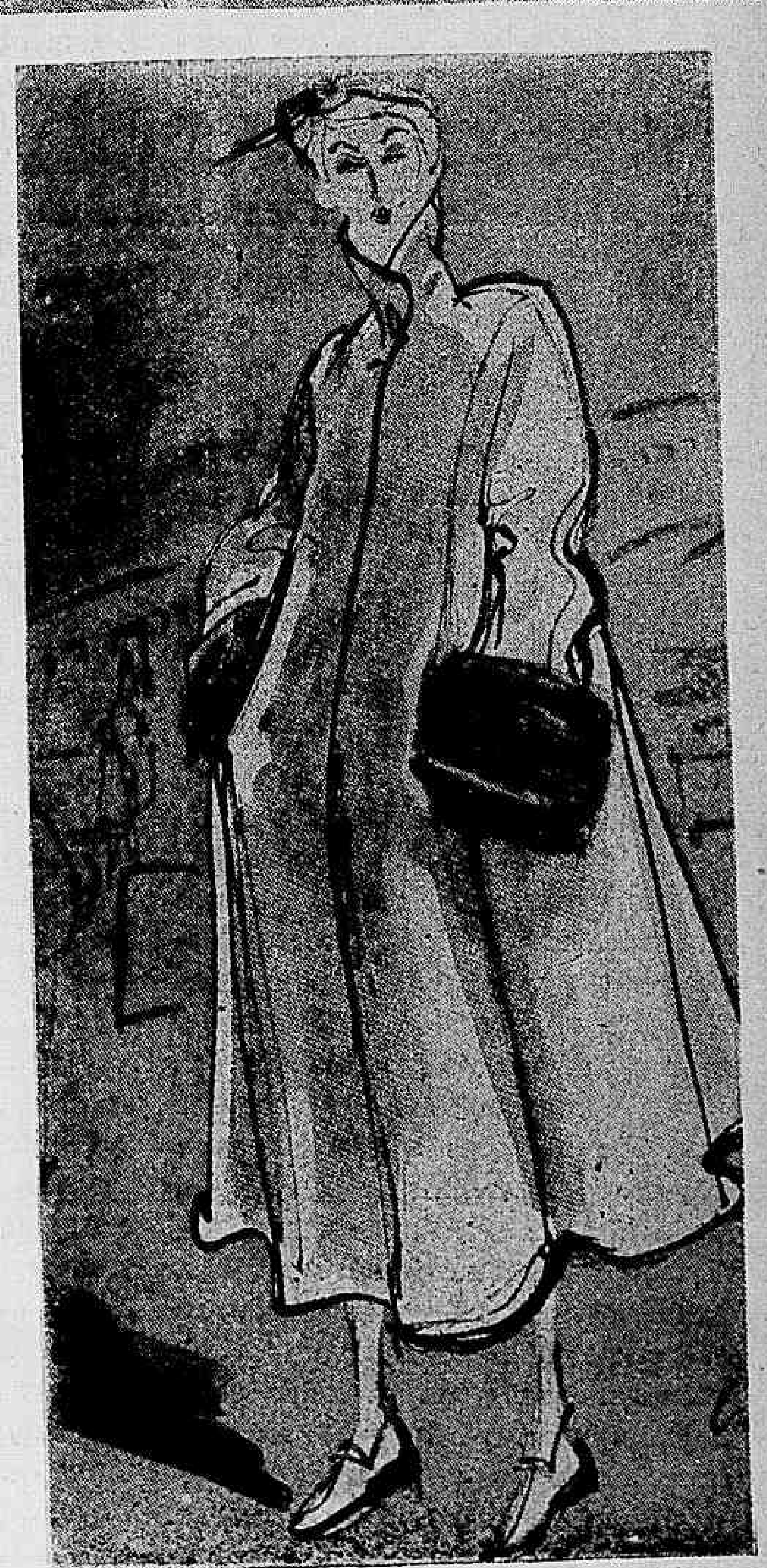
NINA RICCI



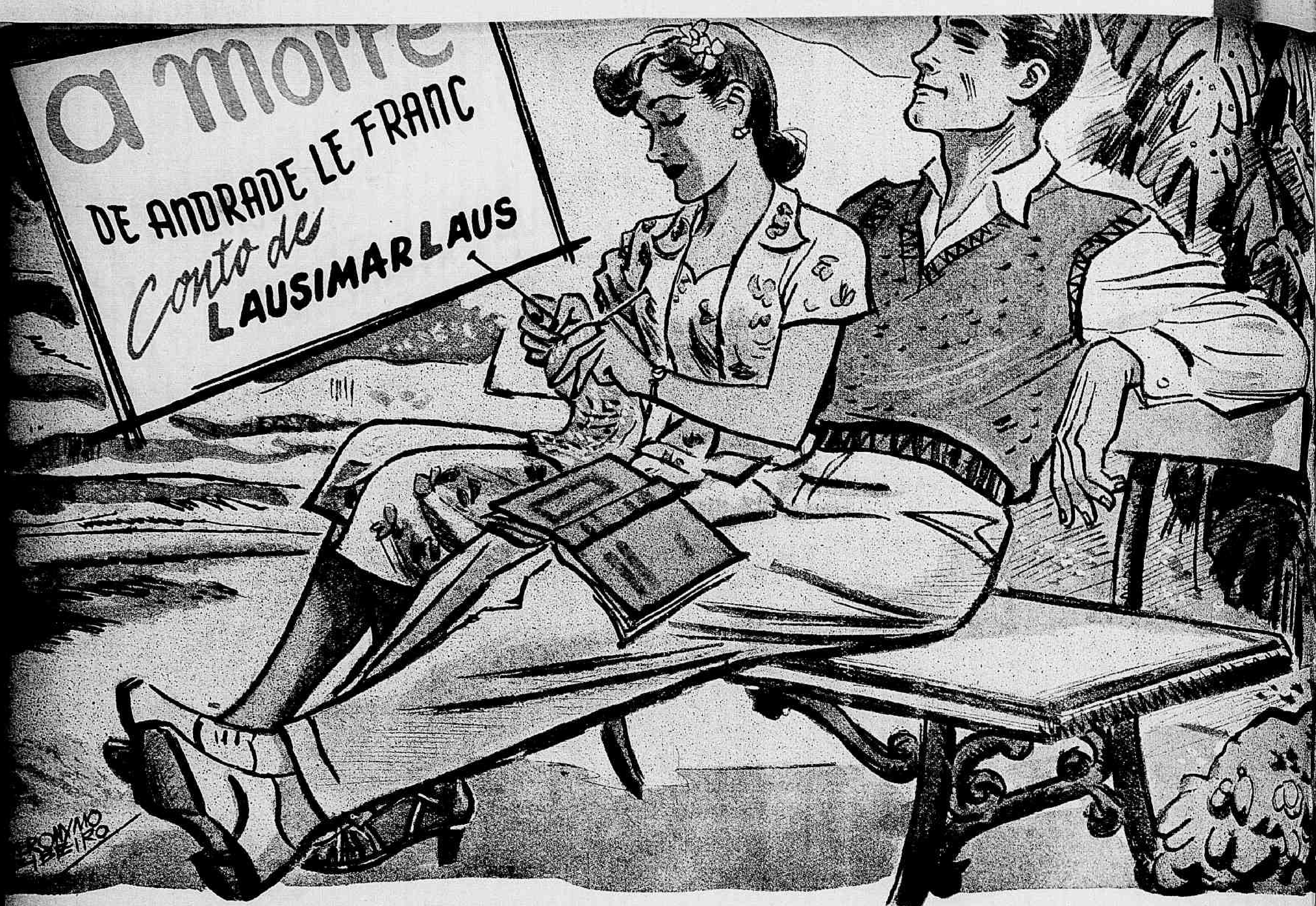




NESTA página há uma variedade de detalhes para os trajes de inverno, detalhes que vão da elegante pelerine às longas écharpes, dos casacos justos aos amplos casacos dois-quartos, numa demonstração de bom gôsto e imaginação.



SUGESTÕES PARA O INVERNO



LÁ pela encosta as árvores pareciam escuras. O verde se perdia entre os despenhadeiros, circundando córregos e cachoeiras, desde o mais forte verde até o sereno e esbranquiçado matiz da folhagem. O trem a custo subia a serra e o vento carregava as baforadas de fumaça que saíam em espirais da locomotiva, que lá longe, na curva do morro, parecia um carro destacado dos vagões que ainda restavam cá mais embaixo.

Agora, já mais no alto da serra, o frio arrepiava os braços de Natália. A maleta pequena estava ali junto dos seus pés. Pensou na blusa de tricot verde. Abriu a maleta e puxou-a. Seus braços sentiam agora o contacto das malhas que ela tecera junto dele, quando veraneavam no Promenade. Ainda estavam em seus olhos a piscina verde, o lago e a floresta circundando tudo. Nunca pudera saber se Andrade Le Franc tinha uma alma igual às dos outros homens. Seus pensamentos eram tão sinuosos e atravessavam universos escondidos e ignorados, guardando em sua linguagem estranha, algum forte e imenso segrêdo. Agora, vestindo o braço esquerdo, as malhas de lã lhe mostravam coisas passadas. Era como se nelas estivesse impregnada a figura, os gestos e a própria personalidade daquele doce Le Franc. Nunca pudera descobrir se êle amara alguém. Quando para descansar da temporada na Espanha, êles estiveram no Promenade, ela sentira mais que nunca, quando sua cabeça descansava nas tardes em seu colo, que seus pensamentos se acumulavam para além das nuvens sôltas e passageiras. Era como se êle se soltasse também e se tornasse nuvem. Nem uma palavra, nem um gesto que não fosse aquêle contínuo silêncio persistindo em tôdas as horas. Êle tinha em seus olhos qualquer coisa de viva ternura e muitas vêzes a deixara pensando em amor. Mas aquêle vazio inundava tudo logo depois, levando Le Franc a inquietos desejos. Falava como Hamlet, colhia flores e as atirava no lago. Cantava uma dolente canção francesa e sentia uma forte tristeza quando vinha o crepúsculo. Aquela blusa de tricot parecia um disco onde se tivesse gravado tôda aquela época...

★

O frio continuava mais forte e o vento chiava atravessado pelos vagões que corriam em vertiginosa fúria. Lá fora estava a tarde se desmanchando e tudo continuava a ser uma expectativa. Natália tirou da bolsa os bilhetes e os deu à mão grossa estendida em sua frente, sem tirar os olhos da paisagem cheia de mistério daquelas paragens sozinhas Aqui estava a paineira florida. Isso queria dizer que faltava apenas um quilômetro para chegar ao local da baldeação. — Pronto, é aqui. Passou tão depressa um quilômetro, falou o moço magro de olhos fixos nela, que viajara a seu lado.

— E' verdade. Há coisas que passam depressa...

Natália esquecera até que devia sorrir ao rapaz de olhos vivos, como um cumprimento. Desde que viajava há meses, para visitar Andrade Le Franc no "Jardim Branco", encontrava sempre aquêle rapazola de olhos penetrantes, e raro era não sentar-se a seu lado no trem que trazia passageiros até a montanha. O ônibus já estava esperando. Ganharam as distâncias. A paisagem se enfeitava de paineiras floridas, e o olhar de Natália continuava parado e triste, viajando distante como um pássaro mórbido. Longe estava o "Jardim Branco", a clínica disfarçada em hotel de repouso do dr. Rousseau, um francês de barbas longas e brancas, médico e filósofo. Agora o olhar de Natália parava naquele ponto branco em cima da colina verde. A cêrca branca, a casa totalmente branca, as árvores de troncos pintados de branco, parecia um fantasma branco dominando a colina ao cair da tarde.

— Parece um cemitério!... Falou alguém atrás de Natália.

— Parece um cemitério — repetiu o pensamento de todos os que estavam no ônibus.

Um frio maior percorreu o corpo de Natália. Pôs o capote pesado por cima dos ombros e quando o ônibus parou em frente à entrada da clínica, sua mão estava trêmula para pegar a maleta. Ansiava ver Le Franc. Por que não estaria êle esperando, se ela o avisara que chegaria à tarde? Seu vulto lá não estava... por que?

Nunca subira os degraus da porta principal com tanta pressa. Quando o porteiro lhe tomou a maleta, a pergunta saiu como sua respiração ofegante e seu rosto afogueado.

— Viu o sr. Le Franc?

— A senhora não sabia? Êle já não está mais aqui...

— Como?

— Sim. Há uma semana que embarcou para a França.

— Mas... pode chamar o dr. Rousseau?

— Aqui vem êle, senhora.

Os olhos de Natália, tão aflitos e esgazeados, deram uma impressão de horror ao médico francês.

— Não se lamente. Seu amigo e meu amigo Le Franc se foi. Era preciso.

— Por que êsse segrêdo?

— Nenhum segrêdo, senhora. Ultimamente êle piorava muito. Vivia encerrado, negava-se a tudo e pedia que o enterrassem. Estranhava, dizia êle, que ainda o tivésemos sôbre a terra, se já era morto há alguns dias. Le Franc constituía um problema. Sua doença psíquica cada vez mais se alterava. Foi para ser tratado por um amigo meu, um grande psiquiatra. Custou a sair daqui. Pusemo-lo em maca e sob a condição de ser levado a um cemi-

(Cont. na pág. 48)

ILUSTRAÇÃO DE **JERÔNIMO RIBEIRO** ★ SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**

week-end NA COZINHA

CAMARÕES COM QUIABO

Ensope 1 kg de camarões. Depois adicione rodelas de quiabos em igual quantidade, e deixe a cozinhar em panela descoberta. Ao retirar do fogo junte pimenta e ½ colher de azeite de dendê.. Sirva com o angu de fubá de arroz, abaixo:

ANGU DE FUBA DE ARROZ

Faça um angu com água quente, sal e 6 colheres de fubá de arroz, despeje numa tigela molhada e deixe esfriar para endurecer. Desenforme no meio do prato e deite o ensopado ao redor. Usando o leite de côco em vez de água, fica mais saboroso.

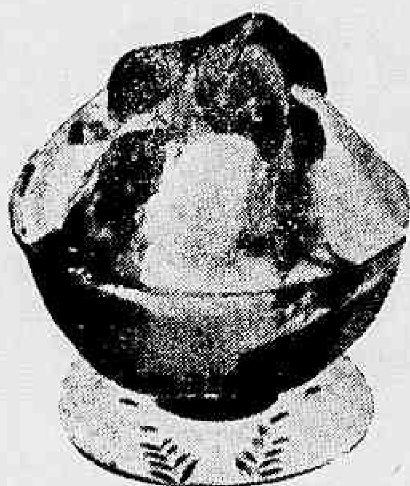


GELÉIA EM GOIABA

Cozinhe em pouca água goiabas bem maduras. Depois passe por um pano fino e para cada 3 xícaras de caldo junte 250 grs. de açúcar. Misture e leve ao fogo até tomar ponto.

DOCE DE OVOS COM LIMÃO

Faça uma calda com 500 grs. de açúcar, junte 125 grs. de manteiga, 6 gemas, 4 claras, a casca de 1 limão e colher de sobremesa de caldo de limão. Leve ao fogo sempre mexendo, até aparecer o fundo da panela. Retire a casca do limão.

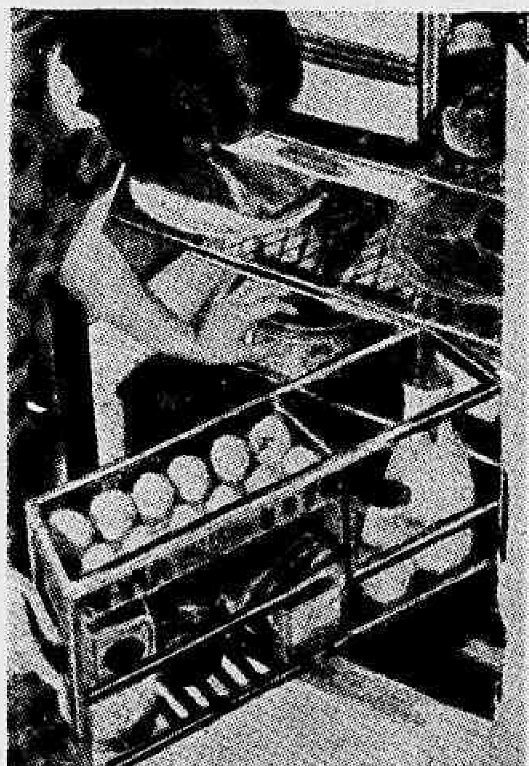


BATATAS À LIONESA

Cozinhe 1 kg de batatas, depois pele, corte em fatias finas. Leve ao fogo numa frigideira com 2 colheres de manteiga, azeite ou banha bem quente; junte 250 grs. de cebola picada, toste um pouco e junte as batatas para corarem.

DOCINHOS DE CÔCO COM LEITE

Leve ao fogo brando 1 litro de leite com ½ kg de açúcar e, sempre mexendo, deixe engrossar. Junte 1 côco ralado, 1 colher de manteiga e 6 ovos, as claras em neve. Misture e leve ao fogo até tomar ponto.



★

CULINÁRIA

Nunca compre além daquilo que vai precisar. E' melhor ter que comprar alguma coisa depois do que perder muita coisa que havia comprado antes. ★ Antes de organizar qualquer jantar ou qualquer outra reunião, faça uma lista das coisas que vai precisar e compre tudo com antecedência. Assim não terá que correr à rua para comprar coisas às pressas. ★ Tudo deverá ser calculado de acôrdo com o número de convidados. Não deverá haver exagêro mas também não deverá haver miséria.













PASSO A PASSO

EIS três distintos grupos de sapatos, todos, sem dúvida, de muita beleza e elegância. No primeiro grupo, vamos encontrar os sapatos adequados às primeiras horas do dia ou aos passeios esportivos; no segundo, sapatos para a cidade; os sapatos usados à tarde e que acompanham trajes menos esportivos e, finalmente, no terceiro, encontramos três belíssimos modelos para a noite. Tanto podem ser usados com modelos de baile como com modelos para jantar ou "cock-tail".



PRESENTES
de fino gôsto

Tudo o que há de mais encantador para presentear a mulher. Tudo que há de mais distinto para ofertar ao homem. Os mais lindos objétos para embelezar a residência. Um mundo de bom gôsto em prata, cristal, marfim, porcelana, couro, etc.

Uma sugestão para cada presente.



OUVIDOR, 168
ESQ. URUGUAIANA



O TAMANHO DO SEU BUSTO

é 2 ou 3 vêzes a medida do seu pescoço?

Verifique as proporções do seu busto: tome a medida do seu pescoço, multiplique-a por 2,72 e obterá o tamanho padrão do seu busto, para a perfeita harmonia de tôda a a sua figura. Para os seios pequenos ou flácidos, HORMO-VIVOS n.º 1; para os seios excessivamente desenvolvidos, HORMO-VIVOS n.º 2. Inofensivo à saúde e de absoluta confiança, HORMO-VIVOS é encontrado nas bôas farmácias e perfumarias. Para maiores detalhes, mande seu nome e endereço para a Caixa Postal, 3871 Rio de Janeiro, ou então remeta, para o mesmo endereço, o cupon abaixo, devidamente preenchido.

Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado. ....

BUSTO PERFEITO COM
Hormo Vivos

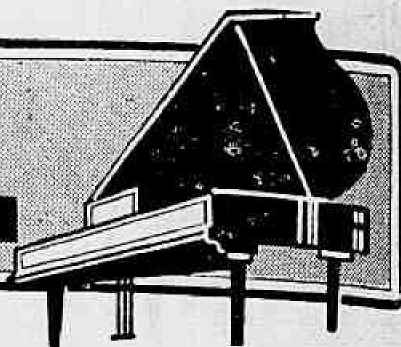
BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

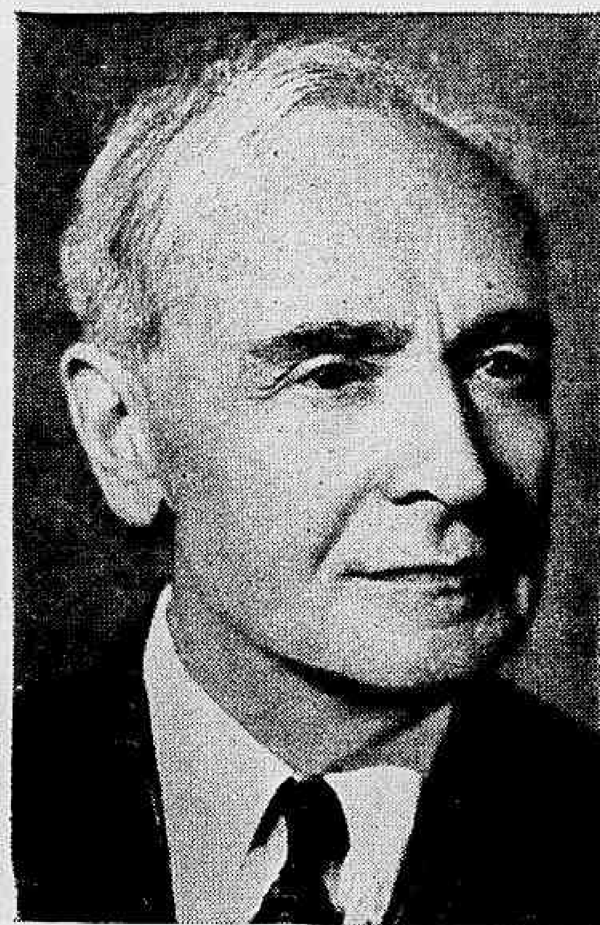
MUSICA



CONCURSO DA JUVENTUDE ★ PRÊMIO OFERECIDO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO ★ APÔIO E AUXÍLIO PARA O CERTAME

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA).



Serge Koussevitsky

O número de consultas que temos recebido sôbre as bases do concurso promovido pelo maestro Eleazar de Carvalho, por sugestão da REVISTA DA SEMANA, atesta o interêsse despertado pela iniciativa.

Conquistando, logo, o apôio e o estímulo da imprensa carioca, a idéia mereceu comentário especial dos principais críticos musicais, que a aplaudiram, demonstrando, todos, perfeita compreensão das vantagens que advirão para os nossos compositores de um lançamento sob a batuta de Koussevitsky. Êste, além de presidir a Comissão Julgadora, incluirá a produção musical colocada em primeiro lugar no programa de um de seus concêrtos com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

Como a primeira visita de Serge Koussevitsky à América do Sul resulta, também, da intervenção de Eleazar de Carvalho junto ao grande regente, o público carioca, assim como os compositores contemplados com a oportunidade daquele concurso, ficarão devendo ao devotamento de Eleazar essa dupla realização.

APOIO E AUXÍLIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Além da colaboração da imprensa, podemos registrar, com satisfação, o auxílio do Ministério da Educação e Saúde. Tratando-se de um concurso que contribuirá para o prestígio e a divulgação da nossa música, o certame se recomenda às autoridades como digno de atenção especial.

O sr. ministro da Educação e Saúde soube compreender o sentido e o alcance da idéia. Em ofício, datado de 2 de agôsto, a Divisão do Orçamento do Ministério comunicou à Comissão Organizadora que estava autorizado o oferecimento de um prêmio no valor de Cr$ 10.000,00 do primeiro colocado.

Assim, além da estréia com Koussevitsky, da viagem aos Estados Unidos, com bôlsa de estudos, e da execução garantida da sua obra, no estrangeiro, o compositor que merecer a distinção máxima conferida pelo juri, receberá, ainda, dez contos.

A QUESTAO DA IDADE

A Comissão Organizadora, tendo recebido diversas consultas sôbre o limite máximo de idade — 35 anos — para os concorrentes, decidiu manter essa exigência, que já consta das bases do concurso, divulgadas pela imprensa.

Bem compreendemos o interêsse dos compositores já maduros pelo concurso, oportunidade rara em nosso meio musical. Sabemos as dificuldades que o artista brasileiro encontra e, por todos os meios ao nosso alcance, trabalharemos para que sua obra seja ouvida e admirada, não só Brasil, como no estrangeiro.

Aliás, Eleazar de Carvalho tem apresentado nos seus concêrtos, obras brasileiras, divulgando a produção dos compositores nacionais.

O concurso, porém, tem uma finalidade: selecionar, entre os jovens, um talento musical que, com os estudos de aperfeiçoamento e perspectivas abertas pela execução de sua obra, nos Estados Unidos, possa alcançar projeção internacional e desenvolver, em contacto com um poderoso centro de cultura musical como Tanglewood, as qualidades artísticas que possuir.

Por êsse motivo, não poderão ser alteradas as condições citadas nas bases, que estão à disposição dos interessados, em folhetos mimeografados.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

O item E das bases diz:

"O idealizador do concurso entrará, oportunamente, em contacto com o Ministério da Educação, com a O.S.B., com os serviços da Rádio do Ministério da Educação e da Prefeitura do Distrito Federal e outras entidades, a fim de que o concurso obtenha o mais amplo sucesso e possa ser ampliado no próximo ano".

Além da possibilidade de ser renovada a iniciativa, no próximo ano, ainda há a promessa do apôio de vários departamentos. Todos já foram procurados e nenhum o negou.

Como já tivemos oportunidade de anunciar, o Ministério da Educação contribuirá com um prêmio. A Rádio da Prefeitura recebeu com simpatia a idéia e a Orquestra Sinfônica Brasileira dirigiu-se à Comissão Organizadora nestes têrmos: "Acusamos ter recebido o seu ofício de 9 de junho corrente o qual foi devidamente apreciado pela diretoria e Comissão Artística da nossa sociedade e, atendendo ao pedido feito por V. S., temos o grande prazer de informar que envidaremos todos os esforços para colaborar com o maestro Eleazar de Carvalho nas bases que redigiu para o Concurso da Juventude".

Assim, podemos registrar, com satisfação, o aplauso das vozes mais representativas, com os comentários, pela imprensa, da crítica musical e a adesão ao concurso de inúmeras instituições musicais. Prestigiada e vitoriosa poderá, assim, transformar-se numa realização permanente a idéia que a REVISTA DA SEMANA inspirou.

TEATRO

JOSÉ FOMM

PROSSEGUINDO o Festival Shakespeare, o Teatro do Estudante do Brasil encenou "Sonho de uma noite de verão". Esta comédia, uma das primeiras que o gênio de Stratford escreveu, é um verdadeiro sonho de beleza e deslumbramento. Nessa peça, o real se mescla com o fantástico e o engraçado com o poético, resultando uma belíssima fantasia. Mais uma vez se louva a audácia de Paschoal Carlos Magno fazendo representar originais de tal linhagem.

Infelizmente, a interpretação da comédia não logrou a aceitável harmonia das peças anteriores, cuja justificativa se encontra na decisão de Paschoal: combater o "estrelismo". Isso, naturalmente acarretou grande prejuizo no desempenho, pois bons elementos para difíceis papéis não se tem aos punhados. Assim, sempre dando oportunidade aos alunos do seminário de Arte Dramática, o diretor do Teatro do Estudante consegue o seu intento, combatendo o "estrelismo", mas não pode oferecer todos os espetáculos perfeitamente homogêneos. No elenco destacaram-se Jaime Barcelos e Walda Menezes. O primeiro é componente do Teatro dos Doze e seu "Canelas" sobressaiu entre os demais elementos, conseguindo uma atuação esplêndida, cujo destaque se verificaria mesmo entre atores experientes e de boa escola. Walda Menezes foi o difícil "Puck" e aproveitou tôda sua juventude e graça ao encarnar o travesso geniozinho; é pena que sua resistência física não lhe permita encerrar o espetáculo com a mesma serenidade com a qual principiou. Em atuações menores estão os "Comediantes amadores", que proporcionaram o melhor da apresentaão, interpretados por Augusto Lage, Cícero Nadais, Ariston de Almeida, Roberto Mendonça, Wilson Ribaldo e Jaime Barcelos. Os amantes, Hérmia, Helena, Demétrio e Lisandro, encarnados por Aída de Oliveira, Ingrid Schuller, Carlos Augusto e Hamilton Augusto, respectivamente, estiveram muito forçados e sem a mínima naturalidade; foi a nota dissonante do espetáculo. Apreciáveis Gilda Nery na "Titânia" e Nery Soares no "Oberon". As fadas, Regina Coeli, Miriam Pires, Vera Rosa e Teresa Rivera, emprestaram graça aos papéis.

A direção desta vez esteve a cargo de Ruggero Jacobbi, e demonstrou mais uma vez sua dextreza em dirigir jovens estreantes. Os cenários de Nilson Penna tiveram beleza e bom gôsto, e seus figurinos, embora tôda a exuberância, não obtiveram harmonia até o fim do terceiro ato. Durante a representação insinua-se a bela música de Mendelsohon, estando a sonoplastia aos cuidados de Lais Perez.

Em suma, o espetáculo do Teatro do Estudante do Brasil merece ser visto pela beleza do texto, pela graça de seus personagens e pelo esfôrço de apresentar bom teatro.



Walda Menezes

DO ESTRANGEIRO

Estreou em julho no Broadway Theatre de Nova York, "Cabalgata", uma revista musical espanhola, a primeira que chega a Broadway trazendo um "record" de permanência em cartaz, contando mais de 3.000 representações em 7 anos de existência.

"Cabalgata" foi pela primeira vez produzida por Daniel Cordoba no Teatro Fontalba de Madrid, em Junho de 1942, e continuou ininterruptamente seus espetáculos por três anos e meio. Em 1946 foi transportada a Buenos Aires, passando pelo Chile, Peru, Colômbia, Venezuela e América Central.

Cuba viu 530 "performances" antes de ir ao México, onde marcou 685 atuações. Daí, foi a Califórnia e após 8 semanas em Los Angeles e São Francisco, chegou finalmente a Broadway. O "plot" do show, realmente teve início há 18 anos, quando Daniel Cordoba era governador de Andaluzia, cidade afamada pelo seu folclóre. "Oitocentos anos", disse Cordoba, "é um longo tempo, mas o espírito do povo não mudou. Seus hábitos são tradicionais e atravessam gerações e gerações. Colecionei 9.000 canções folclóricas, letras e músicas, algumas delas datando do século XVIII".

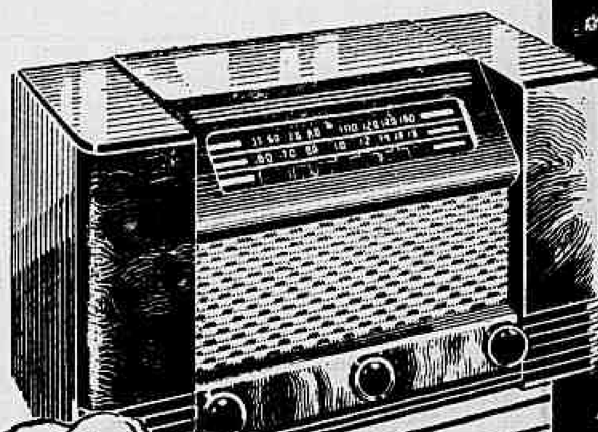
Quando Cordoba voltou a Madrid, esqueceu a política e aplicou todos os seus estudos e conhecimentos para apresentar a revista que é um apanhado do farto e exuberante folclóre espanhol.

★

Em outubro reabrirá em Londres o "Old Vic" e afirma-se que atravessa atualmente um período crítico, pois que nem Laurence Olivier nem Ralph Richardson figurarão no repertório já programado, compôsto de "Love's Labour's Lost", "She Stoops to Conquer", "A Month in the Country" e "Hamlet".



As "Fadas" de "Sonho de uma noite de verão": Regina Coeli, Miriam Pires, Vera Rosa e Teresa Rivera



O mundo é pequeno para êle!

O Rádio G-E modelo B-305, com transformador, coloca o mundo inteiro ao seu alcance!



Modelo B-305 com transformador - ondas médias e curtas - 5 válvulas-compensação automática de volume e controle de tonalidade de 3 posições.

Quando V. sintoniza um dos rádios G-E para ouvir o seu programa predileto ou as últimas notícias internacionais... a noção de distância desaparece! Isto é devido às características electrônicas exclusivas dos rádios G-E, que reproduzem as vozes e a música com notável fidelidade... graças ao maravilhoso TOM NATURAL!

OUÇA: *Festivais G-E., às 4as. feiras às 20:30 horas, na Rádio Nacional, Rio, e Repto aos Enciclopédicos, às 3as. feiras às 20:30 horas, na Rádio Cultura, S. Paulo.*

GENERAL ELECTRIC

8.385

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE
SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE





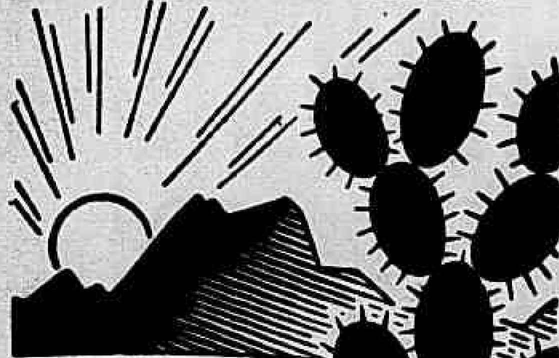
Então use "AMARALINA", tônico capilar. Trata-se da famosa descoberta do sr. Alfredo Nery de Almeida, de Salvador, Bahia, da qual a imprensa, em tempo, se ocupou largamente e que acaba de ser industrializada.

Antes de usar "AMARALINA", leia a bula com atenção. Preço no varêjo Cr$ 35,00. Pedidos pelo reembôlso postal Cr$ 45,00, o vidro. Distribuidores: M. M. Burle & Cia. Ltda. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — sala 616.

A LÂMINA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

Gillette

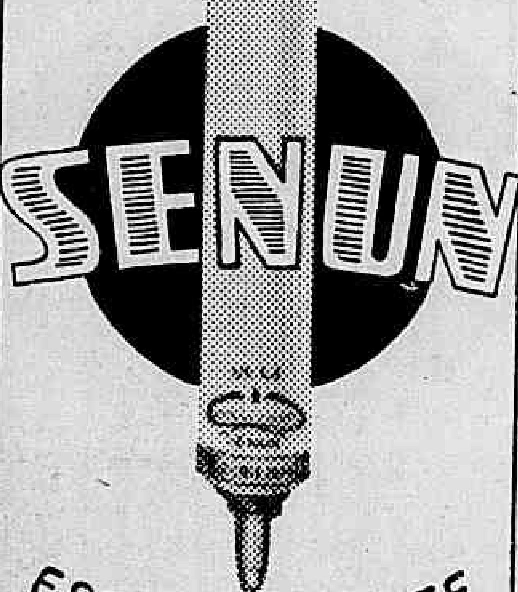
NOS CLIMAS TROPICAIS...







BROTOEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS



Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL - HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO.........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

PELAS estradas do CÉU



ANDRÉ MAX

CONFORME notícias vindas dos Estados Unidos, o famoso caça a jato F-80, liberado pelo Estado Maior da Fôrça Aérea daquele país, já pode ser adquirido pelas nações latino-americanas. Êsse avião de guerra desenvolve a velocidade de 600 milhas por hora e pode ser vendido aos países do hemisfério ocidental para a defesa dessa grande região, chave da própria defesa da Europa.

Destacados funcionários da "Lockheed Aircraft Corporation" informaram que já foram iniciadas gestões com várias Repúblicas latino-americanas e que para tratar mais diretamente da aquisição dêsses eficientes caças, várias missões militares visitarão as fábricas daquela companhia.

Desde o dia em que o general Hoyt Vandenberg, chefe do estado maior da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, em carta dirigida à Lockheed, liberou o referido avião para a sua compra pelas nações americanas, engenheiros e funcionários da companhia vêm estudando as possibilidades de aquisição de caças e aparelhos de treinamento a jato pelos aludidos países para a organização de um programa de venda.

Contando a Fôrça Aérea dos Estados Unidos mais de 1.300 Shooting Stars em seu serviço tático, do Alaska aos trópicos e de Okinawa à Europa, pode-se afirmar, sem receio de contestação, que êsse avião da Lockheed é o mais empregado e provado caça do mundo.

Vai ser oferecido aos países sul-americanos a última versão, tanto do caça F-80 como do avião de treinamento TF-80, de dois lugares. A versão do caça é própria para missões de escolta de longo raio de ação, caça-bombardeiros, ataques por meio de foguetes, reconhecimento fotográfico, e para rebocar alvos aéreos a grande velocidade. A versão do avião de treinamento a ser fornecida às nações americanas é idêntica à empregada pela Fôrça Aérea dos Estados Unidos para treinamento avançado de operação a jato.

O caça F-80 de 600 milhas hora tem uma resistência de combate de mais de três horas e um teto de combate de 44.000 pés. Com o novo motor a turbo-jato Allison J-33-A-23 e o empuxo nominal máximo de 5.400 libras, o F-80 pode subir a 25.000 pés em sete minutos. O F-80 mantém o "record" oficial de velocidade em vôo direto através dos Estados Unidos (4 horas e 13 minutos) e, em 1947, estabeleceu o "record" de velocidade de 623 milhas por hora, ultrapassado desde então. Muitos outros "records" têm sido batidos pelo velocíssimo Lockheed desde o seu primeiro vôo, em janeiro de 1944.

★

O problema real do avião do futuro, em relação a uma maior velocidade, não está na velocidade em si mesma, ou no seu efeito, ou mesmo no homem que deve projetar o avião ou pilotá-lo, mas no elemento ar. Isto acaba de ser declarado pelo sr. Hall L. Hibbard, um dos principais projetistas de avião da América e vice-presidente da Lockheed Aircraft Corp. Quando lhe perguntam qual a maior velocidade em que um ser humano pode voar, o sr. Hibbard responde invariavelmente: "Em que velocidade gostaria você de voar? A 50.000 milhas por hora? A 100.000 milhas por hora? Podemos conseguir isto".

O sr. Hibbard, que, com os seus sócios na Lockheed, é responsável pelo projeto do Lackheed Constellation e do Shooting Star, o F-80 a jato, disse em entrevista concedida ao "New York Times": "O único problema real no que diz respeito à velocidade não é absolutamente a própria velocidade. Um avião em vôo gasta mais fôrça e tempo simplesmente impelindo o ar à sua frente. Empurrar o ar não só consome tempo quando se trata de grande velocidade, como é fantasticamente dispendioso. Uma grande parte do custo de uma passagem de avião é gasta apenas para impelir o ar".

E continuando: "Todos nós gostamos de viajar mais depressa. Posso dizer-lhe, desde já, que um avião comercial de 600 milhas é perfeitamente viável. Será um avião a jato, naturalmente. Já está inteiramente projetado na Lockheed. Posso também declarar quando estará em operação. Dentro de sete ou oito anos. Êsse avião voará a cêrca de 50.000 pés de altitude. E poderá atingir tal atitude antes que você termine o seu primeiro cigarro. E'-me igualmente possível avaliar o custo dêsse primeiro avião: cêrca de 25.000.000 de dólares".

O sr. Hibbard acentuou que essa importância não é nem exorbitante nem proibitiva. Aproximadamente 40.000.000 de dólares foram gastos para fazer do Lockheed Constellation o grande avião de passageiros por excelência da atualidade.

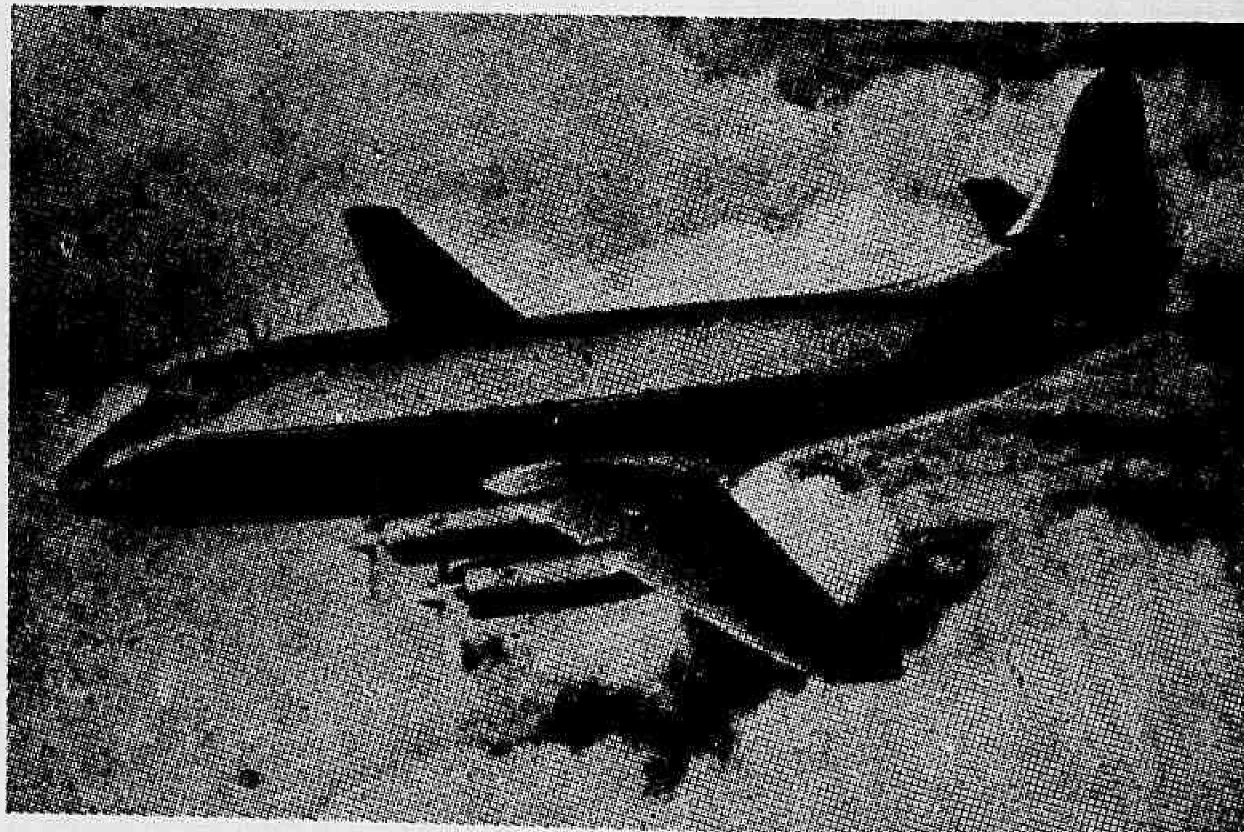
★

O "record" oficial de velocidade através dos Estados Unidos para aviões comerciais de passageiros acaba de ser lançado por um Lockheed Constellation.

A Associação Nacional de Aeronáutica, oficialmente encarregada de controlar o tempo dos "records" de velocidade nos Estados Unidos, registrou o que vem de ser estabelecido por um Constellation pertencente à Eastern Air Lines que voou de Los Angeles para Nova York em 6 horas e 17 minutos. A velocidade média do vôo foi de 389.847 milhas por hora.

O sr. Charles S. Logsdon, chefe da divisão contenciosa da Associação, confirmou o "record" transcontinental de velocidade do Constellation. Havia mais dois pedidos de reconhecimento de "record", de S. Francisco para Washington, mas o sr. Logsdon declarou que os vôos de Los Angeles para Nova York constituem o trajeto oficial para os "records" transcontinentais. O vôo do avião da Eastern Air Lines foi controlado oficialmente pela A.N.A., que submete todos os "records" oficiais dos Estados Unidos à verificação final da Federação de Aeronáutica, de Paris.

Outro Constellation, um C-121 do Serviço Militar de Transporte Aéreo dos Estados Unidos, voou de Los Angeles para Nova York, m 6 horas e 10 minutos ou sejam 7 minutos menos do que o "record" oficial da Eastern Air Lines. Êsse vôo, entretanto, não foi registrado pelos observadores da Associação Nacional de Aeronáutica e, por isso, não pôde ser oficialmente reconhecido.



Agora que vai possuir a aviação de guerra dos países latino-americanos aviões de caça a jato, é oportuno estampar nesta página a fotografia do primeiro avião a hélice e jato que voou no mundo, o "Viscount", da Vickers

O primeiro sistema de aquecimento especial destinado a derreter a neve dos aeroportos foi agora instalado num novo hangar, em Chicago. O sistema compreende uma rêde de tubos de aço que contêm água quente, o que mantém a temperatura das superfícies acima dos graus que permitem o congelamento. Dêsse modo, em pleno inverno de Chicago, uma faixa de terreno de mais ou menos 3 metros de largura, por 200 de comprimento conservar-se-á livre de neve, em frente ao hangar, permitindo aos aviões entrar ou sair sem dar atenção às condições atmosféricas.

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

ESTAMOS pela segunda vez em Nazaré. Sim, a primeira visita só serviu par abrir o apetite. E' uma maravilha isto aqui, para quem quer sossêgo de verdade. Esta praia encantadora dista cem quilômetros do norte de Lisboa e pode-se vir de trem ou pela magnífica estrada de rodagem. Esta tem uns 7 metros de largura porque é construída no leito da antiga e as árvores laterais não deixam alargar bem o caminho. Passa-se por várias cidades conhecidas como Tôrres Vedras, Óbidos, Bombarral, Caldas da Rainha e Pôrto São Martinho. Tôrres Vedras é um lugar histórico. S.E. ou O. como dizem os balanços ali houve uma batalha muito importante. Óbidos é uma cidadezinha notabilíssima por ser tôda murada com um castelo no tôpo do monte. Uma localidade antiquíssima e quem nunca viu uma cidade tôda dentro de muralhas, deve ir logo a Óbidos enquanto não destruam aquela originalidade pitoresca e encantadora, pois quase tôdas as cidades antigas da Europa foram muradas. Até Paris e Londres, mas tiraram as pedras para calçamento ou para passar o bonde elétrico e escangalharam as obras de defesa dos centros populosos antigos.

Esqueceram de Óbidos e por isso ficou intacta. Também não cresceu. Os seus habitantes dão um jeito e arranjam intramuros a sua vidinha simples. Bombarral é um centro vinhateiro com adegas do nectar de uva!...

Andamos tomando tragos por ali: branco e tinto são deliciosos. Valem 30 cruzeiros a garrafa e o vendem por 3 hoje mesmo. Não azeda no estômago e não faz mal algum. E' assim mesmo, exatamente como dizem os portuguêses, o que podemos garantir por experiência própria. Mas, até agora, não encontramos um mais gostoso do que o tal de Cartaxo. Aquilo é que é vinho bom!... E nunca havíamos ouvido falar nessa região. Entretanto, há gente aqui que concorda conosco. Sem querer parecer agradável, andamos mesmo tomando vinho, como quem toma laranjada ou gasosa no Brasil. E o vinho é mais agradável do que o caldo de laranja.

Caldas da Rainha é uma espécie de Poços de Caldas — muito bonitinha, com excelentes lojas, bons cafés, mesmo de luxo, e o doce do lugar é o tal de Cavacas, com açúcar por cima. Sim, uma espécie de "craknel" meio bôlo, com açucarado por cima.



Caldas da Rainha, cidade de veraneio e banhos sulfurosos, é interessante por seu aspecto antigo e pitoresco. Possui várias fábricas de louças típicas, algumas das quais estão exportando seus produtos em grande quantidade para os Estados Unidos

Há em Tôrres Vedras uma boa queijadinha a que deram o nome de "pastel de feijão", que nada tem de pastel, nem de legume. E, além disso, é de ovos, farinha e açúcar e nada mais. Derrete na boca. Deviam chamar "derretes" de Tôrres Vedras e esquecer do feijão, que atrapalha o doce para os leigos no assunto, como nós.

Há em Caldas uma estação de ônibus nova em fôlha que custou oito mil contos, ocupa meio quarteirão ou mais, tem salão de espera com assentos estofados em couro, mesas para escrever, bar, restaurante, barbearia, tabacaria, lojas, toilettes para o público como no melhor hotel. Enfim, tôdas as conveniências. E' a melhor estação de ônibus que vimos em tôda a Europa. Somente nos Estados Unidos é que vimos maior e melhor. Os donos Capistrano & Ferreira (é preciso que se lhes diga o nome por que são rapazes ativos e empreendedores) possuem muitas linhas de ônibus bons, baratos, serviço impecável. Cinquenta cruzeiros ida e volta de Lisboa a Caldas: são 160 quilômetros aproximadamente e há vários carros por dia em ambas as direções.

Caldas também é cidade industrial, com uma dúzia de fábricas de porcelanas interessantes que, por preço acessível, produzem jarros, moringas, terrinas, floreiros, estátuas, castiçais, potes, xícaras, pratos, canecas e uma enorme variedade de ornamentos para mesa e parede em côres vivas e discretas. Tudo típico do lugar, louça que não se confunde com as cerâmicas das grandes fábricas em Lisboa, Sacavem e Vista Alegre, pois são de gênero diferente.

Vamos abrir um parêntesis, antes de levar o amável leitor conosco a Nazaré, para contar uma historiazinha

Há dias enviamos um telegrama ao Brasil. No Telégrafo Nacional, de Portugal o empregado enganou-se e nos cobrou mais de Cr$ 31,50 do que devia cobrar. Três dias depois o correio nos trouxe um aviso convidando-nos para ir receber o excesso. Fomos à agência telegráfica às 21 horas (e entregamos o recibo. O mesmo funcionário abriu a gaveta e nos entregou Cr$ 31,50. Assinamos o recibo no próprio aviso sôbre uma estampilha de um tostão (10 centavos). Quisemos provar com o passaporte que aquêle dinheiro era mesmo nosso, mas o amável funcionário achou que o papel do Correio era suficiente prova; e nem quis ver o nosso documento.

Mais tarde contaremos outro fato nesse gênero, mostrando como está mesmo muito bem organizado o serviço público nesta terra.

Nazaré terá uns 10 mil habitantes, a maioria pescadores. A cidade é dividida em alta e baixa, as duas partes ligadas por um funicular que data exatamente de 1889.

A parte alta, uma montanha de pedra, fica a uns 200 metros de altura sôbre a praia, branca, bonita, formando um semi-círculo lá em bixo. O mar tem um baixio bem em frente, onde os peixes vêm passear, namorar ou comer coisas e os pescadores dão-lhes em cima e, fechando o caminho livre para o Atlântico com as rêdes, os trazem para a terra, fazem leilão começando com preço alto que vai baixando até que um assistente levanta o dedo ou uma varinha e arremata o lote. Os leiloeiros, que são os próprios pescadores, hoje estavam fazendo pequenos lotes de linguados que começaram a Cr$ 20,00 e foram baixando até Cr$ 13,50 quando geralmente a platéia levantava o dedo. Vimos um lotezinho mais fresco baixar até Cr$ 10,00. Levantamos o dedo e pedimos licença ao guarda civil que estava presenciando o leilão para aceitá-lo com nossos cumprimentos... Agradeceu com uma continência e um sorriso.

Sentimos que não seria muito justo estar ali, presenciando aquela festinha no meio da praia de Nazaré, sem nela tomar parte ativa, ainda mais que andamos fotografando pescadores e varinas — êstes com as originais e legítimas camisas esporte que os Estados Unidos andam vendendo em todo o mundo como coisa muito sua, quando, na realidade, Nazaré as usa, exclusivamente, há uma centena de anos. O tecido é de lã cardada ou penteada, em belos padrões e em combinações de côres, xadrezes, escoceses listras, fantasias em vermelho, verde, azul, amarelo, roxo, prêto, verde-garrafa, rosa, violeta, tudo ou combinando, ou com fundos brancos ou em côres de contraste. Numa enorme variedade, viam-se mais de 50 tipos diferentes andando pela praia e nas ruas vizinhas. Nas lojas há centenas de diferentes panos com 70 e 140 centímetros de largura, por preços que variam de Cr$ 30,00 a Cr$ 85,00 o metro. Tudo isso é fabricado em Portugal sendo alguns de muito boa qualidade e tôdas extremamente interessantes, sumamente apropriadas para o fabrico de camisa esporte das mais modernas e agradáveis. Poucos lugares têm o artigo já feito camisas. As senhoras costuram em casa e as vimos fazendo o trabalho de costura todo a mão, como em 1720.

Os trajes dos homens são compostos de camisa tipo esporte com desenhos muito originais, e calças frequentemente com os mesmos padrões das camisas e do barrête. Os sobretudos não são muito usados porque as grossas vestimentos de lã são bastante suficientes para o inverno camarada de Nazaré, onde são comuns belos dias de sol.

Há, entretanto, alguns que os usam e são êstes de bico na cabeça, como em certas ordens conventuárias, na côr castanha, formando pois um conjunto muito original que faria sucesso em Hollywood. As mulheres dos pescadores, invariavelmente de prêto, com chale da mesma côr, são graciosas e de corpo esbelto, o que não acontece com as camponesas, mais pesadas. Nos domingos sentam elas na praia ou à soleira de suas casas ou mesmo encostam-se aos bequinhos que sobem da praia, onde residem numerosas famílias de pescadores. As crianças usam edições menores das indumentárias dos seus ascendentes.

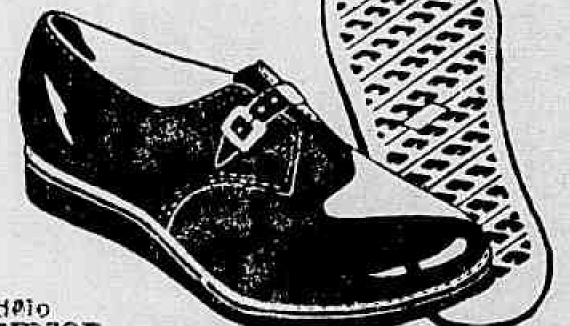
Só para apreciar as vestimentas interessantíssimas dos pescadores vale a pena uma prolongada visita a Nazaré. As casas, como em todo Portugal, são caladinhas de branco, o que dá um aspecto de limpeza e frescura.

Almoçamos num restaurante muito bom, como sempre, e pagamos Cr$ 54,00 para duas pessoas, incluindo vinho — o excelente vinho branco de Bombarral.

Há muitas e pitorescas praias de pesca neste país, mas, de tôdas, pelo interessante aspecto das roupas, Nazaré é a que mais se destaca.

ZEFERINA
"A POPULARISSIMA"
envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS
ZEFERINA
AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte
Modêlo BALLET-ZEFERINA
À prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana De ns. 33 a 38 - Preço. Cr$ 129,00





Modêlo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiriço, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr$ 145,00
Modêlo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilhona, havana marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr$ 129,00



Modêlo NORMANDO
Impecável tira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha.
Prêto e marron. De ns. 36 a 44 Preço Cr$ 165,00



Modêlo CASTELO
Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44
Preço: Cr$ 120,00
Modêlo SIDNEY
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 100,00



E VAREJO
ATACADO
Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA
"A POPULARISSIMA"
ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte



FLAGRANTE apanhado nesta Capital, no dia 30 de junho p. passado, por ocasião do enlace matrimonial da senhorita Sônia Bacelar de Melo, com o sr. Fernando Carrilho, figuras de evidência da nossa alta sociedade, realizado na Igreja do Sagrado Coração de Jesús.



REALIZOU-SE no dia 25 de junho p. passado, na Igreja dos Cruzados Militares, nesta capital, o enlace matrimonial da senhorita Dalva Couto Monteiro com o tenente da Aéronáutica Cládio Moreira de Sá, elementos destacados da nossa sociedade.

Brancos com pinta na testa

(Cont. da pág. 29)

enxergado os tôcos das velas votivas, brilhando dentro da noite morna. Terá ouvido os atabaques bramindo um ritmo bárbaro, os orixás baixando e as "filhas" no transe. Viu a sala engomada, os colares de guia, os vistosos panos da Costa. O alujá e o jeguedé. Ouviu o agogô e o caxixi. Assistiu de perto a todo um cerimonial africano, trazido para cá faz quatro séculos pelo ritual das religiões fetichicas... E' o "candomblé".

Se antes houver passado pelo Nordeste litorâneo, terá visto a mesma coisa nos "xangôs". Tocando no Rio, basta dar um pulo até São João de Meriti para rever na "macumba" a mesma cena. As vêzes, já influenciada por elementos amerindios, como no caso de Cobra-Coral, que se suicidou recentemente. Mas sempre mesclada de maneira indissolúvel com as crenças e os santos católicos. Não é impunemente que convivem lado a lado culturas diferentes, pelo espaço de quatrocentos anos...

Pois bem. Chegado a Pôrto Alegre, apanhe um taxi e mande rodar para um candomblé. O "chauffeur" lhe dirá que não sabe o que é isso. Fale em xangô e o resultado será o mesmo. Macumba talvez entenda. Mas se lhe disser: "Vamos a uma casa de **batuque**", êle perguntará logo:

— A qual delas?

Porque a única dificuldade estará em escolher. No Menino Deus, no Caminho do Meio, em Monteserrate, "pai" Fulano ou "mãe" Sicrana...

E não é só uma dúzia de batuques, não. São dezenas. Por inacreditável que pareça, Pôrto Alegre tem tantos que... Bem, o melhor é falar em números. Veremos o que a estatística registra numa década:

	ANOS	
	1937	1947
Casas de batuque	13	78
Altares existentes	18	120
Atos e ofícios realizados	188	1.352
Pessoas filiadas oficialmente ..	369	3.584

Salvador, Capital da Bahia, um dos Estados mais mestiços, tinha no ano passado uns 100 candomblés. Pôrto Alegre, com cerca de 80 batuques, lhe fica muito pouco atrás. E no Rio Grande do Sul, onde se negava pêso, até bem pouco, ao elemento africano... Num Estado que se cria o mais branco da Federação, talvez.

E não se podem impugnar os dados acima. O contrôle estatístico é perfeito. A Repartição Central de Polícia dá permissão para "tocar", "bater" ou "puxar couro" (gíria que quer dizer realizar festa, sessão). Mas só dá quando o batuque, por seu responsável, exibe a quitação fornecida pela Diretoria de Estatística Educacional. Resta observar que nas cifras comentadas se omitem as casas que realizam sessões esporádicas, não regularmente. E' provável que o total suba a mais de 100, se aduzirmos estas últimas e aquelas que perfazem o normal coeficiente de evasão.

E' digna de nota a marcada curva ascendente. As religiões negras progridem na Capital gaúcha com insuspeitada vitalidade. Na Capital do Estado que, sabidamente, é o mais alfabetizado do país...

Há coisas curiosas com relação aos batuques gaúchos.

Quando interventor, o general Daltro Filho desencadeou tremenda campanha policial contra êles. Dentro de pouco o general morreu. Até hoje se boqueja que foi "serviço"...

Não faz muito Roger Bastide se maravilhou com os batuques. E' um estudioso sobejamente conhecido. Melville J. Herskovits, africanologista norte-americano, também veio até cá em 1942. E' professor da Northwestern University, Evanstons, Illinois. Percorreu a África, o Sul dos Estados Unidos, a América Central, a Bahia, o Rio, mas veio encontrar fatos interessantíssimos no Rio Grande do Sul, segundo êle mesmo confessa. Até hoje continua mandando cartões de "Merry Christmas" e pequenos presentes para uma de nossas **mães de santo** lá do Caminho do Meio... E' claro que ela se envaidece da amizade. Sempre se refere com admiração a Melville J. Herskovits: "Puxa, homezinho danado, aquêle! óia que me fazia puxá pela cabeça. Coisa que eu nem lembrava mais, êle me perguntava. Quando viu os tambor, pediu licença, foi direito a êles e tocou como se fosse um dos nosso!". Não foi debalde, portanto, que Herskovits esquadrinhou metade do mundo investigando culturas negras.

Essencialmente, o batuque é a mesma coisa que o candomblé, o xangô, a macumba. Difere só no acidente. Yemanjá, que no Norte se identifica com Nossa Senhora da Conceição ou das Candeias, aqui é Nossa Senhora dos Navegantes. O Oxalá baiano é o Senhor do Bonfim, mas no Sul é o Divino Espirito Santo. Omolu ou Xapanan (São Lázaro, deus das bexigas e das pestes) aqui e lá "come" as mesmas comidas. Mas no Rio Grande do Sul é natural que coma **churrasco** também. Já vi aqui um Ogum dançando admiravelmente de... bombaixas. Note-se que o batuque é pobre, em relação ao candomblé. Na Bahia, os barracões são enormes. Suntuosos mesmo, se comparados com as modestas casinhas de madeira, em uma de cujas peças se desenrola o ritual, em Pôrto Alegre. Com as vestes, a coisa é a mesma: Praticamente não existem pano da Costa, búzios da Costa, no Estado sulino. Cá em baixo, as batas ainda são batas. Mas já não são bordadas, muito menos crivadas. Orobô ou obi são difíceis de obter. Quando chegam, chegam caríssimos. E' que a Bahia até agora mantém ligação marítima com o Golfo da Guiné. O Rio Grande está muito mais longe.

Por tudo isso, cá no Sul não existe aquela teatralidade colorida e fascinante dos terreiros baianos. Mas os cantos, as línguas, os passos de dança são os mesmos. Predominam, pelo que se pode observar, o nagô e o gêge sôbre os elementos bântus. E o ritmo — o ritmo! — é idêntico. Quando rompem os tambores num alujá puxado, a sala pequena retumba, a gente sente o ritmo no sangue e a vibração do ar no próprio peito. "Santo de branco é fraco. O de negro é que é forte!" — diz sempre Mãe Andreza. Mesmo fraco, é o primeiro a baixar, tôdas as noites, naquela italianinha gorda, de pele clara e rosada, olhos azuis e tranças douradas emoldurando a testa...

Ilustrar esta reportagem com cenas de "santo" ou de dança, seria tolice. Todo o Brasil as conhece. Escolhemos o que nos pareceu mais interessante. Talvez inédito, quanto às estatuetas de madeira, arte clássica africana, e que vêm revelar uma surpreendente escultura negra no sul do Brasil.

Pois não é que um país café-com-leite como o nosso, marcado de norte a sul pelo negro, deu agora para manifestar pruridos de alergia discriminatória?...

Bah!

Na educação antiga, isso seria caso de porrete. Hoje, de psicanálise.

Psicanálise!

Tudo está explicado.

A morte de Andrade de Franc

(Cont. da pág. 42)

tério para ser enterrado. Uma enfermeira o acompanhou e o avião o deixou em Paris, onde seguirá um tratamento especializado pela música. Falava muita na senhora. Havia noites que chorava e se dizia uma labareda destruindo inteiramente a si mesmo. Sabe de algum caso de amor que êle tenha tido?

— Não. Nenhum. Sempre me deixava extasiada quando me olhava nos olhos, em certos momentos. Eu o amava. Amava-o tão fortemente que nunca pude dizê-lo. Depois desfiz meu contrato de casamento com o regente de orquestra por isso. Acreditava que Le Franc me quisesse, mas sua personalidade era estranha de mais para que eu pudesse entendê-lo. Sentia que tudo o que êle dizia a mim eram palavras que se diz a amigos, apenas. Que tinha um segrêdo, eu sabia. Quando o visitava aqui, durante noites inteiras ouvia seus passos no corredor, do meu quarto ao lado. Dizia palavras de poemas deliciosos, recitava Shakespeare e parava um pouco como reconstituindo as imagens. Abri a porta. Êle desenhava painéis na parede do corredor e quando me viu correu para mim e me abraçou fortemente. Foi o único contacto mais extremoso que tive com êle durante tôda a minha vida de artista e de amiga, com Andrade Le Franc. Sen-

ti-me nesse momento extremamente dele. Quisera que seus braços não me deixassem mais, e tive a maior onda de amor me sufocando, me abrasando, me construindo. Seus olhos se transformaram num minuto. Seus braços se fizeram logo em seguida quase ramos de árvore, sem calor e sem desejo. Puxou o meu cabelo num gesto frívolo, como quem perde um momento. Logo depois era o mesmo de sempre, enigmático, indiferente. Ultimamente eu sentia que êle pensava em alguém distante. Tudo é lamentável, depois dos êxitos colhidos na Europa e nos Estados Unidos... Êle é grande de mais para ser um homem apenas. Os gênios são estranhos como os gestos dos loucos. E êle é um gênio!

— Não lamente nada. Êle ficará bom — falou o velho Rousseau.

— Quem poderá afirmar? Os gênios não se curam nunca...

★

Naquela manhã as fortes pancadas da porta de entrada foram tão fortes e tão grandes que assustaram Natália. A janela se abriu e o sr. Rousseau estava como uma criança feliz.

Natália pôs o quimono autêntico, lembrança da última temporada em Pequim, e correu a abrir a porta ao médico do "Jardim Branco".

— Uma carta, sra. Natália. Uma carta. E é dele. Êle mesmo. Andrade Le Franc.

As mãos de Natália pareciam aves loucas que não atinam com a direção. Rasgou nervosa o envelope, chorando e rindo ao mesmo tempo e leu em voz alta:

"Natália querida.

Agora sou vivo. Havia morrido como morreram aquelas árvores que te mostrei no outono passado. Tu mesma que eras o sentido da minha existência, estavas como uma flor morta dentro do meu pensamento. Quis sufocar de mais essa chama que ardia como um incêndio voraz. Nunca te disse. Nunca te quis falar. Há certos caminhos que só nós conhecemos e descobrimos e que aos outros são intransponíveis e até ignorados. Teu noivo, tua vida, tua arte me pareceram preencher bem a tua felicidade, e eu era apenas um louco sonhando com tua ternura. Não sabes que por ti adoeci, que por ti cheguei a morrer! Revivi de novo como as amendoeiras do parque. Sei que também morreste. E também sei que nos juntamos em outra vida. Estou compondo sinfonias. Sou outro homem nesse novo mundo. Natália, por que não me contaste antes, êsse segrêdo adorável da morte explodindo em vida? Sim, podes deitar aqui em meu braço nessa longa tarde de outono. Podes vir, querida. Teu

Le Franc".

E' verdade, dr. Rousseau. O presente é o que importa, ainda que enigmático. O presente é a ressurreição. O passado é a morte... disse Natália, enquanto dobrava tranquilamente aquela carta estranha...

DESPEITO

(Cont. da pág. 18)

Dali foi ao seu estabelecimento. Estava lá a empregada Amélia Branco a colocar certas coisas em seus lugares. A casa estava vasia, nenhum cliente. Olhou-lhe o rosto. Era feminino e misterioso. Aquêle tipo o impressionou estranhamente. Tinha um bem feito corpo. Juan se sentiu atraido para ela. Não podia esperar por Susana que rompera o seu noivado. Porque não ter uma outra mulher ali na solidão de sua casa?

Naquêle momento Juan riu torpemente. Em seguida, dirigindo-se à empregada, falou:

— Amelia... estou precisando casar-me. Quer ser minha espôsa?

Ela se voltou para êle e, enrugando a testa mal humorada respondeu:

— Não vejo graça alguma nessa pilheria.

— Falo sério. Ofereço-lhe um contrato comercial Pode partilhar comigo tudo o que tenho. Não estou pilheriando. Agora mesmo poderemos ir ao Registro Civil e nos casaremos...

E tudo foi como êle já contou. Em seguida passou a fazer considerações:

— Agora... estava aqui em minha casa, com a minha espôsa! Nem eu a amava, nem ela a mim; mas eu havia obtido o que desejava.

Abracei-a sem grande entusiasmo, e ela também não parecia muito sensibilizada entre meus braços. Minha espôsa! — Ri amargamente — Fechei a porta. Começava assim a minha vida conjugal.

A casa que tanto horrorizada a Suzana, parecia que se tornara todo o anelo de Amelia. Entregou grande parte de seu tempo em limpar-lhe tôdas as dependências; comprou tinta e pintou tudo, dando um aspécto de nova. Comprou cortinas e transformou as janelas e portas em cousa mais chique.

Todo mundo soube logo que eu havia casado com uma de minhas operárias. Como era natural, houve murmurações e fuxicos, histórias que chegaram também a meus ouvidos.

Ninguém sabia ao certo o que se passara entre mim e Susana. Diziam muitas cousas acêrca do rompimento de nosso noivado, havendo várias versões.

Um dia me encontrei com Susana no centro. Não me senti muito orgulhoso de mim mesmo. Susana estava pálida e nervosa, como se estivesse ocultando uma pena secreta. Eu também senti grande perturbação e o amargor de meus pesares antigos

Logo que me viu, exclamou:

— Oh! Juan Antonio! Por que fizeste isso! Sei que ficaste muito aborrecido; mas para mim não haverá outro senão tu. Ninguém mais terá meu coração. Por que não me deste tempo afim de que eu pudesse compreender? Senti-me arrependida do que te disse, logo depois que te afastaste. No dia seguinte ia procurar-te; mas todo mundo só falava de teu casamento! Oh! Juan Antonio, puseste tudo a perder.

Eu estava profundamente arrependido de meu estouvamento. Estar com aquela mulher tão perto do meu sonho e tê-la perdido por causa de minha precipitação!

— Deve haver algum jeito, Juan! Uma mulher como aquela! Precisamos falar a êste respeito. Não importa o que tenhas feito. Nem o que o mundo diga. És agora o único que me importa.

Eu estava maravilhado. Mas. . e Amelia? Nas noites solitarias eu a havia abraçado como minha espôsa. Ao romper da madrugada, ao levantar-me, eu contemplava sua cabeça que pousara nos travesseiros junto à minha. Amelia possuia um rosto quase infantil muito doce e meigo. Eu não lhe tinha amor, pois êste somente o dedicara a Susana. Mas eu sentia o dever de não fazê-la sofrer. E ela estava sempre tão atarefada naquêle casarão, tão ditosa, como se aquilo constituisse a definitiva conquista de seus sonhos, da mesma forma como a posse de Susana teria sido para mim, a conquista dos meus.

Dali por diante comecei e ir ao centro com frequência encontrando-me com Susana.

— Uma mulher como aquela, Juan! Só ficaste com ela num momento de despeito; mas creio que ela mesma não quererá viver sempre contigo. Nada lhe deves. Essa classe de gente pode viver sozinha. Diz-lhe que foi um êrro, e que queres o divórcio.

Eu, porém, nunca me senti com bastante coragem para comunicar-lhe tal coisa. Um dia em que eu já estava a preparar-me para encontrar-me com Susana, vejo que chega em seu carro à minha porta. Corri para recebêla e me senti meio nervoso. Entrou em meu estabelecimento muito esbelta e bem vestida de azul.

— Já estou cansada de esperar, Juan. Vim fazer um escandalo!

Pelos fundos percebi que entrava Amelia.

— Bom dia, disse ela serenamente a Susana. Pode entrar!

— Obrigada. Creio que poderemos conversar aqui mesmo. Vim apenas dizer-lhe umas verdades que Juan Antonio tem mêdo de revelar!

PEDIDOS A

NÓRA, DULCETTI & Cia. Ltda.

≈FABRICA≈ JOVIAL ≈CALÇADOS≈

Rua Monsenhor Amorim nº 17-A — Telefone 29-0481
Engenho Novo — RIO DE JANEIRO



4055 — Em bezerro acamurçado preto, azul e marron. Preço Cr$ 80,00



4018 — Finíssimo Luiz XV forrado em pelica branca. Camurça nas côres: preto marron, azul. Búfalo branco Pelica envernizada. Preço Cr$ 170,00



4040 — Chiquita Bacana em naco; preto, azul, encarnado, branco. De Cr$ 80,00 por Cr$ 65,00



4056 — Modêlo novidade. Em bezerro acamurçado preto azul e marron ou em búfalo branco com guarnição havana. Preço Cr$ 90,00

CONDIÇÕES — Pagamento por vale postal, cheque ou dinheiro Sendo o pagamento pelo Reembôlso Postal, cobramos mais Cr$ 10,00 para o porte.

Não fazemos remessa por via aérea.

Faça seu pedido hoje mesmo, escrevendo, com clareza, nome, localidade, rua, Estado, etc., declarando as condições de pagamento

BONIFICAÇÃO — A todos os que nos comprarem no corrente ano Cr$ 1 000,00 oferecemos grátis um par de sapatos no valor de Cr$ 100,00.

REMETEMOS CATALOGOS GRATIS

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

— Não é necessário Já sei de que se trata. A senhora é a mocinha que desprezou a Juan, que, por isso, resolveu casar-se comigo. Agora vem buscá-lo. Crê que vou fazer cenas, exibir-me como uma qualquer. Crê que vou dizer que se casou comigo porque estava embriagado e que isso não podia durar. E Juan, aqui ao lado, pensará que vou sair patéticamente, arrumando meus troços, a chorar como uma criança! Pois ambos estão muito enganados! Sei ainda, Juan, que tu tens estado a encontrar-te constantemente com ela, pois as novidades vôam e temos vizinhos intrometidos... Ademais eu via escrito em teu rôsto quando vinhas da companhia de Susana, a tua indecisão.. a tua angústia..

— Estou envergonhada, Amelia! — disse eu. — Tens sido muito boa e não é justo.

— Não é preciso compadecer-se de mim. Ainda não concluí. Vou ficar aqui mesmo! Dei-te a oportunidade no dia em que casaste comigo, mas não a aceitaste. Palavra é palavra, e eu sou tua espôsa. Não posso obrigar-te a ficares aqui se queres ir-te com ela; mas posso permanecer aqui em minha casa até que recobres a razão e regresses.

A voz de Susana explodiu irada:

— Que atrevida! Vem Juan Antonio! Deixa-lhe a casa! Eu jámais viveria aqui depois que ela viveu! Vamos!

Mas eu começava a ver as coisas com clareza. Amelia, a casa, a oficina, eram minhas. Era um todo harmonioso que me pertencia. Susana era uma outra cousa distante que jámais me pertencera. Daí não ter eu resolvido ainda pedir divórcio a Amélia. Não seria por temer fazê-la sofrer. Era porque não queria que ela se fôsse. Amelia era parte de uma época pela qual eu passara. Podia vê-la eu agora como justamente era: linda, mimada, amorosa.

Olhei minha espôsa que continuava de pé, ante mim e lhe disse suavemente:

— Ficarias surpreendida se te dissesse que já recuperei a razão?

— Não, em absoluto. — Respondeu-me serenamente.

Susana, percebendo o desfecho que lhe era desfavorável, deu uma volta e partiu irada para seu carro.

Enlacei Amélia. Ela disse muito calma:

— Jogando assim meu destino! E se tu estivesse contra mim, eu teria que lutar!

— Porque?

— Porque não te quero perder...

— Eu também muito te amo, Amelia. Esta é a nossa casa e, um dia seremos ricos...

— Se não o somos, isso pouco importa. Não começamos muito bem; mas teremos um final deslumbrante. Sabe porque? Porque vamos ter uma família completa: papá, mamã e.. carinhos! Nossos filhos serão a alegria desta casa. Compreendes agora? Era isto o que me faria lutar!

Afaguei-a e encostei sua cabeça em meu ombro. Era possível que houvesse outro homem mais feliz neste mundo; mas... isso eu duvidava..

COMO NASCE UM ASSUNTO

(Cont. da pág. 37)

Subimos uma elevação, de onde se via uma área maior, totalmente arada, os sulcos simétricos abertos na terra forte e fecunda. Terra a ser utilizada no plantio de batata e de cana destinada à forragem do gado. E entramos a ver a pequena lavoura, predominando verduras e hortaliças.

— "Sempre que posso, venho para cá. Olho uma coisa e outra, ajudo e até comando."

E voltando-se para um dos empregados:

— "Olha êsses parasitos. Não deixe que se propaguem."

— "Que tamanho tem o sítio, ministro?"

— "Dois alqueires paulistas ou um alqueire mineiro, o que corresponde a quarenta e oito mil e quatrocentos metros quadrados."

— "Muita gente de trabalho?"

— "Seis homens.

O general, que está sempre acendendo um cigarro, respondeu:

Retificamos: — Sete, com o chefe da divisão...

— "Vá lá..."

Abordamos o assunto principal das granjas, a indefectível criação de galinhas.

— "A criação de galinhas. em pequena escala, não dá resultado. Acredito que só se consiga algum lucro com, pelo menos, cinco mil cabeças."

— "Ministro — foi a nossa última pergunta — a água do sub-solo é doce?"

— "Veja como estão as plantas que ela rega..."

Aproximava-se a hora do almôço e havia visitas sentadas na varanda da casa. Agradecemos tão bom e cavalheiresco acolhimento.

Desejamos ao fazendeiro felicidades no seu esfôrço rural. E êle arrematou:

— "E' preciso. Não tiro um tostão do meu ordenado para sustentar o sítio. No dia em que me der prejuizo, acabarei com êle."

O general nos deixou no portão. Um abraço de bons camaradas. Um adeus cordial.

O carro saiu devagar pela estrada de saibro, sacudindo a poeira do chão. Trazíamos nos negativos dos filmes e nas notas do nosso caderno, mais do que troféus de uma conquista — a curiosidade satisfeita e a consciência do dever cumprido.

Éramos como que vitoriosos, felizes, batendo em retirada...

Na nossa profissão isto não chega a constituir uma incongruência...

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!



A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00
Atendemos também pelo Reembôlso Postal
1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00
6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte
Pedidos à
CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.



LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Metrolina
antisséptico
adstringente
bactericida
O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

Nº 18

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







VINTE QUATRO HORAS PASSAM E SANDY NÃO APARECE. SCARLET ESTÁ MUITO PREOCUPADA. A POLICIA FALA-LHE DE MALIGNANT



















Uma fazenda que não tem um pouco de tudo não é fazenda. Verduras e hortaliças completam o sítio onde, aos sábados e aos domingos, sempre que possível o general Canrobert, como tantos cariocas, foge da vida metropolitana em busca de repouso e novas energias



O agricultor Canrobert apontando para o conjunto do sítio com o orgulho natural dos que são proprietários de um pedaço de chão. O aspecto abrange a casa, o caramanchão, parte das pocilgas, destacando-se as fruteiras antigas

REVELAÇÕES DA "GRANJA S. CARLOS"

RIO, METRÓPOLE DO NERVOSISMO E DA PRECIPITAÇÃO ★ UM INCIDENTE QUE TERMINA BEM ★ A LUTA PELA ÁGUA ENVOLVE GRANDES E PEQUENOS ★ UM DIA ENCANTADOR NUM RECANTO DE PAZ E DE TRABALHO ★ OS "PERUS" BEBEM MUITO LEITE

Reportagem de A. VIEIRA JÚNIOR

A notícia causou estranheza: uma alta autoridade, afirmou-se na Câmara Municipal, estava desviando água do abastecimento público para suprir as deficiências da sua propriedade privada, disse o vereador.

E a resposta do ministro veio rápida como um petardo, forte, incisiva, causticante, brasileira.

Se a água faltou, a verdade não se fêz esperar. E logo apagou o incêndio, desanuviando o ambiente.

O vereador lá esteve, viu e reconheceu nobremente o equívoco. Foi melhor assim. Ou não dissesse nada ou falasse alto, como nas democracias, mesmo do tipo da nossa, tão cheia de defeitos, convalescente, fraca, desajustada, positivamente mal exercida até por falta de hábito... A intriga surda e o sussurro, que minam sem que sejam percebidos, são o pior de tudo. O que se apura, por fim, é que o homem público de destaque não tem como quer as coisas que gostaria de ter. Não há desvio de água. Lá estão os cataventos testemunhando o fato.

Tudo passou. Mas o sítio ficou. E ficou na curiosidade do reporter, que não tem limites. Como seria essa propriedade? Seria grande, pequena, pomposa ou singela? Sim, porque a fazenda não tinha cartaz.

Fica em Jacarépaguá... Não é difícil...

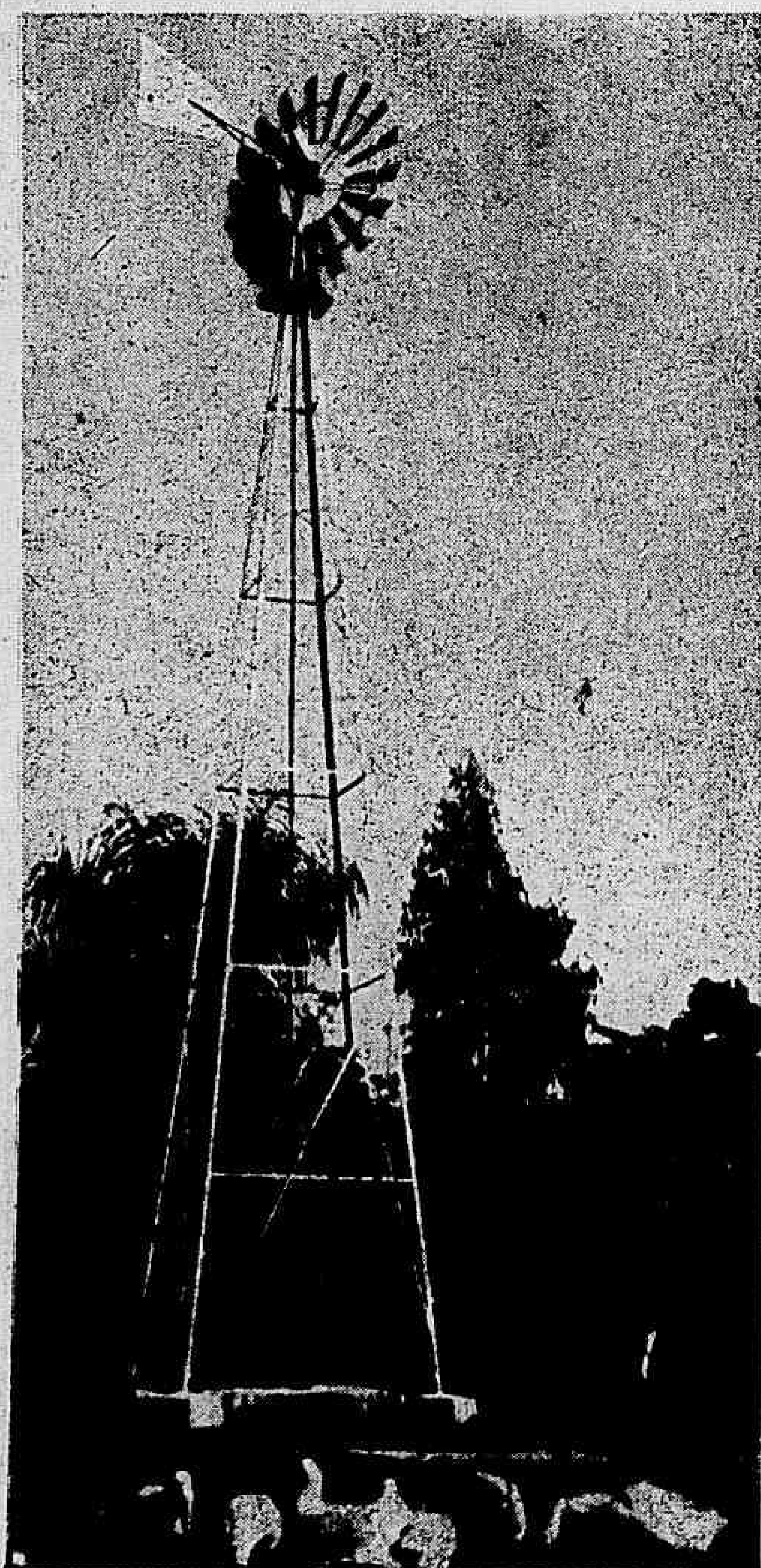


Não é difícil o ingresso ao sítio da "Estrada do Capão" em Jacarepaguá. Vizinhos e amigos do agricultor Canrobert ali vão "bater papo" sôbre o tempo, a chuva... Para ver se "pescam alguma novidade sôbre a situação falam até de lavoura





O general toca a manivela. Parece de encomenda. A máquina não funciona. "Cadê" água? E o agricultor, desolado, posa tristemente ao lado do moinho. A propósito, general... "Não me fale neste caso. E' melhor a falta dágua do que água suja"



Mas os moinhos apareceram: são dois cataventos. Estava na hora. Um punhado de patos brancos brincava no gramado. Patos ou marrecos, sr. ministro? Nem êle nem o repórter estavam pensando nos bichinhos na ocasião



No portão principal apanhamos o Machado — administrador do sítio, que tem o nome de S. Carlos em homenagem a um filho do general falecido aos dez anos de idade. Machado foi jornalista. Agora é agrário e se sente feliz

O dia amanhecera banhado de sol. E não se constatava o menor indício de qualquer anormalidade ou motivo de fôrça maior impedindo o direito, hoje quase sagrado, do exercício do "week-end" nas granjas e fazendas.

O general Canrobert Pereira da Costa deverá ir à sua vivenda de campo. Fomos, como se diz, quase na certa. Chegámos à Freguesia ainda cedo. Onde fica o sítio do ministro da Guerra?

O senhor segue rumo à Barra da Tijuca, porém, adiante entra pela "Estrada do Capão". E' logo depois da ponte.

Seguimos. Alcançámos a estrada que nos indicaram. Lá estava a ponte. Logo adiante, porém, nos esperava o primeiro e último equívoco: vimos um portão bonito, portico de um grande sítio. Deve ser êste, mesmo porque outro indício não se apresentara ao nosso olhar investigador: uma sentinela ou coisa equivalente. Mas não era o do Ministro, o sítio do portão grande...

Afinal, um conhecido do general orienta a reportagem:

— "Sei onde é. Não é difícil a entrada. Vamos. E' ali".

O companheiro do ministro — pois é também um "fan" de Jacarépaguá — entrou.

Ficámos "na cêrca". Mas, pràticamente sem demora, vem um empregado nos dizer:

— "Podem entrar. O sr. ministro está na outra porteira".

No íntimo, já antegozando a conquista do terreno, pensámos mas não dissemos: — O general está perdido. Se nos mandam entrar está feita a infiltração. No corpo a corpo a vitória é nossa". E quando nos aproximamos de sua excelência e vimos o sorriso amável e simples com que nos acolheu, não obstante têrmos planejado e executado contra o seu reduto um ataque frontal de surprêsa, sentimos que dali não sairíamos sem a colheita que o nosso mister almejara.

O meio era propício à cooperação e à boa vontade. Se houvéssemos pedido a entrevista no gabinete de trabalho do ministro, entre casos e papéis, problemas e telefones, o nosso destino teria sido outro. Provàvelmente o general fora para ali no sábado. E o ambiente bucólico desintoxica os espíritos.

A paz das árvores, a quietude do isolamento que não é monótono porque nela é que se fazem ouvir as vozes da natureza, torna o homem mais acessível. De resto, o cidadão mais armado do país, naquele instante de blusão vermelho e calça clara, era o mais imbele dos mortais. E, enquanto o fotógrafo disparava a sua arma para tomar um aspecto da residência, fomos dizendo:

— "General, queríamos fazer uma reportagem..."

— "Já sei... Não convém... Não se deve falar mais nisso... O caso está encerrado. O homem já esteve aqui, viu tudo, ofereceu completas explicações sôbre o equívoco".

Não se trata disso, sr. ministro. O que nos interessa é ver o seu "week-end" neste recanto magnífico, embora tão simples, que nos surpreende.

E como não há proprietário que não sinta orgulho do seu pedaço de terra, mesmo que êste seja um penhasco árido, o anfitrião nos pôs à vontade. Pisando a grama bem cuidada, fomos entrando em companhia do general que, despido de qualquer formalidade, como se fôsse apenas o chefe dos capatazes do sítio, respondia às nossas perguntas.

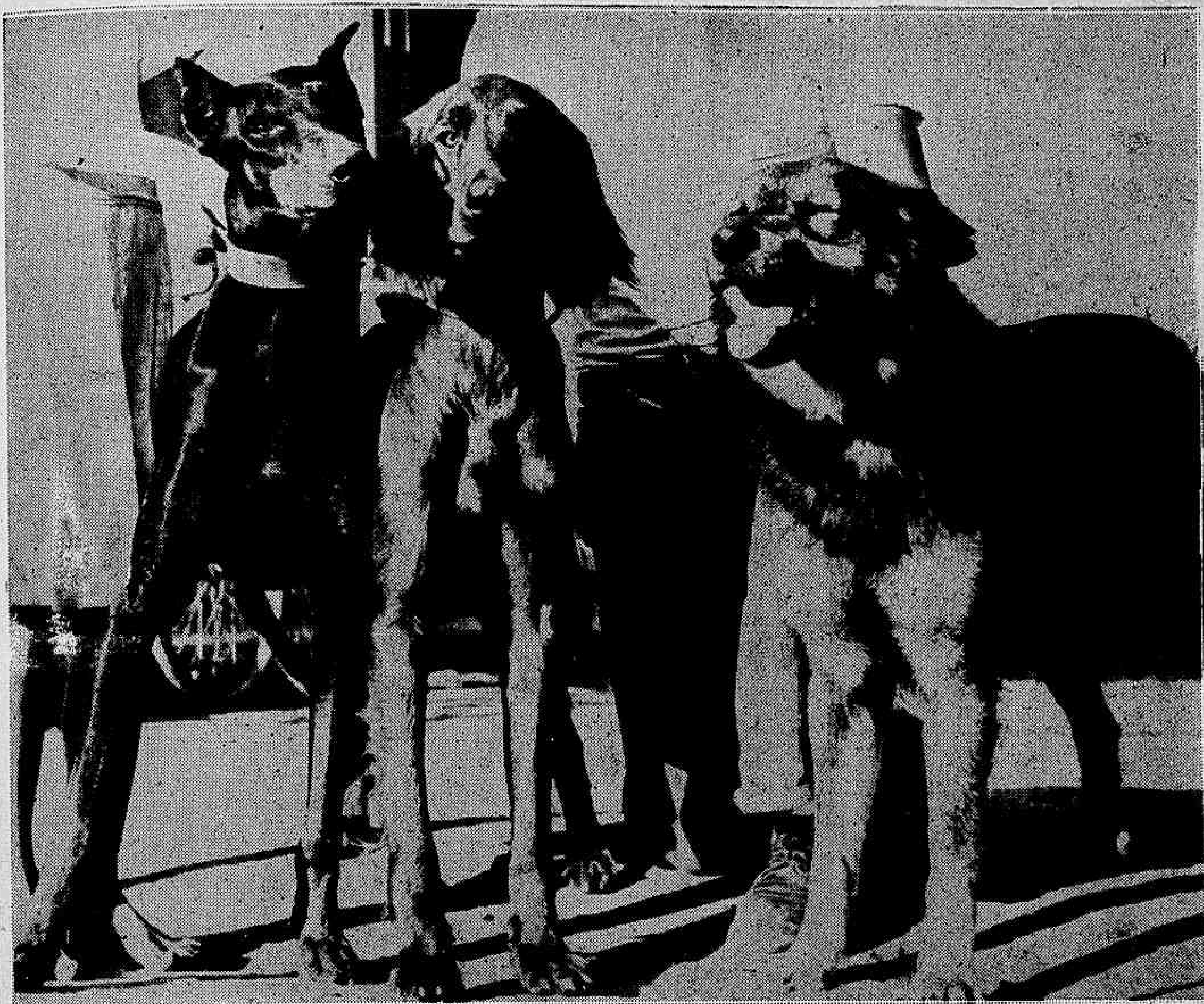
— "Há muito que possui esta terra, general?"

— "Não. Em 1944 tive ocasião de travar conhecimentos com uma Companhia especializada, isto por intermédio do falecido coronel Picanço. O primeiro passo foi a obtenção do empréstimo necessário à aquisição. E a citada emprêsa, que se encarregara de tudo, veio a descobrir que os intermediários que m'a queriam vender não eram donos de coisa alguma. O imóvel estava incluído no acêrvo do saudoso Barão da Taquara, pertencendo assim ao seus legítimos herdeiros. Mas, tudo terminou bem. O sítio é meu, comprado que foi aos legítimos donos. Restou, porém, uma pequena lição da experiência: não ter dinheiro (parece incrível) é ótima coisa em dadas circunstâncias. Se o tivesse, de certo que teria ido parar nas mãos dos "grileiros" da primeira oferta."

Arriscamos uma ponderação: naquele tempo terra não era tão cara...

— "Realmente, mas hoje está valorizada. Inicialmente, comprei uma parte; depois a outra."

E fomos andando. Os pássaros de tôdas as côres e variedades que enchiam os viveiros, cantavam a beleza



Não são muitos mas são bons e bonitos os cães do sítio. Da esquerda para a direita: "Rex", da raça Doberman, "King", da raça Setter, e "Kaiser", da raça policial. Êles posaram de boa vontade para a objetiva do nosso fotógrafo



O general se detém uns minutos diante do "Korki", o seu cavalo favorito, magnífico exemplar, que sozinho encheria o sítio. Sente-se que diante dêsse amigo e servo o general Canrobert se rende inteiramente. Não é ministro. E' o fazendeiro que contempla um cavalo de raça

daquela manhã de julho. Um casal de "corrupiões" trazido pelo ministro, pessoalmente, do Amazonas, dava a nota máxima. Víamos tudo e, ao mesmo tempo não estávamos vendo nada. A água dir-se-ia uma mina soterrada em que procurávamos tocar com mil cautelas para que não explodisse.

— "Ministro, que acha de sua produção rural?"

— "Não tenho êste sítio com o intúito propriamente de negócio. Mas é necessário que renda para se manter. E a luta contra o "deficit" é a mesma de todos os sitiantes. O que se produz aqui, tirante o leite, vai para a cooperativa. De modo que a situação se equilibra razoàvelmente."

E continuamos andando. Vimos uma pequena tôrre de metal. Era...

— "General, aquêles dois cataventos são geradores de energia?"

Sentimos a atmosfera ligeiramente carregada. E o ministro, hàbilmente, tentou contornar o objetivo:

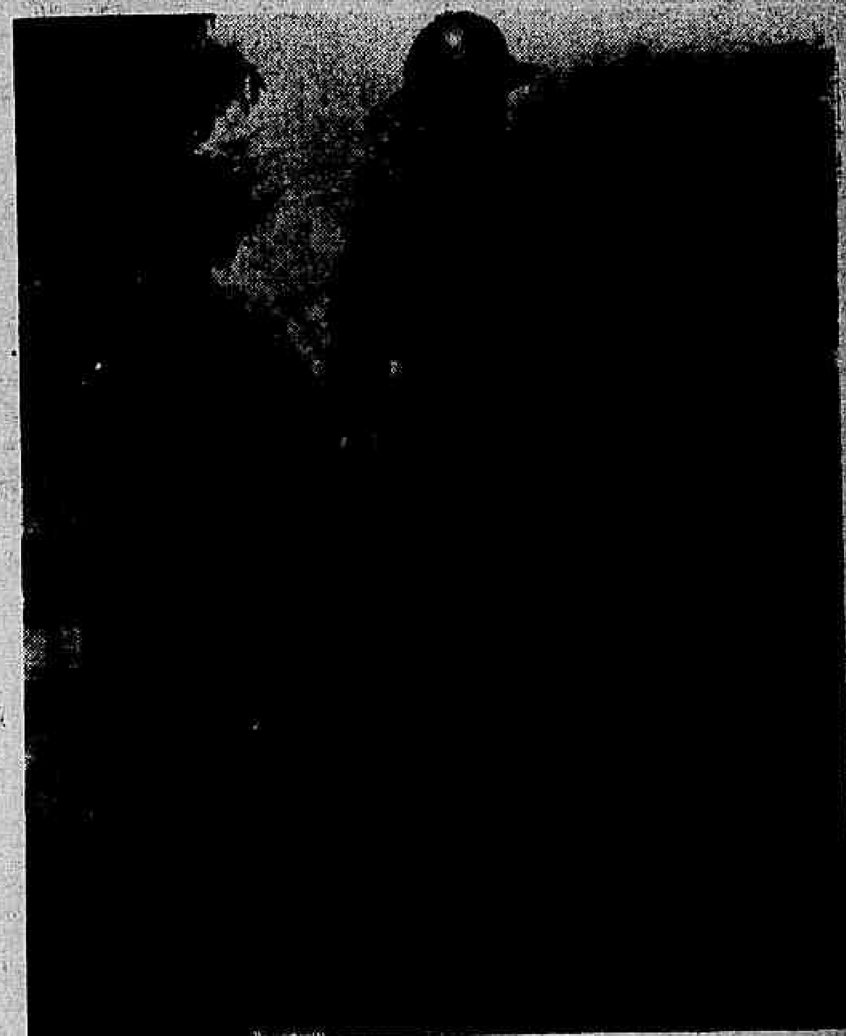
— "Não. A fôrça motriz dos ventos é aproveitada para acionar bombas de sucção que extraem do subsolo tôda a água que usamos aqui.

"E' um problema sério a obtenção de água para a manutenção dêste sítio. Isto determinou a abertura de três poços. Ainda assim, durante os meses de estio é necessário um rigoroso contrôle na distribuição do líquido."

E apontando para um dos mananciais:

— "Êste poço, de acôrdo com a sua profundidade e diâmetro, dá cêrca de três mil litros. Com os outros dois, um deles manobrado a motor de explosão, posso contar com quatorze mil litros de água por dia."

Visivelmente bem humorado, ora pisando terra fôfa, ora transpondo alagadiços, o general palestrava a propósito das coisas do sítio.



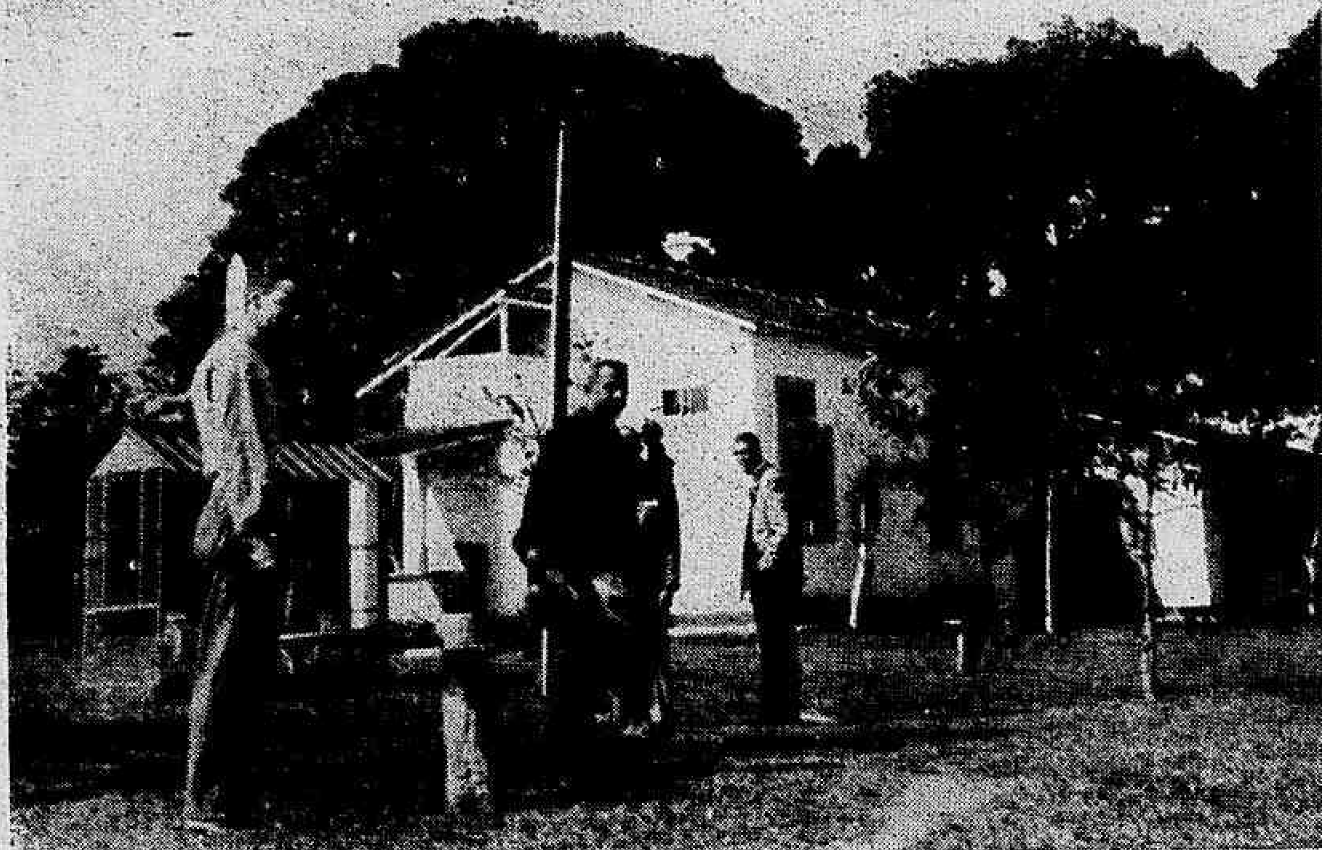
Por falar em comer muito, está aí êsse "big" porco, o maioral da "tribo", um respeitável agente da produção. Até parece uma trincheira. Em verdade, nas fazendas, o suíno é um indispensável ponto de resistência contra o "deficit" dos amadores e dos profissionais da terra



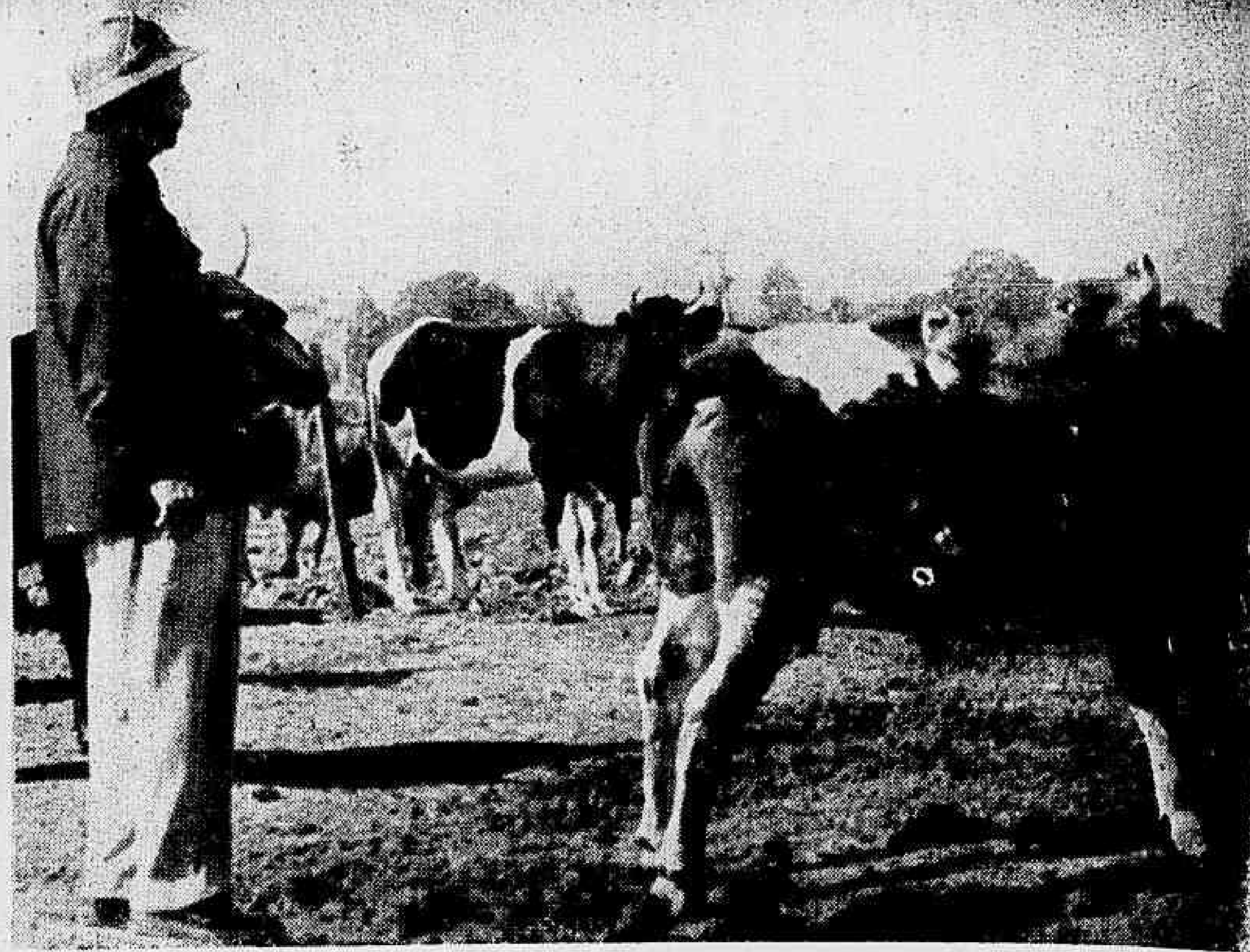
Na propriedade de um soldado do mar naturalmente o cisne seria branco. Êste cisne preto dá um toque de imponência ao ambiente. Aqui não é o leão que é o rei dos animais



Diante dos perus que rodam empavonados, a reação do dono é positivamente outra. Concentrado, olhar penetrante, dir-se-ia que o fazendeiro procura transpor a sua plumagem como quem investiga: "será que já estão na véspera?"



Está aí a "Casa Grande" do sítio do ministro. Maiores e mais imponentes são as mangueiras que lhe servem de fundo. Sol, gramado amplo e singelo. Água? O repórter, inicialmente, não tocou nesse pormenor, nem mesmo para pedir um simples copo...



Desfilam as rêzes. E' uma revista diferente. Gado bom, porém, criado sob o ponto de vista utilitário. Nenhuma preciosidade bovina. O de que se trata é da produção do leite, que vai para o mercado e ajuda as finanças do sítio Como seria bom se gado vivesse sem comer...



Acendendo o cigarro, o entrevistado confessa que, por sorte, não tinha dinheiro na ocasião em que alguém, que não era dono, lhe ofereceu o sítio que, afinal, se tornou sua propriedade. Se não é totalmente um repouso, lhe dá, pelo menos, dores de cabeça diferentes das que tem no Ministério

Não foi necessário que êle nos dissesse a preferência que tem pelos animais, embora ali seja dispensado o mesmo cuidado às plantas e à pequena lavoura. Instintivamente, o ministro ia nos conduzindo para a criação. E não demorou que estivéssemos diante da vacaria. Gado bovino de boa qualidade predominando "Jersey", com um pouco de "Holandês". Mas nos declarou peremptoriamente:

— "As criações que mais me apaixonam são as de vaca e de porcos.

— "Quantas rêzes, ministro?"

— "São cêrca de quarenta."

— "E a produção de leite?"

Depois de uma consulta ao capataz, veio a resposta:

— "Atualmente, uma média de 150 litros por dia. O gado estabulado — ponderou — não deixa boa margem de lucro, porque reclama despesas elevadas. Em certas épocas do ano os gastos são compensados. Mas não é bom negócio... — e o general segredou: — Vem muita gente beber leite aqui. Que se há de fazer...'

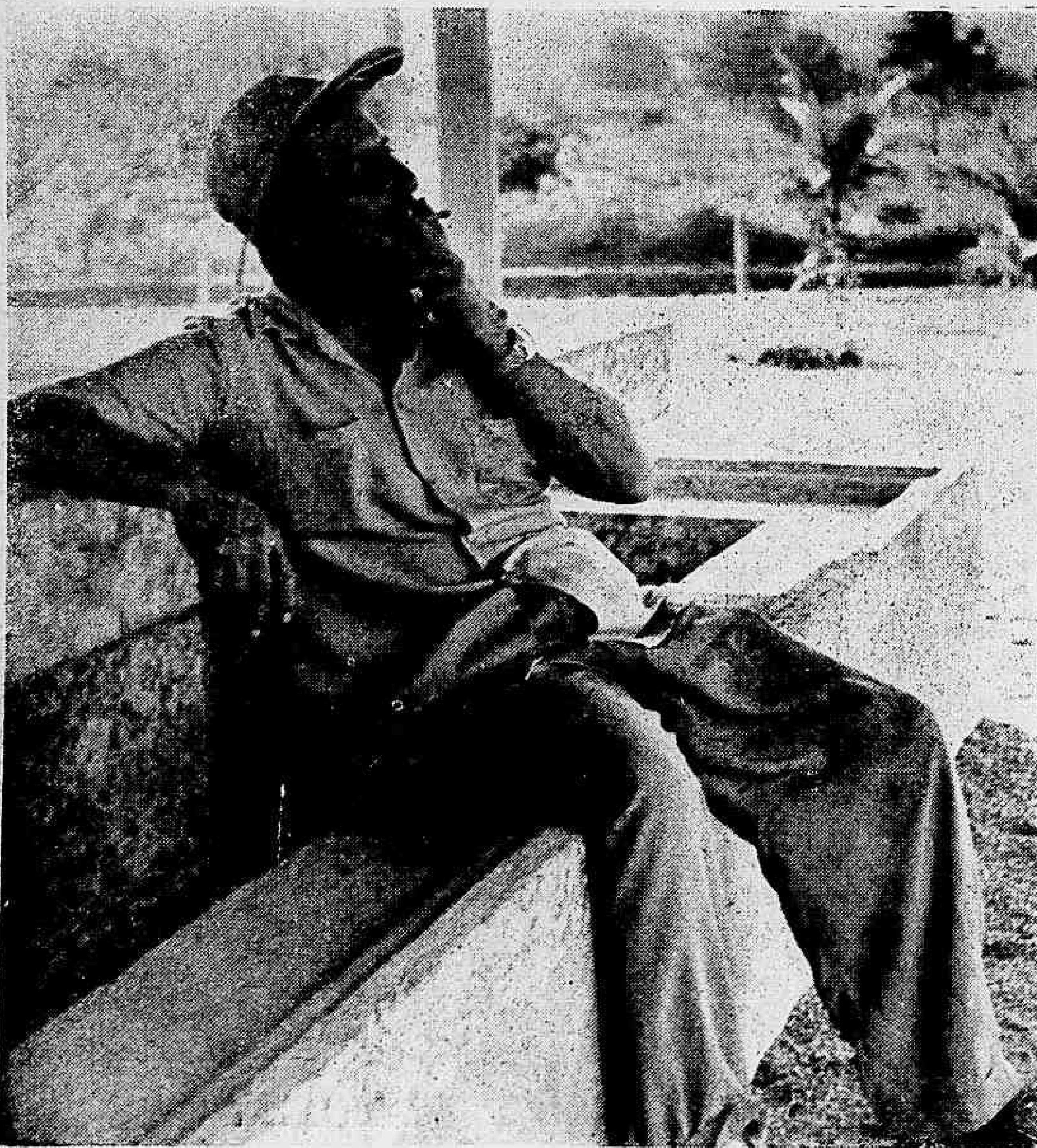
Passamos adiante. Eram aqui os patos, ali as galinhas, a seguir os perus, depois os porcos. Os da raça "Hampshire" são preferidos para engorda. Comentários atinentes à criação e seus problemas.

— "E tudo isso que se vê, repito, vai para o mercado. E é dessas vendas que procedem os recursos com que o sítio se mantém. Uma "ginástica", concluiu, sorrindo o proprietário. Até o estrume se vende. Uma média de dois carros por dia, a setenta cruzeiros cada um."

(Continua na pág. 50)



O vereador João Luis de Carvalho, representante do P.T.B. na Câmara do Distrito Federal, falando ao microfone.. Tendo veiculado a informação e verificado o equívoco, retificou o que afirmara, encerrando-se, sem maior consequência, o incidente que foi rápido e aceso como um raio



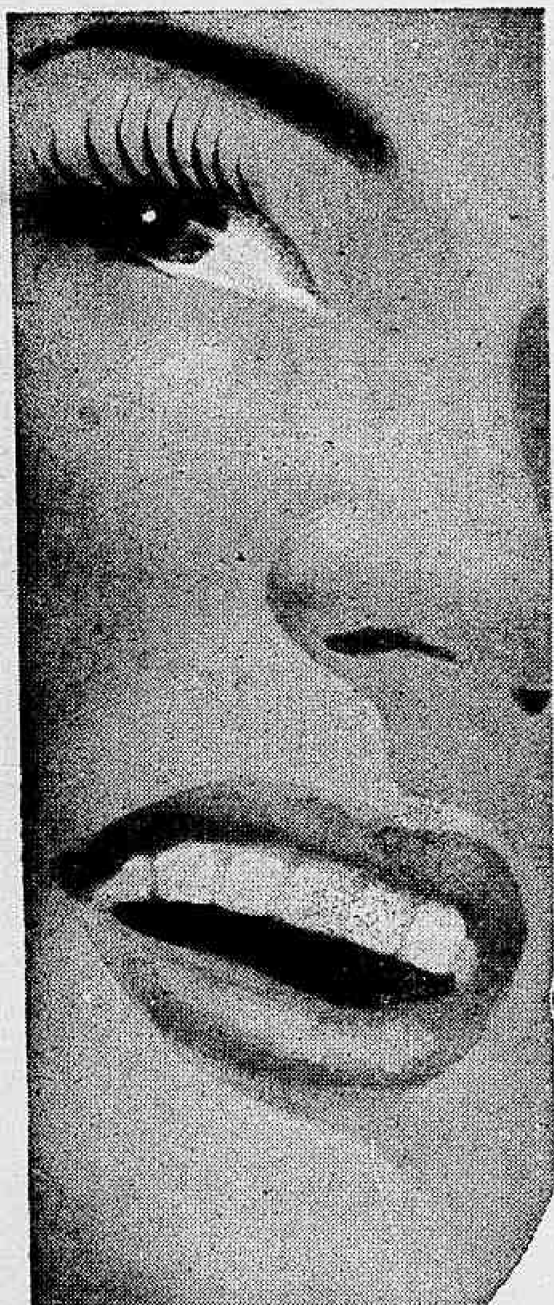
Êste flagrante apresenta o general em traje, tipicamente de fazenda. Sentado, sob o caramanchão, o sitiante se abriga um pouco da canícula. O fotógrafo o surpreendeu neste instante de descanso. Será que êle está pensando na couve, no milho, no preço do leite, no próximo plantio no campo que arou?...



Não há braços. Salários altos. Êste tratorzinho constitui todo o setor mecanizado da propriedade do general Canrobert. Calça e blusão de "fim de semana", sapatos e capacete inegàvelmente da "reserva", êle acha que na paz, como na guerra, a mecanização é o que resolve



Vai a reportagem findar diante do gnomo. O anãozinho, que é um símbolo dos tesouros da terra, não diz uma palavra, nem poderia dizê-lo. Entretanto, diante dele curva-se um general de divisão e ministro de Estado



Beleza nova PARA SEUS OLHOS



A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçóis.



Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos



Artes PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL



"Ave Maria", de Francisco Céa, reproduzindo uma cena em Ouro Prêto

MUITO poucos são os nossos artistas pintores que se dedicam a uma das mais difíceis manifestações do talento em artes plásticas — a Miniatura — executando quadros de diversos motivos do tamanho de um cartão postal Possuímos, porém, um dêsses mestres do miniaturismo, o sr Francisco Céa, filho do Estado do Rio, mas que levou grande parte de sua vida em São Paulo

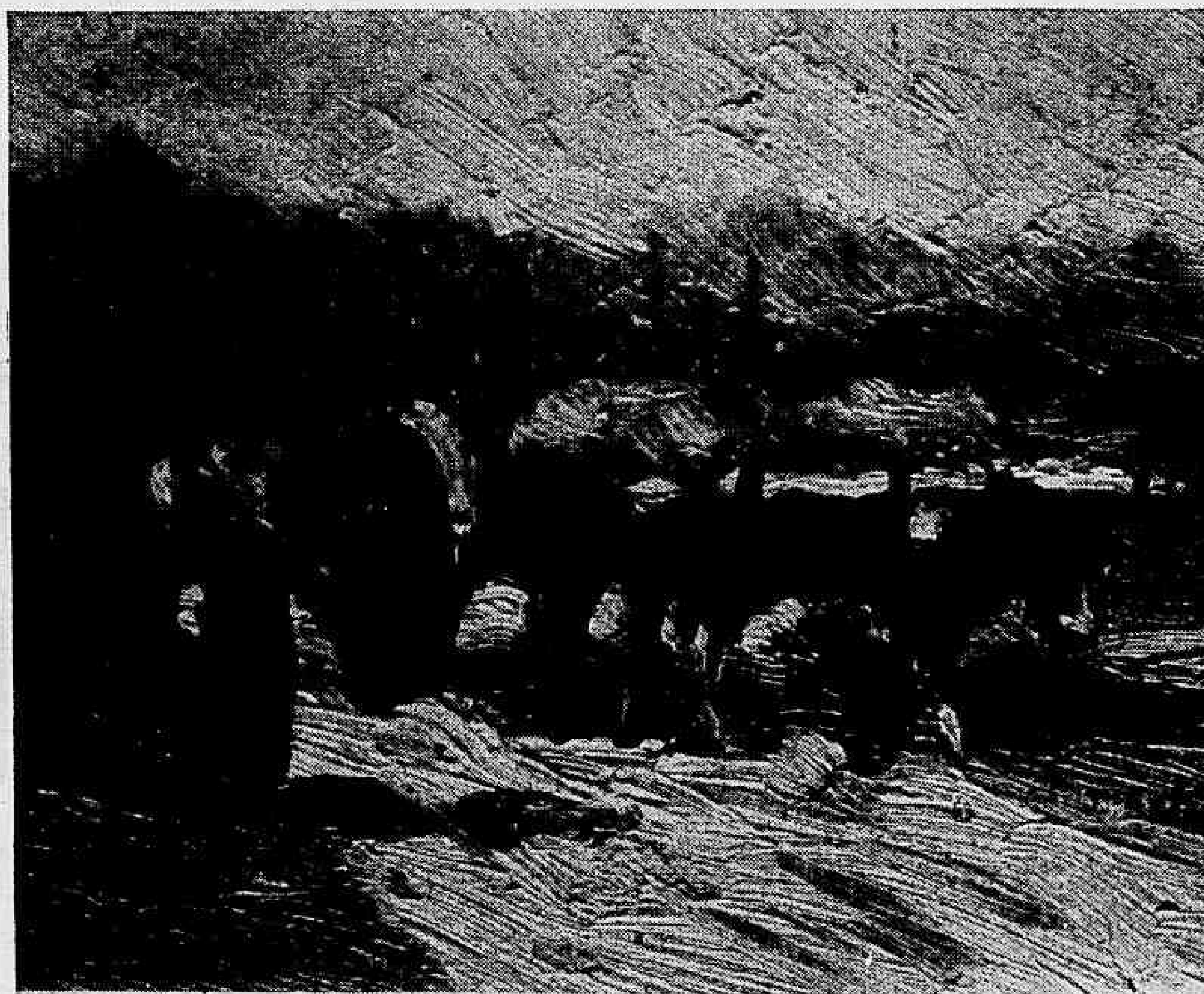
O Rio de Janeiro o hospeda desde os princípios de julho, quando exibiu num dos salões do Pálace-Hotel uma esplêndida coleção de quadros-miniaturas dos mais surpreendentes efeitos.

Francisco Céa, como bom artista que é, não se limita a verter para a tela suas impressões da terra natal ou de São Paulo; êle viajou por êsse Brasil em fora, contemplando paisagens do nordeste, de Minas, da Bahia, do que nos oferece quadros de rara beleza em côres e sugestões.

Numa praia cearense êle se inspirou diante da exuberância do sol, dos coqueirais e do mar verde e bravio, pintando aquela miniatura a que deu o nome de "Recanto Nordestino", com a choça do pescador e uma vela a deslizar ao longe, sôbre as ondas.

De Ouro Prêto, entre outras, nos deu a divina miniatura da "Ave Maria", com um vulto feminino já semi-envôlto na penumbra do crepúsculo a caminho da capelinha bi-centenária.

Francisco Céa é um taumaturgo da pintura, como Bilac o fôra da poesia. Um, pinta miniaturas na tela; outro, miniaturas nos sonetos. Dois poetas geniais.



"A caminho da fazenda", outra miniatura de Francisco Céa, inspirada em motivos do interior mineiro

CORREIO DA REVISTA

Aluízio Ordanes de Castro (Belo Horizonte) — Aprovado o seu "A Ronda dos Vivos".

★

Um admirador sincero (Maceió) — Ela é casada e reside no Rio; mas não sabemos o seu endereço.

★

Lacy de F. Milagres (Belo Horizonte) — Também não recebemos o seu conto "12.058".

★

Nazareth Brasil (São Paulo) — Recebemos sua carta. No momento não temos oportunidade.

★

Ribamar Galiza (Barreiras, Bahia) — — Atendido.

★

Antônio Coêlho (Natal) — O critério de julgamento entre nós e outras revistas não pode ser exatamente igual. Entretanto, há uma particularidade que o amigo ignora. Os primeiros originais daqueles contos não foram aprovados pela REVISTA DA SEMANA. Aconselhámos o autor que os refundisse dando-lhes mais vigor e um final emocionante. Êle seguiu nossa orientação e mandou outra versão, sendo aprovados. Agora, aceite nossos parabens pelo espírito de observação que possui.

★

L. Sarmento (São Paulo) — Impossível. Não há oportunidade.

★

Cleonice R. T. Ribeiro (Barbacena) — Foi aprovado o seu "Conto de Junho". "A Mudança" ainda não foi julgado. Continue. Você tem muito jeito. Quanto ao outro assunto, já foi providenciado.

★

Armando Bicca (Pôrto Alegre) — Muito gratos pela comunicação e nada tem que nos agradecer. Registramos a notícia de que nossas reportagens tiveram grande repercussão no Uruguai, e fazemos votos pelo crescente progresso do "35 — Centro de Tradições Gaúchas".

★

J. G. R. S. (Maceió) — Não foi aproveitado o seu "Capricho do Destino". Procure ler bons autores de contos, apure o poder descritivo e evita linguagem matura em excesso.

★

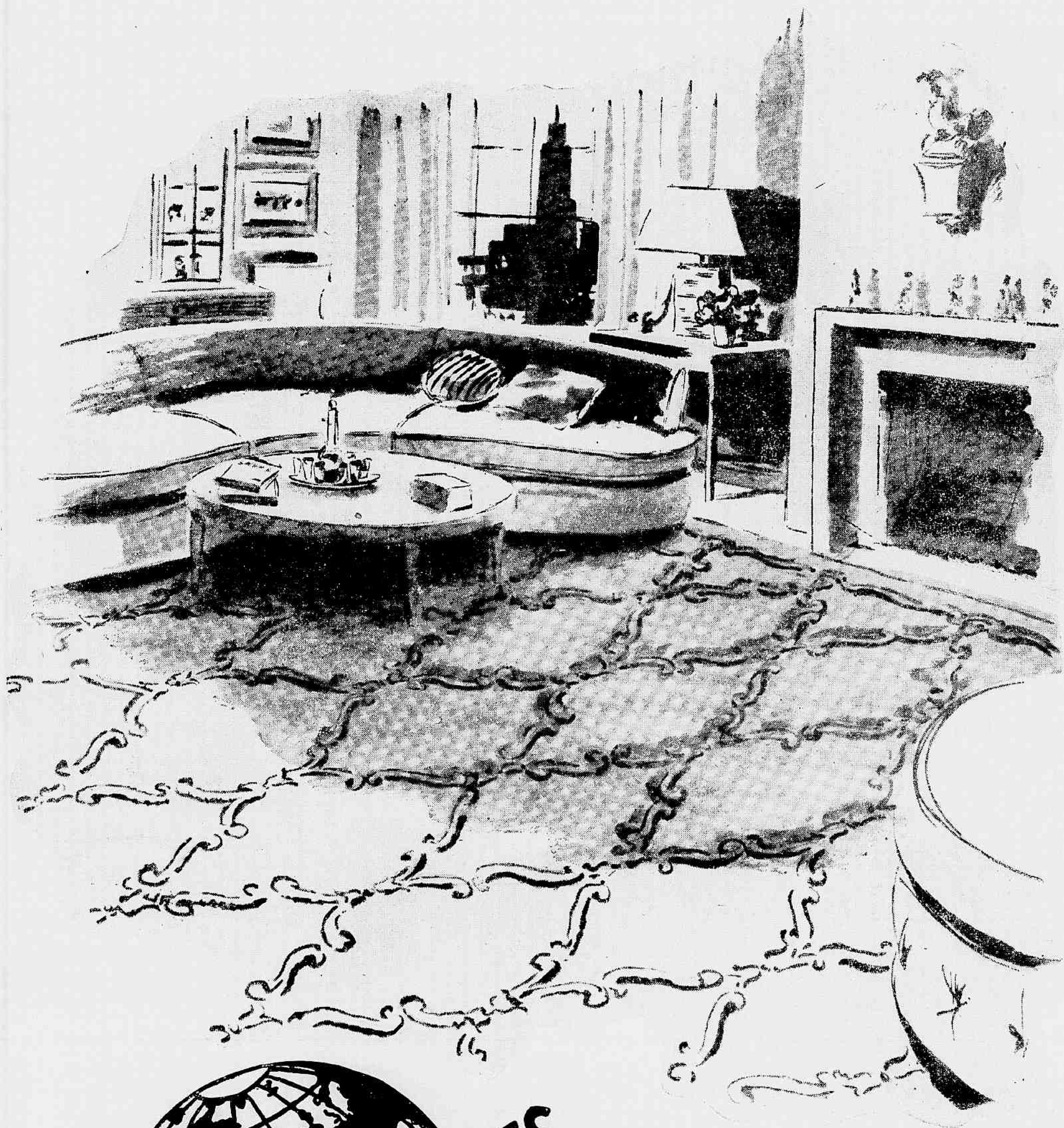
Isabel Maria de Sousa Nogueira (Nova York) — O colaborador declara que obteve a informação da própria Norma Calderón.

★

I. Marques (?) — "Justina" foi aceito. Vamos ver o outro.

★

E. A. Silva (São Paulo) — Recebemos e agradecemos a reportagem que, infelizmente, não pode ser aproveitada por deficiência de material fotográfico.

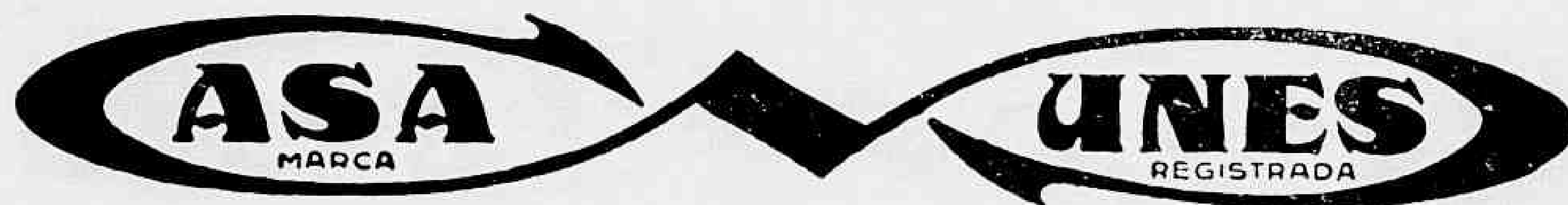




Sortimento incomparável de

Tapêtes e passadeiras

Francêses, Inglêses
Persas (legítimos)
Tchecos, Portuguêses e
nacionais. . .
recebidos diretamente das fábricas



65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

A moda varia...





...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — o colarinho duro e muitas outras coisas já sairam de moda... mas a popularidade absoluta dos cigarros Continental permanece inalterada. Os cigarros Continental sempre se mantiveram **uniformes** em qualidade e paladar. Hoje, melhores do que nunca, os cigarros Continental crescem na preferência do público — e, hoje como ontem, Continental é o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.



Lisos ou com ponteira

Cigarros **Continental**

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**